



KAORI

Perfume de Vampira

Giulia Moon





KAORI
Perfume de Vampira

“A narrativa de Giulia Moon é arrebatadora, misturando tudo o que há de melhor na literatura de terror e suspense. *Kaori* não pode ser chamado de um ‘sopro’ de talento e diversão para os leitores mais exigentes, *Kaori* é um ‘cyclone extratropical’ dos grandes, avassalador e intenso.”

André Vianco, autor de Os Sete, Sétimo, Bento, Vampiro-Rei, Turno da Noite e Vampiros do Rio Douro.

“Giulia Moon é contista por excelência. Da *web* ao papel, brotaram três magníficos livros. Aqui, a dama rubra do terror arrisca seu primeiro romance: *Kaori - Perfume de Vampira*. Diferente do conto, a narrativa longa sugere uma espiral de eventos que se sucedem, concluindo e iniciando arcos, evoluindo a trama, nutrindo tensão e expectativa para *le grand finale*. Um desafio sobre o qual, em sua estreia no gênero, a autora triunfa com máxima veemência.”

Kizzy Ysatis, autor de O Clube dos Imortais e Diário da Sibila Rubra.

“Sensual e com um ritmo de tirar o fôlego, *Kaori* é irresistível. Sem dúvida, um dos melhores livros de vampiros que já li (e não foram poucos). Giulia Moon criou uma fábula fascinante.”

Martha Argel, autora de Relações de Sangue, O Vampiro de Cada Um, O Vampiro Antes de Drácula e O Vampiro da Mata Atlântica.



KAORI
Perfume de Vampira

Giulia Moon





SINOPSE

Século XV: Kaori, uma bela garota com o perfume da sedução, trilha caminhos perigosos entre samurais, senhores feudais, prostitutas e criaturas mágicas do folclore japonês. No seu caminho, surge José Calixto, um artista sensível e apaixonado, capaz de tudo para dar vida a uma obra imortal.

Século XXI: na fervilhante Avenida Paulista, coração de São Paulo, Samuel Jouza tem uma profissão peculiar. Ele observa vampiros para um misterioso

instituto de pesquisas. Mas o olheiro percebe que a sua profissão é muito mais perigosa do que imaginava, ao salvar um menino das garras dos sanguessugas.

De um lado, a magia das sagas heróicas de samurais, o mistério das antigas lendas do Japão. Do outro, uma aventura ágil e atual, que tem como cenário o Brasil. Dois universos se entrelaçam e se cruzam neste novo romance de vampiros escrita por Giulia Moon.



PRÓLOGO

O Perfume

A VAMPIRA PROCUROU A GARGANTA DELE. Samuel gemeu baixinho. O perfume dela, um odor suave, adocicado, chegou até ele, que estremeceu de prazer. Lábios gelados tocaram a pele ardente do seu pescoço. Mas ela não o mordeu ainda. Prolongava, maliciosa, o suplício da espera, da certeza de um final doloroso. Que tardava tanto...

Samuel não conseguia se mexer. Só podia esperar, esperar... Lembranças esparsas roçavam a sua mente cansada. Por que estava ali, prisioneiro dela, prestes a ser envolvido pelo seu abraço mortal? Errara, é certo. Arriscara-se demais. Mas quem não faria o mesmo? Era um homem acostumado a andar no limite entre dois mundos, o dos humanos e o dos vampiros. Mas ela era diferente de tudo que conhecia.

Ela nascera séculos atrás, quando o Japão era ainda um pedaço esquecido do planeta, vedado aos olhos do Ocidente. Um reino dominado por samurais e suas espadas mortais. Por belas cortesãs e suas intrigas sangrentas. E pelas criaturas fabulosas de lendas imemoriais.

– Por favor... – Samuel suplicou, numa última tentativa de resistência. – Deixe-me ir!

– Não – ela sussurrou. – Você me pertence, agora.

Ele olhou, atordoado, para o teto do quarto. Era o mesmo vermelho chocante dos lábios da vampira. Do sangue que fluía, veloz, abandonando o seu corpo. Da dor produzida pela mordida na sua garganta. O mundo se tornara rubro, ardente, mortal. Como a fragrância enlouquecedora que emanava daquele corpo gelado, tão desejável!

Samuel fechou os olhos e deixou de lutar. Em suas andanças pela noite dos vampiros, havia pisado num caminho sem volta...



1. Olheiro de Vampiros

2008 – São Paulo, Brasil

SAMUEL JOUZA – COM “J”. Já perdera a conta das vezes que teve que corrigir o nome grafado errado. Sempre escreviam o sobrenome com “s”, transformando-o num simples e comum *Souza*. Além do sobrenome, o seu bisavô tcheco, Piotr Jouza, deixara-lhe mais uma herança: os olhos cinza, que, junto com os fartos cabelos castanho-claros e o rosto anguloso esculpido na pele branca, davam-lhe uma aparência de estrangeiro. Samuel não era um homem desagradável de se ver, mas as peculiaridades de sua profissão o tornaram antissocial e cheio de manias. Pudera, vivendo por mais de dez anos como olheiro de vampiros, só poderia mesmo tornar-se um sujeito desconfiado e arredio.

Passar despercebido era fácil, ali, em plena avenida Paulista, às sete horas da noite. O difícil era chamar alguma atenção em meio àquela agitação. Era justamente o que tentava fazer o cara ao lado, com a pele pintada de branco, os braços abertos, um improvável Cristo Redentor em pleno centro de São Paulo. Os passantes só o

notavam quando esbarravam nele. Alguns murmuravam palavras, incomodados em dividir o pouco espaço livre da calçada, e continuavam a marchar, impacientes, para os pontos de ônibus ou a entrada do metrô. Os únicos interessados na atuação do homem-estátua eram os turistas, numerosos naquele trecho repleto de hotéis entre as ruas Padre João Manuel, Augusta e Haddock Lobo.

O olheiro de vampiros esgueirou-se em meio à babel de conversas em português, inglês, espanhol e chinês; desviou-se de estudantes barulhentos, moças com uniformes de *fastfoods*, casais *gays*, moderninhos de *piercings* e executivos em ternos impecáveis. Em frente à galeria do Conjunto Nacional, um velho músico negro com um terno puído tocava *Carinhoso* ao violino, cercado por meninos de rua que, embriagados pelo calor do verão, e talvez por outras drogas mais pesadas, dançavam com a agilidade própria da idade. Os seguranças do prédio vigiavam, atentos, enquanto os turistas, sempre eles, jogavam moedas para os *performers* daquilo que consideravam um autêntico espetáculo popular.

Na entrada da galeria, Samuel parou no quiosque da cafeteria para pedir uma bebida *light*, pois não suportava os refrigerantes comuns. Consumia os produtos com aquele gosto peculiar de adoçante por prazer, não por necessidade. Mais uma esquisitice de uma longa lista.

Depois de algum esforço, o olheiro conseguiu afinal chamar a atenção da atendente e pegar a bebida. Não se incomodou com a demora, pois não estava com pressa. Sentou-se no banco alto, pousou o copo de plástico sobre a mesinha redonda e pôs-se a observar a multidão na calçada. Afinal, encontrava-se ali a trabalho, embora a sua profissão fosse um pouco incomum. Um olheiro de vampiros observa vampiros, é claro. Nosferatus, desmorts, sanguessugas, como queiram. Era pago para encontrar e catalogar os vampiros da cidade, uma ocupação nada monótona, já que o objeto de sua observação era considerado por todo o mundo racional como um personagem de ficção. No entanto, eram criaturas reais, cuja dieta de sangue humano os tornava caçadores ferozes.

Samuel não tinha muitas esperanças de obter um bom avistamento. Numa noite de segunda-feira como esta, era difícil encontrá-los, ao contrário das sextas e sábados, quando dava com vários deles ao mesmo tempo misturados à multidão, escolhendo suas vítimas como itens num cardápio. Nessas horas, o olheiro tinha que se manter atento para não acabar virando o prato principal, pois a sua cara de estrangeiro atraía os predadores, obrigando-o a usar toda a sua habilidade para escapular sem despertar suspeitas.

De repente, sentiu alguém cutucar o seu braço. Ao olhar para baixo, viu um negrinho de olhos grandes e rosto redondo, um dos meninos de rua que dançavam pouco antes ao redor do violinista. Era pequeno e franzino, mas tinha uma

expressão vivaz que compensava o seu tamanho. Ele batia no braço do olheiro com os dedos sujos, mordiscando a boca de uma garrafinha de plástico vazia.

– *One dólar, misterrrr...* Pra comer... – ele apontava para a boca, fazendo uma expressão cômica de fome.

Arre, mais um que o confundia com gringo. Entediado com a falta de vampiros na área, Samuel resolveu dar um pouco de atenção ao garoto.

– Quer dinheiro pra comer mesmo ou pra comprar drogas?

Samuel notou que a pergunta saíra num tom mais ríspido do que pretendia. Mas o menino não pareceu amedrontado. Limpando o nariz na manga suja da camiseta, disse:

– Ah... Tu é brasileiro, tio? Então me dá cinco *real*.

Samuel vigiava a calçada apinhada. Nada de vampiros, ainda.

– Cinco reais é bem mais do que um dólar, pivete.

– É que não sei dizer cinco em *ingreis*.

O olheiro ia falar algo, mas se calou. Achou que não valia a pena explicar a ele como converter dólar em real.

– Eu te compro um sanduíche, aí no balcão.

Um sorriso de dentes brancos surgiu na carinha do guri. Mas foi logo substituído por uma expressão de safadice.

– Me dá o dinheiro, tio. Aqui é caro, eu compro noutro lugar...

Samuel deu uma fungada. Sentiu o nariz entupido. Saco, será que estava gripando? Uma gripe era muito mais do que um simples incômodo para ele. Significava noites maldormidas, crises de sinusite e, se desse azar, uma infecção na garganta. Irritado, deu um ultimato:

– Pega o sanduíche ou fica sem nada.

O garoto, ao perceber que Samuel começava a se levantar, cercou-o e disse, apressado:

– Peraí, tio. Pode ser um *sanduba*, sim. Tô com fome, não tô mentindo... Quero um *xis-tudo* com guaraná.

Samuel olhou para o moleque.

– Mas é folgado, hein? Quer sobremesa também?

O menino emendou, mais que depressa:

– Pode ser uma torta de chocolate, um brigadeirão e...

– Não explora, guri.

– Tá bão, tá bão... Pode ser só a torta, tio.

Samuel acabou rindo. Comprou tudo, até o tal do brigadeirão, para o garoto que, feliz, acocorou-se no chão perto do quiosque e começou a comer. Um dos seguranças se aproximou com cara de poucos amigos, mas o olheiro interveio:

– Deixa o garoto em paz, amigo. Eu paguei pelo sanduíche. Ele tem o direito de ficar aqui e comer como qualquer um.

O homem olhou contrariado para a criança e disse:

– Acabe logo e suma daqui!

O garoto, com a colher de plástico e um pedaço de torta na boca, disse:

– *Num* ouviu o moço não, mané? Eu posso ficar aqui o tempo que quiser!

O segurança bufou, irritado.

– Olha só o que o senhor fez... Este peste tá sempre por aqui, molestando todo mundo. E agora ele tá botando banca, fazendo careta pra mim! Peste!

Samuel contemporizou:

– Calma, é só uma criança, deixe pra lá. Ele não está incomodando ninguém.

– Sei – o segurança afastou-se, murmurando. – Criança hoje, bandido amanhã. Espere só alguns anos pra ver...

Samuel, no entanto, não estava ouvindo, pois algo mais importante tinha surgido. Em meio aos carros parados no congestionamento da avenida, havia uma motocicleta preta reluzente. E, sobre ela, um homem forte, vestido com jaqueta negra de couro e jeans surrado metido para dentro dos canos altos da bota militar. Ele tirara o capacete para falar ao celular. O rosto largo tinha a palidez de um boneco de cera. Dois olhos faiscantes despontavam sob o cabelo longo dourado. O seu instinto, que até agora se mostrara infalível, dizia a Samuel com todas as letras: tinha avistado o primeiro vampiro da noite. E era dos grandes.

O olheiro recolocou a mochila nas costas e saiu para a calçada. O vampiro ainda falava ao celular, mas Samuel sabia que ele estava atento a tudo o que acontecia ao redor. O olheiro parou, misturando-se às pessoas no ponto de ônibus. Anotou no seu caderninho a placa da moto e os dados do avistamento: um desmorto macho, 1,90 m, aproximadamente 95 quilos, cabelos louros batendo no ombro, forte, aparentando uns 25 anos. Um espécime em ótimo estado, novo na região. Guardou o caderninho no bolso e suspirou. Não era muito comum encontrar vampiros de moto, ainda mais num modelo caro como aquele. O diabo é que ia ser difícil seguir o bicho a pé. Mas ia tentar.

Em geral, os vampiros não tinham muito dinheiro. Não raro Samuel topava com desmorts de aparência patética, usando roupas que pertenceram, evidentemente, a suas vítimas. Essas vestimentas eram sempre apertadas, pois eles preferiam atacar os humanos mais fracos e menos corpulentos. Eram criaturas sem *pedigree*, que se alimentavam na maior parte do tempo com sangue de ratos e pombos, e para quem os humanos eram caça ocasional.

Havia também os sanguessugas clássicos, que preferiam os doadores de sangue constantes. Após a primeira mordida, mantinham a presa sob o domínio psíquico, sugando o seu sangue aos poucos, enquanto o doador prosseguia a vida

sem se lembrar de nada. Em geral matavam os doadores depois de algum tempo para não despertar suspeitas. Hoje em dia nenhum vampiro adotava esse tipo de comportamento, pois era mais seguro livrar-se da vítima logo após o ataque.

E, por fim, existiam os puros-sangues como o sujeito na moto, os espécimes mais poderosos da raça e os mais difíceis de serem avistados, que caçavam o seu alimento em alto estilo. Se não fosse pelo rosto pálido e os olhos rutilantes, ele poderia se passar por mais um dos paulistanos endinheirados que passeiam suas posses nos Jardins, entre restaurantes caros e casas noturnas privês. Sem dúvida nenhuma, um espécime *muito* interessante...

Ocupado com a observação do vampiro, Samuel só notou o Mercedes negro quando ele emparelhou com a moto. Era um carrão reluzente, silencioso e de rodar macio. A janela traseira do veículo foi aberta e um rosto oriental assomou atrás do vidro escuro que deslizou com suavidade. O motociclista pareceu reconhecê-lo e trocaram algumas palavras inaudíveis. O vampiro recolocou o capacete na cabeça e foi-se, ziguezagueando com a moto entre os carros presos no engarrafamento.

O olheiro não fez nenhum esforço para segui-lo. Ficou ali parado, extasiado com a visão do sujeito dentro do carro. Era um vampiro, também. Um espécime asiático, uma raridade que, ainda por cima, andava com motorista num carro de luxo. Avistar um espécime desses era um golpe incrível de sorte. *Calma*, disse para si mesmo, controlando a euforia. *Siga as etapas básicas do avistamento*. Sem ousar puxar a caderneta de anotações, memorizou a placa do carro para rastreá-lo mais tarde, se preciso. Depois, repetiu na sua cabeça as características do espécime: oriental, macho, aparentando cerca de quarenta anos, o que o tornava mais velho do que a maioria dos desmorts. Não pôde observar muito mais do que isso, pois a janela do automóvel se fechara e os carros começaram a andar. Samuel seguiu o Mercedes pela calçada, no mesmo ritmo do congestionamento. Prosseguiram assim por alguns minutos, Samuel caminhando a passos rápidos e o Mercedes avançando com lentidão pela Paulista. Na rua Pamplona, o carro pegou à direita e depois à esquerda na alameda Santos. Samuel correu para não perder o Mercedes de vista e conseguiu ver a traseira do veículo desaparecer na garagem de um prédio de luxo. Era o suficiente por uma noite. O olheiro marcou o número do prédio na caderneta e virou-se para retornar à avenida Paulista.

Nesse momento, um vulto de moto dobrou a esquina. Era o vampiro de cabelos loiros, trazendo na sua garupa alguém que fez Samuel gelar: o menino falante, a quem pagara um sanduíche no quiosque. *Que merda!* pensou o olheiro. O garoto tinha sido capturado pelo vampiro.

O predador e a sua presa pararam no semáforo perto de Samuel, que não pôde deixar de olhar para o garoto. Todos os sinais de uma vítima submetida ao poder hipnótico do vampiro estavam lá. O menino estava imóvel, com os olhos

parados, a boca entreaberta e um pequeno tremor no corpo, único indício externo do pavor que sentia por dentro e não podia manifestar. Samuel hesitou. A atitude exigida de um olheiro profissional era a não-interferência. E havia também a questão da sua própria segurança, pois um vampiro no momento da caça era ainda mais perigoso.

No entanto, desta vez não se tratava de qualquer um. Samuel não conseguia afastar os olhos do garoto. Além disso, era tarde para arrependimentos, pois o vampiro já percebera a sua presença. *Foda-se*, pensou. *Seja o que Deus quiser*. Samuel não era religioso, era apenas uma expressão que usava quando não tinha outra saída a não ser ir em frente. Que seja, então. Do jeito que Deus quiser. Avançou para a moto, gesticulando.

– Davi! – inventou um nome qualquer. – O que você está fazendo aí? Não disse que ia direto pra casa, seu moleque? Vou ter uma conversinha com a tua mãe, tá ouvindo?

O vampiro ergueu devagar o visor do capacete e encarou Samuel com os olhos gélidos. O olheiro sentiu os cabelos da sua nuca se eriçarem. Não era qualquer um que aguentava o olhar fulminante de um desmorto.

– O que você quer?

Cada palavra do vampiro se assemelhava a uma lâmina afiada sendo lançada de encontro a Samuel. O olheiro podia sentir a mente dele espionando a sua, tentando penetrar nos seus pensamentos. Por sorte, este vampiro não possuía muita habilidade psíquica e já estava ocupado controlando o garoto. Foi fácil mantê-lo afastado por algum tempo.

– Sou o tio dele – respondeu o olheiro, tentando soar o mais natural possível. – Este pivete foge de casa sempre que pode e vem aqui pra Paulista. É um guri sem-vergonha, mesmo!

Ato contínuo, mandou uma forte bofetada no rosto do garoto que, com o impacto, caiu no chão, ao lado da moto. O vampiro grunhiu, furioso, e tentou segurar a criança. Mas esta, com uma presença de espírito que surpreendeu até mesmo Samuel, correu para os braços do olheiro e fingiu um choro descontrolado.

– Desculpa, tio! Eu juro que não fujo mais! – disse ele, demonstrando um talento inato para representar.

– Tudo bem, tudo bem... – o olheiro abraçou o menino. – Eu te levo pra casa, vem comigo.

O semáforo mudou para verde. O vampiro parecia indeciso quanto à melhor forma de agir.

– Vocês nem são parecidos... Um branquelo e um negrinho!

– Ele é filho da minha irmã de criação – justificou Samuel, cada vez mais certo de que a história não ia colar, era ruim demais.

As buzinas começaram a soar, os carros atrás da moto estavam impacientes. O vampiro olhou ao redor, incomodado. A mentira era evidente, mas não havia o que fazer ali, em meio a centenas de testemunhas. Com uma careta de raiva, disparou com a moto, deixando o olheiro e o garoto lívidos de terror.

– Vamos para o metrô – disse Samuel, começando ele próprio a correr. – Ou ele volta a pé ou vai contornar o quarteirão pra nos pegar.

O moleque disparou na frente. Chegaram esbaforidos ao metrô Trianon. Samuel fez o guri passar por baixo da catraca e ambos correram para a plataforma de embarque. Por sorte, uma composição do metrô estava de saída e os dois fugitivos atiraram-se para dentro do vagão lotado. Samuel ainda olhou, temeroso, ao redor. Nada do vampiro loiro por ali. O olheiro soltou um longo suspiro de alívio.

– *Brigado*, moço... – balbuciou o garoto. Passados os instantes de tensão, ele começava a dar-se conta do medo. Lágrimas rolavam na sua face.

– Como se chama, guri?

– Davi, não foi assim que tu me chamou? – disse o menino, sorrindo entre as lágrimas. – Pode me chamar de Davi, é um nome mais bonito que o meu...

– Onde você mora? Preciso te levar pra casa.

– Não tenho pra onde ir, não, moço. Eu moro na rua. Mas vou lá pro centro velho, lá o loirão não me pega... Vou descer aqui no Paraíso e pego a Linha Azul pro centro.

Samuel suspirou fundo. Queria insistir mais, mas as lágrimas do garoto estavam chamando a atenção dos demais passageiros.

– Vê lá, hein? Não volte pra Paulista, entendeu? – limitou-se a dizer.

– *Podexá, tiu.*

O menino sumiu na direção do embarque para o centro. Samuel olhou, de novo, para os lados. Ainda sem vampiros por perto. Por enquanto estava a salvo. Mas acabara de fazer uma grande besteira e, no seu ramo, não podia dar-se ao luxo de cometer erros...



2. O Patrocinador Discreto

2008 – São Paulo, Brasil

SAMUEL RETIROU O ENVELOPE DA SUA CAIXA POSTAL. Abriu-o e encontrou um maço de notas de cem reais. A grana, como sempre, vinha na hora certa.

Deixou o correio, apressado, e parou numa cafeteria com conexão de internet sem fio. Abriu o *laptop* e enviou por *e-mail* a última lista de avistamentos para os seus contratantes. Não sabia quem eram, a não ser que assinavam como um suposto “Instituto Brasileiro de Estudo de Fenômenos Fantásticos”, tão vago, irreal e amplo quanto a matéria que diziam estudar. Preferiam a discrição, disseram, porque os assuntos tratados eram muito sigilosos, coisa que Samuel podia entender. Afinal, os vampiros só tinham sobrevivido até hoje porque a sua existência fora mantida em segredo. Por isso, tinha sido fácil aceitar o procedimento excêntrico dos responsáveis pelo IBEFF, pois além de tudo enviavam o pagamento em dia havia mais de dez anos. Mereciam mais credibilidade do que muitas empresas por aí.

Com esse dinheiro garantido todo mês, Samuel podia dedicar seu tempo integral à observação de vampiros. Abandonara o emprego, os estudos, os amigos e assumira a nova profissão. Mudança de água pro sangue. Catalogava e classificava os desmorts, anotava seus hábitos e até já escrevera algumas páginas de um livro sobre o assunto. Um livro inútil como tudo o que fazia, pois, pelo pouco que ele conhecia do Instituto, jamais seria publicado. Os seus empregadores estavam interessados apenas em números: quantos vampiros, quando e onde. E com o maior sigilo possível, o que não combinava com a ideia de um livro sobre o assunto.

No início, a tal descrição era tamanha, que Samuel tinha a sensação de que não havia ninguém de carne e osso do outro lado. Enviava os arquivos com os avistamentos mensais sempre com uma saudação, um comentário sobre alguma particularidade interessante observada, mas só obtinha como resposta o silêncio inibidor e gélido. Desconfiado, certa feita deixara de anexar o arquivo com os avistamentos na mensagem, só para saber o que aconteceria. A mensagem retornou com uma frase lacônica, alertando para o seu erro e pedindo para que o arquivo fosse enviado o mais rápido possível.

Bem, eles estavam atentos. E queriam as listas. Então vinha a próxima pergunta. Para quê? E se o IBEFF fosse algum grupo de exterminadores de sanguessugas? Durante um tempo, Samuel resolveu exercer uma vigilância firme sobre os espécimes avistados. Se sumissem ou aparecessem mortos confirmar-se-iam as suas suspeitas. Isso não ocorreu. Os vampiros continuavam a sua rotina de caçar e sugar sem problemas. Portanto, fossem quem fossem os pesquisadores do Instituto, não eram uma ameaça aos desmorts. Por fim, Samuel não teve alternativa a não ser admitir que trabalhar para o IBEFF lhe era interessante. Ocupava-se em observar os vampiros. Pagavam-lhe por isso. Estava tudo bem. Não estava?

Alguém o esperava na nova pensão na Praça da Árvore, para onde tinha se mudado por precaução após o incidente com o vampiro loiro na Paulista. Era um homem negro de idade indefinida, nem jovem nem velho. Bem-apessoado e corpulento, vestia um terno azul-marinho moderno e usava óculos leves de aro fino dourado. Pareceria um ator de seriado americano, se fosse possível ver um deles assim, sentado no velho sofá de curvim bege da sala de estar da pensão.

– Samuel Souza? – ele disse, erguendo-se ao ver Samuel.

– *Jouza* – corrigiu Samuel, recitando a mesma frase que invariavelmente dizia em todas as apresentações. – É um sobrenome eslavo. Jouza com “j”.

O homem deu uma risadinha sem graça, mostrando os dentes brancos, e estendeu a mão.

– Ah, sim... Como vai? Sou do IBEFF. Instituto Brasileiro de Estudo de Fenômenos Fantásticos.

Samuel olhou, intrigado, para o cartão de visitas que o visitante deixara na sua mão. Um cartão branco com a sigla IBEFF em azul com relevo. Embaixo, em letras menores: *Sidnei da Silva – Diretoria de Operações*. Sem telefone, *e-mail* ou endereço. O olheiro perguntou-se para que servia um cartão assim.

– Sigilo, como tudo o que se refere ao Instituto – explicou Sidnei, respondendo à pergunta que não fora feita. – Você sabe o nosso *e-mail*. O cartão é apenas *pro forma*.

– Então o IBEFF existe mesmo – disse Samuel. – Não é um programa que acumula arquivos de listagens e envia respostas automáticas...

O executivo, que segurava uma pasta marrom de pelica nas mãos, riu, mostrando os dentes perfeitos. Ele parecia mesmo saído de alguma cena de TV, pensou Samuel.

– Podemos conversar num outro lugar? – sugeriu Sidnei, notando os olhares da dona da pensão.

Samuel assentiu. Gostava da mulher, era simpática e prestativa, mas também muito curiosa.

– Vamos até a cafeteria da esquina. Não tem ninguém nesse horário.

Fizeram o caminho em silêncio. Samuel, como sempre, taciturno e calado. O homem do IBEFF, digitando sem parar no seu celular, um daqueles superaparelhos que vêm com todos os recursos imagináveis. Depois de se instalarem numa mesa com os seus cafés, Samuel perguntou, já impaciente:

– E então, em que posso ajudá-lo? Não pensei que um dia ia conhecer alguém do Instituto pessoalmente...

– Huum – disse Sidnei, sorvendo um gole do seu café, e estalando a língua. – Não tem nada melhor do que um café quentinho neste frio úmido, não acha?

– Não gosto de café puro – disse Samuel, dando de ombros. – Prefiro café com leite.

– Bem, eu gosto de café preto, negro como eu. *Black is beautiful* – dizendo isto, ele deu uma gargalhada.

– Não respondeu a minha pergunta – insistiu Samuel, sério.

O homem do IBEFF pareceu não fazer caso da acolhida fria à sua brincadeira.

– É sobre os seus avistamentos do mês, Samuel.

– Já? Faz menos de dez minutos que os mandei pelo *e-mail*.

– A internet é uma maravilha, não é? Já os consultei enquanto o esperava – disse o executivo, abrindo os arquivos no seu celular multifuncional. – Voltando às planilhas, vejo que neste último mês não há registros desde o dia 18.

– Movimento fraco.

– Seu último registro reporta um vampiro oriental.

– Sim.

– Apresentou poucas informações sobre ele. Diz apenas que é macho e anda num Mercedes com chofer. Alguns dados sobre a sua aparência e nada mais.

Samuel remexeu-se na cadeira, incomodado.

– São os dados habituais. Nunca me pediram mais do que isso – respondeu.

Sidnei ajeitou os óculos sobre o nariz largo. Os olhos negros como besouros avaliaram o olheiro de cima a baixo até se fixarem na área do pescoço. Depois, perguntou de repente:

– Você foi *mordido*, Samuel?

O olheiro sobressaltou-se. Possuía, sim, uma marca antiga de mordida de um vampiro. Fora dois anos antes. Acordara uma manhã e, de repente, se dera conta que o ontem fora parar num ponto atrás – quinze dias no passado – e ele não tinha a mínima ideia do que acontecera durante esse período.

– Como assim? Ninguém me mordeu... Recentemente.

Foram dias difíceis. A marca de uma mordida típica de desmorto aparecera no seu pescoço e, o mais inquietante, a tatuagem de um grande dragão havia surgido nas suas costas. Samuel quase enlouqueceu na época tentando reconstituir as lembranças, mas não tivera sucesso. Por um período, não conseguia nem sair do seu quarto, assustado até com a própria sombra. Os médicos o encaminharam para um psiquiatra, que o tratou com calmantes e antidepressivos. Depois de algum tempo, superou o choque, mas nunca conseguira descobrir o que tinha acontecido. Sim, a marca da mordida... Já não pensava nela fazia muito tempo. Sem perceber, levou a mão ao pescoço. Retirou-a na hora, surpreso. Um pouco de sangue ficara nos seus dedos. Era um machucado novo, não a cicatriz de anos atrás. O estranho é que não se lembrava de ter se ferido...

– Você *foi* mordido – disse Sidnei.

O executivo ergueu a mão na direção da ferida, mas Samuel recuou. O homem não insistiu.

– O que aconteceu na noite em que avistou o vampiro japonês?

– Como você sabe que é japonês? – Samuel retrucou, desconfiado.

– Você nos reportou.

– Escrevi que tinha traços orientais, mas não disse nada sobre ser japonês.

– Ah, é mesmo – o executivo riu, um pouco alto demais. – A culpa é minha. Pra mim, se tem olhos puxados, é tudo japonês... Mas não vamos fugir do assunto: o que houve naquela noite?

– Nada de mais.

– Não minta, Samuel, sabemos muito mais do que você pensa.

Sim, vocês sabem, pensou Samuel. A conversa estava se tornando muito esquisita para o seu gosto. Sidnei, no entanto, continuou:

– Havia um desses meninos de rua envolvido, não havia?

Samuel olhou para o interlocutor, irritado.

– Bem, se sabem até aí, não tenho muito mais para contar.

Sem uma palavra, Sidnei mostrou a ele a tela do seu celular. As fotos estavam lá, e eram horríveis. Um garoto morto, os olhos abertos numa expressão apavorante. E o garoto era Davi. Samuel ergueu-se da cadeira, pálido. Sidnei o segurou pelo braço e sussurrou no seu ouvido enquanto o fazia sentar:

– Reconhece o menino, não? Esta foto foi tirada no dia seguinte à noite em que você observou os dois vampiros: o japonês e o loiro, na moto. O corpo foi encontrado com vestígios de mordida de vampiros, Samuel. Muitas mordidas. Está se perguntando como sabemos de tudo isso? Esta parte dos acontecimentos foi reportada por um outro *vampwatcher* que descobriu o corpo. Fique sabendo que temos dezenas de olheiros como você cobrindo a cidade. Mas há um vácuo nas informações cruzadas que precisamos preencher. Houve mais coisas que você não nos contou, não é? O que foi, Samuel? Você tem que nos dizer tudo. Tudo!

Samuel começou a tremer. Não era possível! Salvara o menino das mãos do vampiro de motocicleta e depois voltara para a pensão onde morava na época, um sobradinho na rua Apeninos, perto da estação Paraíso do metrô. O garoto tinha dito que ia para o centro. Ah, Deus, pedira tanto para o guri ter cuidado! Um zunido na sua cabeça começou a incomodá-lo. Começou a falar, nervoso, tentando não fazer caso do ruído irritante.

– Eu disse para ele ficar longe da Paulista. Ele teimou em voltar para lá, não foi? Eu devia ter ficado com ele...

– Foi o que você fez, Samuel – disse Sidnei, fixando-o com os seus olhos escuros. – Você levou o garoto até o seu quarto na pensão, pois estava preocupado e não queria deixá-lo sozinho.

Samuel o olhou, atônito.

– Do que você está falando? Eu me separei do menino no metrô.

O outro continuava a encará-lo, atento a todos os seus movimentos. Samuel abanou a cabeça com convicção.

– Eu não levei o menino para a pensão.

– Estivemos lá, Samuel. O gerente nos confirmou que você trouxe um garoto negro, que explicou ser filho de sua irmã de criação. Até pagou um extra para deixarem o menino dormir lá. O sujeito disse que ficou meio desconfiado, mas acabou permitindo. Não foi assim?

– Não!

Samuel sentiu-se zozinho. Enjoadado. O som na sua cabeça estava mais alto. O local da mordida estava ardendo, como se pegasse fogo. Ouviu a voz dura de Sidnei de novo, aquela falsa cordialidade havia desaparecido.

– De manhã, como vocês não desciam para o café, o gerente foi ver o que estava acontecendo. O quarto estava vazio e a janela, aberta. Você sumiu por dois dias e voltou sem o menino. Nesse mesmo dia, fechou as contas e deixou a pensão da rua Apeninos, mudando-se para cá.

Os dois homens olharam-se em silêncio, cada um querendo adivinhar o que se passava na cabeça do outro. Samuel foi o primeiro a falar.

– Você não está achando que...

– Não estou achando nada – interrompeu Sidnei, dando uma risadinha. – Você só precisa me explicar o que houve. Afinal de contas, você foi visto com um garotinho no dia 18 de fevereiro e ele apareceu morto misteriosamente no dia 19.

– O que é isto? Um inquérito policial?

– Ainda não.

– Não fiz nada ao menino.

– Sei.

Os dedos de Sidnei tamborilavam sobre a mesa. Samuel apertava as têmporas com força, tentando fazer cessar o zunido irritante na sua cabeça.

– Olha aqui, Sidnei, estou falando a verdade. Levei o garoto para o metrô e fomos juntos até a estação Paraíso. De lá, fui pra casa a pé. O moleque pegou o metrô para o centro, estou te dizendo! Eu não sei por que o cara da pensão mentiu!

Os olhos negros continuaram a fitar Samuel por alguns instantes. Depois, enfiando a mão na pasta, o executivo retirou de lá uma grossa brochura de capa vermelha, onde se lia os dizeres *Opúsculo dos Vampiros, edição limitada, exemplar número 23, IBEFF, 2007*.

– Leia aqui – disse ele, apontando para um item numa das páginas iniciais.

Samuel, atordoado, olhou para onde o dedo grosso de Sidnei indicava.

“Os vampiros mais poderosos podem, em algumas situações, implantar neuroses, traumas ou manias nas mentes humanas para manterem as vítimas sob a sua influência. Alguns espécimes mais antigos desenvolveram essa habilidade ao máximo, a ponto de criar lembranças detalhadas e realistas de acontecimentos inexistentes.”

Samuel olhou para Sidnei, confuso. Depois, continuou a ler, os seus olhos agarrando-se às palavras, digerindo-as, tentando entendê-las.

“Não há um remédio totalmente eficaz para esse tipo de agressão, pois, no caso, foi enviada uma sugestão psíquica muito forte para a vítima. Esclarecer a vítima sobre o ataque e identificar corretamente as neuroses desencadeadas pelo vampiro agressor podem ajudar o agredido a superar os danos causados ao seu equilíbrio mental. (Argel, 2003, p. 453).”

Sidnei fechou a brochura e encarou Samuel. O representante do IBEFF mostrava de novo seus dentes num sorriso alvo, que tanto poderia ser de solidariedade quanto de sarcasmo.

– É óbvio que algo aconteceu naquela noite e não queriam que você se lembrasse. Por isso demos um jeito para o cadáver desaparecer, pois seria péssimo para o Instituto se um dos seus *vampwatchers* fosse acusado de assassinato.

Samuel sentiu um grande alívio.

– Então acreditam em mim? Que eu não matei o menino?

– Acreditamos que você não tem caninos tão grandes, capazes de deixar aquelas marcas no cadáver. E nem seria tão burro, espalhando pistas por todos os lados... Seria?

O executivo caiu na gargalhada. De novo, Samuel não riu. Aliás, não estava achando graça nenhuma. Sidnei, percebendo a expressão irritada de Samuel, assumiu um ar sério.

– Tente se lembrar do que aconteceu. Qualquer coisa, qualquer dado serve.

Samuel já estava tentando, com todas as suas forças. Mas, quanto mais pensava sobre o assunto, mais a ferida no pescoço ardia. Estava com o corpo quente, com febre. O zunido na sua cabeça não o deixava se concentrar.

– Não consigo me lembrar de nada. Mas, se os vampiros pegaram Davi, por que me deixaram ir embora, ileso?

– Isso é uma das coisas que o IBEFF quer saber, meu caro. Já há algum tempo os vampiros sabem da nossa existência. Apesar de alguns atritos iniciais, nunca tivemos grandes problemas até hoje. Eles nos aturam e nós não os atrapalhamos. Vivemos e deixamos viver. Ou melhor, observamos e deixamos os vampiros matarem. No entanto, você interferiu na caçada de um desmorto e colocou em risco não só os vampiros, mas também o segredo da existência do IBEFF. Isso não é pouca coisa, Samuel. Nós estamos muito aborrecidos com a sua conduta. E acho que os vampiros também estão.

Samuel suava frio. O mal-estar estava aumentando. Mas a sensação de ter alguém puxando suas orelhas, como se fosse uma criança, o incomodava mais.

– Se é assim, peço demissão.

Sidnei deu uma gargalhada e mudou o tom da voz.

– Não se precipite! Você é um dos nossos melhores *vampwatchers*. Não queremos perdê-lo. Ao contrário, estamos preocupados com a sua segurança... Mas você está passando mal, está branco como um dos seus sanguessugas. Vamos cuidar disso.

O executivo fez menção de pegar o olheiro pelo braço, mas Samuel não deixou.

– Olha, se não tem mais nada pra dizer, me deixa em paz. Não estou bem, mas prefiro ir sozinho para um pronto-socorro.

O olheiro viu um lampejo de raiva passar rapidamente pelo semblante de Sidnei. Mas o representante do IBEFF logo se recompôs, sorrindo e mostrando os seus dentes perfeitos mais uma vez.

– Os médicos comuns não vão te ajudar. Você já passou por isso, não é?

Era verdade. Samuel lembrava a via-crúcis pelos pronto-socorros, os médicos se revezando para examiná-lo, fazendo piadas sem graça sobre a mordida para disfarçar a falta de um diagnóstico seguro.

– O que está acontecendo com você não é nada muito grave. Os pesquisadores do Instituto já identificaram esses sintomas há muito tempo – Sidnei retirou um vidrinho de remédio da pasta de pelica marrom e entregou-o a Samuel. – Tome dois destes comprimidos todo dia, até a marca roxa no pescoço desaparecer. Vai ficar com cheiro de alho durante os primeiros dias, mas é melhor do que continuar com o mal-estar e a febre. Os vampiros armaram essa direitinho pra você, amigo. Mas vamos superar juntos o problema... Confie em nós!

Samuel pegou o remédio. O IBEFF era um Instituto de pesquisas eficiente, pelo visto. Mas não simpatizava nem um pouco com o seu representante. Sidnei retirou mais duas coisas de sua pasta e exibiu-os para o olheiro.

– Tome – disse, entregando um telefone celular a Samuel. – É inacreditável que ainda não tenha um. A central enviou este aqui para você. As ligações serão pagas pelo IBEFF. Agora poderá nos reportar em tempo real as suas observações, enviando fotos e tudo o mais pela internet, como fazem os demais *vampwatchers*.

O outro equipamento era um aparelhinho semelhante a um revólver de plástico vermelho com um visor digital. O executivo apontou para Samuel e o ligou. Um minúsculo ponto de luz vermelha foi projetado sobre o peito do olheiro.

– Hum... Você está com febre mesmo – disse Sidnei. – O termômetro infravermelho indica que a sua temperatura está por volta de trinta e nove graus. Bem, isto aqui é um equipamento importante, que todos os *vampwatchers* mais novos já têm: um termômetro a *laser* infravermelho para detectar calor de um objeto à distância. Uma coisinha usada normalmente por técnicos de manutenção, mas imprescindível para olheiros, que precisam localizar vampiros a uma distância

segura. Você mira o *laser* no suspeito e verifica se ele emite calor como qualquer ser vivo. Se for frio como um cadáver... ele é um sujeito a ser observado.

Com um sorriso beatífico, Sidnei parecia um bom samaritano distribuindo donativos a um pobre carente.

– Você foi esquecido pelo Instituto durante muito tempo, Samuel, reconhecemos isso. Mas agora vamos lhe dar a atenção que merece. Com estes dois aparelhos, estamos fazendo um **upgrade** respeitável no seu método de trabalho. Trabalharemos agora em estreita colaboração, monitorando você 24 horas por dia!

Samuel olhou para o termômetro e o celular com desconfiança. A ideia de ser controlado o tempo todo não o agradava. Abanou a cabeça e devolveu os aparelhos para o executivo.

– Não, obrigado. O meu instinto nunca falha na hora de detectar um vampiro. E prefiro o velho método de rabiscar os dados no meu caderninho e depois enviá-los pelo *e-mail*.

Sidnei arqueou as sobrancelhas, mostrando surpresa. E contrariedade.

– Desculpe, mas são as novas normas da empresa. Não podemos abrir exceções. Pode rabiscar onde quiser as suas anotações, mas deve levar o celular e o termômetro com você.

Samuel também encarou o executivo. Não estava gostando de ter alguém lhe dizendo como trabalhar. Mais uma vez, Sidnei, a quem a mudança de expressão no rosto do olheiro não passou despercebida, contemporizou, dando tapinhas no ombro de Samuel:

– Olha, entendo que você prefira um procedimento mais, hã, intuitivo. Mas é útil ter um celular. Todo mundo tem, por que você não teria? Leve os dois aparelhos. Não precisa usar, apenas os leve com você. Assim, todo mundo fica satisfeito. Eu, você, o Instituto... Certo?

Samuel pensou melhor e acabou concordando. Todo o seu equipamento tinha sido pago pelo Instituto, pois o que ganhava só dava para o seu sustento. Além disso, não era avesso à tecnologia. Essas bugigangas poderiam ser úteis no futuro.

– Bom, acho que terminamos por aqui – disse Sidnei, satisfeito.

O executivo pegou o *Opúsculo dos Vampiros* e fez menção de guardá-lo na pasta. Samuel olhou para a brochura com interesse.

– Posso dar uma olhada nisso?

– Desculpe – disse Sidnei. – Este material é de uso exclusivo da diretoria. Só o mostrei a você em caráter excepcional.

– Mas esse tipo de informação seria muito útil para...

– Você está sendo pago para observar – cortou Sidnei, incisivo. – Por isso não deve saber mais do que o necessário para a sua tarefa. Agora preciso ir.

Chamou a garçonete e pagou a conta com dinheiro vivo. Antes de levantar-se, disse num tom casual:

– Recolha mais informações sobre o vampiro japonês. Tudo o que puder descobrir.

Era uma ordem, não um pedido. Samuel acompanhou com o olhar o representante do IBEFF pegar um táxi e sumir em meio ao trânsito da avenida Jabaquara. Olhou para o vidrinho de remédios na mesa da cafeteria. Estava tremendo de novo. Sentia náuseas ao relembrar o menino morto. A imagem de Davi vivo, acenando para ele no metrô, lhe era muito mais real. Mesmo agora, era difícil aceitar a morte do garoto. Preferia pensar que havia algum engano, ou que Sidnei e o IBEFF estavam lhe pregando uma peça. Mas sabia, no fundo, que não era assim.

Davi acenando no metrô. A caminhada até a pensão. A noite maldormida e o despertar no dia seguinte. Tudo aquilo era só uma ilusão? E o que mais seria também ilusório? Talvez a certeza que tinha, até poucos minutos atrás, de ser um sujeito decente, incapaz de fazer mal a uma criança... *Meu Deus, isso, não.* O que mais havia no seu passado que não conseguia se lembrar? Ou será que não *queria* se lembrar?

O zunido tomava conta da sua mente, cada vez mais forte. Tinha que sair dali o quanto antes. Tinha que ir para um local seguro antes que escurecesse. Ia voltar para a pensão. Eram só seis horas da tarde, ainda. Mas Samuel estava amedrontado com a proximidade da noite.



3. O Ataque

2008 – São Paulo, Brasil

– O QUÊ? UMA MOTOCICLETA?

A voz de Sidnei, ao telefone, estava contrariada.

– Olhe aqui, Sidnei, eu não tenho como seguir a pé um vampiro de carro – Samuel sentiu uma pontada de satisfação ao pressionar o executivo do IBEFF. – Ou vocês me dão condições para fazer o meu trabalho ou esquecemos tudo e eu volto a catalogar os desmortos pé de chinelo de sempre...

Ouviu-se um bufar impaciente no outro lado da linha. Depois, a voz de Sidnei, já recomposta, adquiriu de novo aquele tom de falsa simpatia:

– Muito bem, Samuel, faz parte da filosofia do IBEFF garantir as melhores oportunidades, equipamentos e apoio aos seus *vampwatchers*. Vou levar o seu pedido aos meus superiores. Hoje mesmo você terá uma resposta.

A resposta veio, algumas horas depois. À noite, Samuel já estava montado na sua Twister 250, na esquina próxima ao prédio onde vira o Mercedes do oriental

entrar. Não era uma moto zero, mas andava bem. Além disso, tanto o Instituto quanto o olheiro preferiam um veículo que não atraísse muita atenção.

O prédio não tinha nada de especial, era apenas um imóvel de alto padrão, lar apropriado para paulistanos bem-sucedidos. Tinha dezessete andares e uma cobertura duplex, onde se vislumbravam algumas luzes e movimento. Alguém estava recebendo convidados para uma festa.

Samuel voltou a fingir que lia um jornal, sentado numa das mesinhas da pequena cafeteria na esquina da alameda Santos. Notou que suas mãos tremiam. Sentiu uma pontada no estômago. Tinha consumido dois cafés com leite durante a espera, e a cafeína não lhe tinha caído bem. Aliás, nada lhe caía bem no estômago ultimamente. O problema gástrico era antigo, mas Sidnei estava certo, sentia-se muito pior desde aquela noite em que fora mordido por um vampiro. Andava todo o tempo num estado quase insuportável de ansiedade e inquietação. Mas os comprimidos do IBEFF ajudaram. Depois de uma semana de tratamento, as dores amainaram e recuperara um pouco do seu sangue-frio. Esse sangue-frio – e a vontade de saber o que havia acontecido naquela noite – o tinham empurrado até ali, a duras penas, para a boca do lobo. Ou do morcego.

Lá pelas onze, a cafeteria cerrou as portas e Samuel teve que esperar na rua, sentado na moto. A princípio, não teve problemas. Apesar de ser uma terça-feira, havia muita gente por ali. Mas logo o clima começou a mudar. Um vento gelado prenunciava uma daquelas reviravoltas tipicamente paulistanas no tempo, que mudava um dia tórrido de verão para uma noite de frio insano. Samuel estava preparado, como um bom olheiro, para o tempo maluco da cidade. Pegou a jaqueta impermeável na sua inseparável mochila, vestiu-a, e continuou a vigiar. Logo o frio fez as pessoas sumirem das ruas e o olheiro achou que era melhor procurar um local mais discreto para vigiar. Mas não precisou. O Mercedes com os vidros cerrados saiu da garagem cerca de meia hora depois. Samuel deu a partida na Twister. Não sabia se o japonês estava no interior do carro, cujos vidros eram muito escuros. Não tinha alternativa senão confiar na sorte e segui-lo.

O automóvel seguiu vagarosamente pelo tráfego intenso da alameda Santos. O olheiro observava, admirado, as linhas elegantes do veículo negro reluzente, o silêncio do motor, a forma como deslizava sobre o asfalto. Valia uns trezentos mil reais, no mínimo. Não era carro para qualquer um, humano ou vampiro.

Samuel seguia o Mercedes com a moto, sem problemas. Cruzou a avenida Bernardino de Campos pela Abílio Soares. Pegou a rua Vergueiro e seguiu pela avenida Liberdade, em direção ao centro velho de São Paulo. Algumas travessas antes de chegar à praça da Liberdade, o automóvel dobrou à direita, e parou em frente a um daqueles edifícios antigos que resistiam havia décadas no bairro. Era espaçoso e com poucos andares, de cores tristes e escurecidas pela poluição.

O olheiro estacionou a Twister a poucos metros do Mercedes, oculta atrás de uma velha Kombi. As letras de um luminoso amarelo no prédio piscavam sob a garoa forte que começava a cair. Samuel sentiu uma sensação estranha ao fitar aquele apaga-acende esmaecido pela névoa da garoa. *Ho-tel-ta-yô-ho-tel-ta-yô-ho-tel-ta-yô...* Um fantasma de neon pairando sobre a velha cidade. Sacudiu a cabeça, voltando a si. Não podia se distrair. Forçou-se a voltar a atenção ao Mercedes. O motorista de terno escuro, também um vampiro, esperava os ocupantes do carro com um guarda-chuva aberto para escoltá-los para dentro. O ritmo vagaroso do pisca-pisca confundia-se com os pensamentos de Samuel, que vagavam, de novo... até serem trazidos de volta por algo que o perturbou de forma intensa.

O japonês tinha saltado com agilidade para fora do carro. Em seguida, oferecera a mão para um segundo ocupante do veículo. Uma mão miúda deslizou para fora. Uma perna bem torneada, também pequena, fez-se ver ao pousar uma sandália vermelha de salto altíssimo sobre a calçada. Um vulto esguio de mulher surgiu. Ao sair do carro, ela arrumou o vestido com um movimento leve, fazendo dançar os seus longos cabelos, cortados num fio reto. Era uma oriental, também. Samuel levou as mãos à cabeça. Havia se lembrado. *Ela já o mordera uma vez.*

O olheiro fechou os olhos, tentando juntar os fragmentos de lembranças de dois anos atrás. Vinham-lhe à mente apenas imagens soltas, desconexas. O número dezoito em relevo sobre a porta de um quarto de hotel. O teto rubro como sangue. A boca carnuda e macia, levemente úmida, o rosto de boneca... Tudo isso era tão nítido agora! Muito mais nítido do que a visão longínqua da vampira na garoa, ao lado do japonês.

Estava confuso. Percebia, agora, que dois momentos do seu passado misturavam-se na sua memória. O encontro com esta vampira nipônica acontecera dois anos atrás, quando fora mordido pela primeira vez. No entanto, havia ainda os acontecimentos da noite mais recente, quando o menino Davi morrera. Eram duas coisas diferentes. Ou a vampira estava envolvida nisso também? As lembranças dela teimavam em dominar a sua mente, sem deixar espaço para mais nada. A pele branca imaculada. As unhas pintadas que arranhavam a sua pele. A voz no seu ouvido. Sacudiu a cabeça com força. *Pare com isso, Samuel. Acalme-se.* Estremeceu. Será que ela era a responsável pela morte do menino? *Por que não?* Para predadores como ela, não havia diferença entre um adulto e uma criança. Eram só comida...

O japonês estava de braço dado com ela. A vampira sorria, cochichava no seu ouvido. Ele, por sua vez, acariciava as costas nuas dela. Samuel respirou fundo, irritado. Por alguma razão, não lhe agradavam os gestos de intimidade trocados pelo casal. Veio-lhe a lembrança de um pequeno bar no subsolo do hotel. Um velho pianista japonês executando músicas melancólicas. Um drinque antes de subir para

o quarto número dezoito. Lembrou-se da boca vermelha sobre o seu pescoço. Os lábios gelados. A dor na hora da mordida.

Fechou os olhos e tornou a abri-los. O casal desaparecera no interior do Hotel Tayô. O chofer entrou no Mercedes e deu a partida. O carro logo sumiu das vistas do olheiro. E as pernas de Samuel o estavam levando em direção à entrada do hotel. Parou na frente da porta e fingiu abaixar-se para amarrar os cadarços da bota. Lá dentro, viu um balcão de mármore esverdeado e um homem sentado no sofá da recepção. Era um japonês comum, sem nenhum traço especial. Usava uma camiseta com cor indefinida e tinha uma expressão absolutamente inócua, apalermada. O sujeito assistia a uma TV instalada no canto superior da parede. O aparelho exibia um jovem nipônico de cabelos loiros eriçados, cantando e dançando um rock. A sua voz de barítono vibrava nos finais das frases. O som ecoou nos ouvidos de Samuel de uma forma diferente. Alta demais. O olheiro fixou os olhos no cantor. Onde já o tinha visto antes? Nesse momento, o celular no bolso vibrou. Enquanto apertava o botão de atender, a lembrança que começava a emergir desapareceu nas profundezas de sua mente. Ouviu a voz de Sidnei no aparelho:

- Alô! Samuel?
- Eu não posso falar agora, Sidnei.
- Não entre no hotel.
- O quê...
- Não entre no hotel. Essa vampira conhece você. Vai te reconhecer.

Samuel olhou para cima. Da janela do quarto dezoito, uma silhueta observava a rua, debruçada no parapeito. Longos cabelos alongavam-se além da moldura. Uma luz vermelha, mortiça, a iluminava por trás. Era ela, a vampira. O olheiro escondeu-se sob a marquise do prédio. Começou a se afastar num passo estudado, nem rápido nem devagar, até chegar perto da sua moto, já quase na esquina.

– Samuel? – disse a voz no outro lado da linha. – Você ainda está em frente do Hotel Tayô?

– Como soube onde estou? – Samuel sussurrou, receoso de ser ouvido pela audição aguda dos vampiros. – Não, não precisa me dizer. Você pôs outros *vampwatchers* para me vigiar, não é? Ou então...

Uma ideia súbita lhe ocorreu. Olhou para o celular e depois voltou a falar:

– Vocês me seguiram pelo celular.

Ouviu uma risada do outro lado.

– *Bingo!* É um sistema de segurança bem comum. Tudo legal e normal.

– Não gosto disso.

– Não tem gostar ou não gostar, Samuel. O Instituto precisa ficar de olho nos *vampwatchers*. Como eu já disse, questão de segurança.

Samuel revirou o aparelho nas mãos. A voz de Sidnei soou, mais baixa.

– Alô?

O olheiro respondeu, depois de alguns instantes:

– Eu só quero entender uma coisa, Sidnei. Você disse agora pouco que a vampira me conhece. Então vocês sabiam desde o início o que aconteceu comigo, dois anos atrás.

– Ah, bem... nós tínhamos algumas informações cruzadas e acabamos descobrindo.

– E mesmo assim deixaram que eu passasse todo esse tempo desesperado, tentando me lembrar!

– E daí? Você se recuperou sozinho, não foi? A nossa política é interferir o menos possível nas ações dos vampiros – ele parecia ansioso para mudar de assunto. – E então, tirou algumas fotos dos dois? O que mais descobriu?

Samuel examinava o celular com o cenho franzido. Sentia a garoa, que caía sobre o seu rosto, como pequenas agulhadas geladas. Aproximou o aparelho da boca e disse bem devagar:

– Tchau, Sidnei.

– O quê?

– E, antes que me esqueça, vai pro inferno!

O olheiro jogou o celular no amontoado de sacos de lixo empilhados na esquina. *Seu filho da puta!*, dizia Sidnei, baixinho, no aparelho abandonado. Mas logo a ligação silenciou.

Na verdade, Samuel queria descobrir sozinho o que acontecera naquela noite, sem precisar relatar tudo para o IBEFF. Precisava saber se a tal vampira era a assassina de Davi. Se isso fosse verdade, ele, Samuel, iria decidir o que fazer, não o Instituto e o seu representante estúpido. Olhou para a janela do primeiro andar, onde a vampira tinha aparecido. Ela estava fechada. Respirou fundo. Ia ter paciência. Voltou para a esquina e esperou, abrigado sob a marquise.

Lá pelas três horas, o Mercedes voltou. Samuel enfiou-se entre os veículos estacionados e espiou o japonês entrar no carro. Nenhum sinal da mulher. Ela ia ficar por ali, escondida no seu ninho. O vampiro nipônico devia pagar bem. Ou será que ele não era um simples freguês? Talvez um amante... De novo a onda de irritação aflorou no seu espírito. Queria entrar lá e perguntar para ela. Ia ser no mínimo sugado até a morte, desta vez. E Sidnei ia acompanhar o seu enterro com aquele risinho nojento de escárnio. O ronco do Mercedes o trouxe de volta à realidade. Ligou a moto e seguiu-o.

O automóvel rodava sereno pelas ruas da cidade adormecida. Samuel o acompanhava sem esforço. As vias principais como a Consolação, por onde seguiam o Mercedes e a Twister, estavam quase vazias. Porém, em vez de retornar

para o prédio na alameda Santos, o sedã seguiu pela avenida Rebouças e atravessou a ponte Eusébio Matoso. Samuel os seguia, ora de perto, ora de longe, procurando não chamar atenção. Logo, estavam na rodovia Raposo Tavares. Para a sua sorte, o limite de velocidade naquele trecho era de noventa por hora e a estrada era bem iluminada. Por isso, o trajeto foi tranquilo para o olheiro. Na estrada vazia, as luzes do Mercedes pareciam pequenos olhos ao longe. Samuel mantinha a sua moto rodando com faróis apagados. À altura do km 22, o automóvel pegou a entrada para Granja Viana, bairro de Cotia com cara de estância turística de inverno. Casas enormes, luxuosas, surgiam espalhadas numa bela paisagem com muitas áreas ainda desocupadas, trechos de terreno irregular com mata, contrastando com pequenas áreas movimentadas, cheias de restaurantes de influência europeia, bares aconchegantes e lojinhas bem cuidadas de produtos naturais e artesanato.

A avenida São Camilo, principal via de acesso para quem quisesse se aprofundar pelo bairro, estava completamente deserta. Apesar do nome, era apenas uma rua estreita de duas mãos, cheia de curvas. O comércio ali era notadamente diurno: mini-*shoppings* com lojas, academias, imobiliárias. Plaquinhas oferecendo massagens *shiatsu*, aulas de ioga e natação. Samuel seguia com cuidado, atravessando lombadas intermináveis, muitas delas com a sinalização de solo já gasta. Aqui e ali latidos de cães acompanhavam a passagem do carro e, um pouco depois, da moto. Samuel estava atento ao máximo, pois a qualquer momento o Mercedes poderia sumir nas incontáveis travessas que enveredavam por caminhos tortuosos para o interior do bairro. Se o perdesse nesse momento, nunca mais o encontraria.

Como previra, depois de algum tempo o carro dos vampiros entrou por uma travessa escura e sem placa. O olheiro logo percebeu que não era asfaltada, também. Teve que conduzir a moto devagar, desviando-se das irregularidades e dos buracos traiçoeiros do chão, sob a fina garoa que diminuía ainda mais a visibilidade. Afinal, viu o Mercedes sumir pelo portão de uma vasta propriedade, cercada por muros eletrificados. Samuel parou a moto, tendo o cuidado de manter-se fora do alcance das câmeras de vigilância. Em termos de privacidade, o local era perfeito para o esconderijo de um vampiro, pois a área ao redor era constituída de terrenos desabitados, a rua esburacada afastava os curiosos e o equipamento de segurança não chamava atenção, pois a maioria dos casarões possuía o mesmo tipo de parafernália.

Samuel observou a casa com os binóculos que retirara de sua mochila. Suspirou, desanimado. Não enxergava nada, pois apenas a luz amarelada de um velho poste iluminava a ruela de terra batida. E agora? Ia embora ou ficava por ali, congelando? Segurou um espirro. Naquela região fazia muito mais frio do que em São Paulo. A garoa açoitava o seu rosto, penetrava pelas frestas do seu capacete. O

seu jeans estava molhado, os pés dentro das botas, também. Bosta, ia pegar um belo resfriado... Percebeu, no entanto, que nada disso era importante. O que lhe importava, na verdade, é que estava muito, muito perto do esconderijo do vampiro nipônico. Não ia desistir agora, nem por um milhão de camas macias e comida quente. Escondeu a moto sob uns arbustos e preparou-se para esperar. Ia continuar ali, de tocaia, até a chuva o dissolver, se fosse preciso.

Passado algum tempo, Samuel encontrava-se exausto. A noite estava silenciosa, o único ruído era o monótono som do vento e da garoa. De vez em quando percebia alguns movimentos próximos. Deviam ser gatos ou gambás em busca de comida. A certa altura, pegou-se pensando em olhos oblíquos. No perfume inebriante e sensual da vampira. Uma gota de chuva escorreu pelo seu rosto, vinda da testa e correndo sobre o nariz. Era fria, como o dedo dela deslizando na sua pele. Sentiu o corpo vergar. Estava cochilando. De repente, foi arremessado com violência para trás. Uma sombra escura estava sobre ele. Ouviu um rosnado selvagem, apavorante.

Parecia um cão enorme, mas Samuel não tinha certeza. Havia tentado se proteger com o braço, e o bicho tinha fincado os dentes nele. Apesar da dor, a necessidade de se manter oculto, característica dos olheiros, sobrepujou-se à sua vontade de gritar. Samuel cerrou os dentes e conseguiu erguer-se aos trancos e barrancos. A fera balançava a cabeça, sacudindo o braço de Samuel. Uma carga providencial de adrenalina fez o olheiro reagir. Era como se os dias anteriores de tensão o houvessem carregado com uma energia sobre-humana. Não sentia mais nada, a não ser uma raiva incontrolável. Queria arrebentar o animal, estava louco por isso. Ao invés de puxar o braço, enfiou-o com um golpe violento mais para dentro da boca do bicho. Com o choque, o estranho cão recuou, ainda sem soltar o braço de Samuel, que, com a outra mão, pegou o canivete que sempre trazia no bolso. Agora, sim! Golpeou com a lâmina. Acertou a testa e o nariz. Este último golpe pareceu atingir o bicho num ponto sensível, pois ele afrouxou a mordida. O sangue espirrou e um ganido irrompeu da boca do animal. Com um chute, Samuel atirou a fera para trás e tentou se afastar. O bicho não desistiu. De um salto, pôs-se de novo em pé e pulou, errando por pouco uma dentada no pescoço de Samuel. Desta vez, o olheiro estava atento. Havia conseguido apanhar um pedaço de pau e desferiu uma sonora paulada que apanhou no ar a barriga da fera. Esta rodopiou, suspensa no vazio, soltando um grito sofrido de dor. Um lamento notavelmente humano. Mas Samuel não teve tempo para maiores considerações. Vários animais, semelhantes ao primeiro, começaram a surgir.

Estava cercado. As feras avançavam em círculo, rodeando o olheiro e rosnando de modo assustador. Uma baba branca escorria de suas bocas, dentes descomunais rangiam de fúria. O animal que o atacara primeiro tinha ficado para

trás, sangrando no focinho e ganindo de dor pelo golpe no abdome. Os outros eram em seis, talvez sete. Não havia o que fazer, não seria capaz de enfrentar tantos bichos ao mesmo tempo. Eles eram do tamanho de um *rottweiler*, mas não se pareciam com nenhuma espécie que ele conhecia. Eram robustos, tinham uma pelagem curta e escura e um par amedrontador de olhos vermelhos. O olheiro achou graça de si mesmo, preocupado em observar as características físicas dos bichos, mesmo nessa hora crucial. Deveria estar rezando, ou algo assim, o que seria mais útil a esta altura, pois só um milagre poderia salvá-lo. O observador de vampiros brandiu o porrete, disposto a derrubar um ou dois antes de cair.

Então, aconteceu. Se estivesse rezando, Samuel teria motivos para se converter. Eles se foram. Todos os cães, como por encanto, retrocederam de forma furtiva, rosnando e fungando. Em segundos, até mesmo o cão ferido desapareceu, claudicando em meio às sombras. Dois homens apareceram, munidos de lanternas, as mãos nas armas. Usavam uniformes de uma empresa de vigilância privada.

– Quietinho aí, moço – disse o mais baixo deles para Samuel. – O que está fazendo aqui? Não sabe que neste trecho não mora ninguém?

– Desculpe, eu me perdi – o observador mentiu. – Fui atacado por uns cachorros...

– Estou vendo – disse o vigia, fazendo uma careta ao examinar o ferimento no braço de Samuel. – Vou alertar o pessoal do Controle de Zoonoses pra dar uma varredura na região. De repente, os bichos estão contaminados com raiva, vai saber... Vamos até a viatura, o braço está sangrando muito. Vou chamar uma ambulância para você.

– Obrigado.

O homem coçou a cabeça, intrigado.

– Não vejo cachorros bravos por aqui faz tempo. Se não tivesse visto os bichos fugindo, acho que não acreditaria.

– Você teve sorte – disse o outro homem. – Se a japonesinha não tivesse aparecido, a gente nem ia desconfiar que tinha alguém por aqui.

Samuel quase deu um pulo.

– Japonesinha?

O homem confirmou.

– Positivo. Uma menininha de uns seis ou sete anos. Ela veio correndo, gritando. Disse que uns cachorros estavam atacando alguém no terreno baldio. Resolvemos verificar só pra acalmar a menina. Se não fosse por ela, a gente não teria vindo pra estes lados. Aliás, onde ela está, Jorge?

O vigia abanou a cabeça, olhando para dentro da viatura.

– Falei para esperar dentro do carro, mas ela sumiu. Acho que ficou com medo. Coisa esquisita, uma criança sozinha a esta hora... Mas não tinha cara de

menina de rua, não.

– É, coisa esquisita é o que não falta – disse o outro. – Cachorros atacando um sujeito, japonesinhas que desaparecem. Que noite!

Samuel tinha todas as razões do mundo para concordar. Quando estava entrando na ambulância, viu de relance, entre as sombras da vegetação, alguns rostos pálidos olhando em sua direção. E um deles, com o nariz sangrando, era muito parecido com o japonês de cara imbecil que vira, poucas horas antes, na recepção do Hotel Tayô.



4. Fauna da Noite

2008 – São Paulo, Brasil

BEATRIZ AJUSTOU A LUNETAS INFRATERMELHO E RESPIROU FUNDO. Já era o quinto ano em que pesquisava os hábitos dos famélicos, mas ainda sentia a mesma expectativa antes da observação. Estava seguindo este grupo havia um ano, mais ou menos. Conhecia os hábitos e preferências de todos os animais como se fossem membros de sua família.

A bióloga encontrava-se mais uma vez no telhado de um prédio, um dos únicos naquele local próximo ao Parque do Estado. Era um velho prédio comercial caindo aos pedaços, vazio durante a noite. Mesmo assim fora uma dureza convencer o zelador a deixá-la ficar ali. O homem recebeu-a com desconfiança, mas Beatriz não desistia fácil. Conseguira a proeza às custas de uma boa recompensa em dinheiro vivo e uma história sobre uma bióloga, ela, é claro, uma *lepidopterologista* – nomes difíceis sempre ajudam a dar credibilidade à história – que precisava observar uma espécie rara de mariposa. Mentir não era problema, já havia feito coisas piores. E fazia pouca diferença para os seus interlocutores apresentar-se

como mastozoóloga, especialista em mamíferos – que ela, de fato, era – ou lepidopterologista, que trabalha com insetos. Quando a grana entrava na jogada, ninguém se importava com detalhes complicados. Apenas ouviam o que ela dizia sem prestar muita atenção e, depois que pegavam o dinheiro, desapareciam. Mas nem sempre. Uns meses antes, um desses sujeitos tinha tentado agarrá-la no meio da noite. Beatriz livrou-se com um chute nas partes baixas do desgraçado, furiosa por ele ter espantado os famélicos que observava. Beatriz não tinha medo de gente. Aliás, não tinha medo de criatura alguma. Um hábito perigoso, principalmente para quem estuda a fauna noturna.

Os famélicos, esses mamíferos semelhantes a cães, eram o segredo mais bem guardado do mundo animal. Ou quase. Os vampiros eram o segredo mais bem guardado, os famélicos estavam em segundo lugar. Por isso, as mentiras, os métodos nada científicos, a falta de informações. Se não fosse pelo IBEFF, a única organização defensora da preservação desses animais, o grande público já teria tido conhecimento da existência das duas espécies muito tempo atrás. E os vampiros e os famélicos já estariam extintos, disso Beatriz não tinha dúvidas. O ser humano já tinha acabado com inúmeras espécies, inclusive de grandes predadores. Por que seria diferente com vampiros, que predavam o próprio ser humano? E, com a extinção dos vampiros, o fim dos famélicos viria como consequência natural, pois estavam ligados na mesma cadeia alimentar. Uma perspectiva que não lhe agradava nem um pouco.

Neste exato momento, contudo, nada disso era importante. Beatriz estava concentrada em vigiar todo o seu campo de visão. Já passava das duas da manhã e a chuvinha chata do dia amainara. Ela sentia que a espera desta noite não seria em vão. *Eles* iam aparecer. Tinham que aparecer! O vampiro e os famélicos. O provedor e os dependentes. O grupo agia despreocupadamente nesta área fazia um mês, mas justo agora que Beatriz conseguira um local excepcional para a observação, eles haviam desaparecido. Mas iam aparecer. Estavam sem alimento havia uma semana e meia.

De repente, Beatriz avistou alguém avançando pela avenida. O seu coração disparou. *Era ele, não era? Tinha que ser!* Conhecia o andar leve dos vampiros, como se deslizassem sobre a superfície da calçada. Este andava com tranquilidade, mãos nos bolsos das calças, a jaqueta com a gola levantada. Beatriz mirou a luneta infravermelho. Sim, ele não emitia calor como os humanos. Era o vampiro provedor, um belo espécime. O seu estudo dos famélicos a tinha levado a conhecer tão bem o provedor quanto os dependentes e, pelo que já andara observando, o grupo tivera a sorte de encontrar um vampiro forte e insaciável, que caçava pelo menos uma vez por semana. Afinal, os vampiros não precisavam se alimentar tanto quanto os famélicos. Alguns deles só abatiam suas presas de mês em mês.

A bióloga varreu com a luneta o campo de caça. Todas as casas estavam às escuras. O bairro pacato parecia dormir o sono pesado de uma quarta-feira úmida de final de verão. Ninguém nas ruas, as pessoas rareavam nesse tempo feio. Mas espere... Algumas esquinas adiante, um homem magro bamboleava, trançando as pernas. Um barulho de vidro quebrado soou, áspero, ferindo a quietude da madrugada. O homem estava vestido com farrapos. Parecia bêbado. Havia encontrado uma garrafa de bebida ao revirar o lixo, mas, ao se dar conta de que estava vazia, enfurecera-se e a atirara ao encontro do muro. Erro típico de um humano, habituado a se considerar o topo da cadeia alimentar. O barulho chamara a atenção do vampiro para ele.

A caçada foi bem rápida e silenciosa. O predador aproximou-se de forma casual de sua presa e abraçou-a, como se fossem velhos amigos. O bêbado retribuiu o abraço, rindo e murmurando coisas que Beatriz não conseguiu ouvir. Apenas isso. Alguns metros adiante, o cadáver do homem ficou num terreno baldio, abandonado nas sombras de uma figueira. O caçador saciado sumiu, deslocando-se rapidamente com a costumeira velocidade dos vampiros. Ia se esconder em algum buraco, onde passaria as próximas noites até sentir fome de novo. Não precisava se preocupar com as sobras da caçada, pois os famélicos cuidariam disso. Sim, era a hora *deles*. Os cães das redondezas começaram a ganir. Os espécimes domésticos pressentiam a aproximação dos primos selvagens.

Eles se aproximaram do cadáver, surgindo sem aviso de várias ruas paralelas. Beatriz, por mais atenta que estivesse, em geral só os notava quando já se encontravam próximos da presa. Eram muito silenciosos e moviam-se com uma leveza surpreendente para animais tão robustos. Mantinham-se camuflados na paisagem urbana e chegavam de maneira furtiva, famintos e ansiosos pelo banquete da carne humana. A pesquisadora suspirou fundo, fascinada pela presença dos animais. Eram canídeos, mas tinham cabeças maiores e mais quadrangulares do que os cães. Pareciam um pouco com hienas, mas apresentavam a silhueta mais longa. A pelagem escura variava entre um negro intenso e um tom cinza-sujo com algumas manchas mais escuras no dorso. Chamavam atenção pelo tamanho das mandíbulas, mas os dentes eram mais adequados para a trituração do que para o corte. A bióloga focou com a luneta a fêmea líder, o seu animal predileto. Era um canídeo excepcional, esperta, feroz, bem maior do que o resto da matilha composta por cinco machos e dois filhotes. Beatriz a chamava de Nega. A pesquisadora tinha batizado cada um dos animais com um nome para facilitar as observações.

Feroz era o segundo em tamanho. Um macho malhado mal-humorado, mantido sob controle graças a algumas surras bem aplicadas por Nega. Beatriz nunca gostara dele, pois concluíra que o macho beta era um bicho traiçoeiro, disposto a matar a líder na primeira oportunidade para tomar o comando da matilha.

Vovô, o mais velho de todos, era um animal doente. A pesquisadora sabia que logo iria perdê-lo, pois não duraria mais do que dois ou três meses. Beatriz já o havia examinado de perto uma vez, após colocá-lo para dormir com tranquilizantes. Na ocasião, instalara por baixo de sua pele um *chip* que lhe permitia localizá-lo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Dois machos jovens, Cacá e Zezé, crias de Nega, eram os fiéis escudeiros da líder, seguindo-a por todos os cantos. Soneca, o macho ômega, era um animal tranquilo e simpático. Agora mesmo esperava sem reclamar a sua vez de comer, pois, como ômega, era o último da fila, atrás até dos filhotes Tico e Teco. No geral, era um grupo sólido que se mantinha unido havia três anos e já rendera muitos dados interessantes para a bióloga. O seu último *paper* sobre famélicos fora publicado na brochura do IBEFF com boa repercussão, dando-lhe certa notoriedade, embora dentro de um universo bem limitado. Afinal, quem leria um trabalho publicado nos anais de uma instituição secreta, que evitava publicidade e mantinha-se no anonimato?

No terreno baldio, os famélicos comiam depressa, farejando o ar e olhando de vez em quando ao redor, pois a qualquer momento alguém poderia surgir para interromper a refeição. Nega já tinha comido e parecia satisfeita, vigiando cada movimento nos arredores. O ômega Soneca agora se fartava com o que tinha sobrado e os demais pareciam tranquilos. Era uma noite feliz para o grupo.

Então a bióloga viu algo que quase a fez gritar um palavrão, tal a sua surpresa. Depois que Soneca abandonou os restos do cadáver, Nega pegou a carcaça e começou a enterrá-la. Beatriz observava a cena, maravilhada. Nunca havia visto os famélicos enterrarem sua comida, geralmente eles comiam até não sobrar nada. Mas Nega parecia ter adquirido um novo hábito. Isso bastou para que Beatriz voltasse a vibrar como na primeira noite em que observara os famélicos. Todo o seu trabalho estava valendo a pena. Começou a ditar notas no gravador do MP3 *Player*, baixinho, para não ser detectada pelos ouvidos sensíveis dos animais. Depois, ia examinar melhor o lugar onde Nega enterrara a carcaça. Enquanto isso, o grupo de famélicos estava se dispersando. Iam para seus esconderijos diurnos, não necessariamente próximos uns dos outros. Os famélicos só se reuniam em grupos ao anoitecer. Mas, antes disso, Beatriz sabia que mais um fenômeno singular ia ocorrer. Aliás, já estava acontecendo. Os famélicos estavam assumindo a forma humana.

A silhueta arredondada de Nega destacou-se na tênue luz do poste, levando consigo Tico e Teco. Parecia apenas uma mulher negra gorda e musculosa segurando duas crianças pelas mãos. Quem acreditaria que era na verdade uma grande cadela retinta? Os demais também se afastavam, apressados. Homens magros, rostos sem expressão, esquecíveis, comuns. Eram assim, os famélicos.

Ninguém se lembrava deles. Ninguém sabia deles. Iam perambular por São Paulo com a aparência dos humanos, vivendo entre eles até o vampiro provedor voltar a caçar. Apareciam por breves períodos para logo sumirem na escuridão, como fantasmas. Mas Beatriz podia vê-los na sua forma real através da luneta infravermelho, sensível ao calor emitido pelos corpos de canídeo. A caçada tinha terminado. Beatriz guardou a luneta e as suas anotações na mochila e deixou o telhado do prédio.

Ao alcançar a rua, a bióloga ligou o celular. Imediatamente, o sinal de uma ligação perdida surgiu no visor. Ligou para o número armazenado e uma voz conhecida soou do outro lado.

– Que bom que retornou a ligação, doutora. Preciso de você com urgência.

– Não pode esperar, Sidnei? Preciso examinar o campo neste exato instante, antes que amanheça. Descobri uma coisa extraordinária hoje.

A voz do outro lado pareceu entediada.

– Sim, sim, tenho certeza que descobriu. Mas escute a novidade. Houve um ataque dos famélicos a um ser humano na noite passada.

– De famélicos ou de um vampiro?

– Famélicos, sem nenhum vampiro por perto.

– Não acredito!

Ouviu uma risada do outro lado.

– Pode acreditar, doutora. Os seus vira-latas resolveram comer um homem vivo na Granja Viana.

– Não pode ser, os famélicos só comem carniça. Já surpreendi alguns revirando túmulos frescos, mas atacar um humano vivo? Nunca houve um caso anterior...

– Pois é isso que esperamos que investigue, doutora. Se o ataque foi mesmo motivado pela fome. Ou se houve uma outra causa...

Beatriz já estava no terreno baldio. Queria desligar logo para investigar o local.

– Tá bom, falamos disso de manhã, Sidnei. Mas tenho certeza que é um engano. Famélicos não matam, só comem carniça – *embora também não enterrem carcaças*, pensou.

– Vou te enviar um **e-mail** com o endereço do homem que foi atacado. Ele se chama Samuel Sou... Jouza. Vá falar com ele.

– Tenho que desligar, Sidnei.

– Fale com ele amanhã.

– Tchau, Sidnei.

Não queria perder tempo com outros famélicos. Só se interessava pela Nega e os seus novos hábitos. Deu uma boa olhada no local onde os famélicos estiveram

se banqueteando, sem se aproximar demais para não impregnar o lugar com o seu cheiro. Mas estava um pouco dispersa. A voz de Sidnei na sua memória continuava a repetir: *eles atacaram um ser humano hoje*.

Abanou a cabeça, inconformada. Um fato desses, se fosse verdade, poderia significar muito mais do que um simples desvio no padrão. Os famélicos não matavam. Não poderiam matar. Se os famélicos comessem a matar as suas próprias presas, deixariam de comer os cadáveres abandonados pelos vampiros? Iriam disputar a caça com eles? Havia um equilíbrio frágil ali, e estava sendo quebrado. Isso não lhe agradava nem um pouco.



5. A Bióloga e o Olheiro

2008 – São Paulo, Brasil

SAMUEL OLHOU-SE NO ESPELHO. Pingou duas gotas de soro fisiológico nas narinas, incomodado pela crise de sinusite desencadeada pela exposição à garoa havia duas noites. No geral, estava bem melhor do que seria de se esperar. O pescoço parecia novo em folha, graças aos comprimidos do IBEFF, tinha que admitir. No começo, as marcas da mordida vampírica mais pareciam derrapadas de um maquiador de filmes B, mas agora tinham se transformado em pontinhos quase invisíveis.

O braço direito, porém, estava em más condições, resultado do ataque sofrido na Granja. A mordida daquela fera ia deixar cicatrizes, além de ter lhe rendido uma série de doses de vacina antirrábica. Agora, depois de várias horas de sono reconfortante, enxergava os acontecimentos de duas noites atrás com apreensão. Por pouco não fora morto. Aqueles bichos teriam feito picadinho dele, não fosse a chegada providencial dos vigias.

Seus pensamentos foram interrompidos por batidas na porta.

– Seu Samuel, tem uma moça lá em baixo procurando o senhor.

– Me procurando? Tem certeza, dona Conceição?

– Ôxe, claro! O senhor é o único Samuel com o sobrenome esquisito na minha pensão. Não tem erro, não.

– Tá certo, dona Conceição – Samuel suspirou contrariado. Na certa, era um engano. Nunca recebia visitas. Podia dizer que não estava, mas...

– Vá logo, moço – disse a mulher. – Eu já falei que o senhor está, por isso vá atender logo.

– Certo, certo, dona Conceição. Obrigado por me avisar.

– Tem café na garrafa térmica se ela quiser. Já tá adoçado.

Samuel fez uma careta ao lembrar-se do café superdoce de dona Conceição. Um veneno para ele e a sua taxa de glicose.

– Obrigado...

– Por nada. Tô indo para o mercado inda agorinha – ela avisou. – Pode atender o telefone, se tocar, viu?

– Pois não.

Ao descer a escada atrás da mulher, a sua atenção já estava dirigida para a moça que o aguardava, sentada no sofá de curvim da sala de estar. Samuel gostou do que viu. Era uma mulher magra e bem proporcionada, de volumosos cabelos castanhos claros presos num rabo-de-cavalo. Seus olhos verdes eram expressivos e amigáveis. Uma boca bem desenhada. Usava jeans, camiseta cáqui sem mangas e uma corrente com uma curiosa conchinha fossilizada no pescoço. Tinha aquela expressão de pessoas independentes e práticas, simpáticas desde a primeira vista. Samuel esperou a dona da pensão sair pela porta da frente e dirigiu-se à visitante:

– Pois não, queria falar comigo?

– Ah, o senhor é o Samuel Souza?

Samuel respirou fundo.

– Jouza. Com “j”. É um sobrenome eslavo.

Ela sorriu.

– Ah, entendo. Muito prazer, Beatriz Semper. Sofro do mesmo problema, escrevem a palavra “sempre” ao invés do meu sobrenome “Semper”.

O olheiro sentiu os músculos faciais se moverem, meio desajeitados. Não estavam acostumados a sorrir.

– Prazer.

– Só pra constar: não tenho culpa por errar o seu sobrenome. Sidnei me fez o favor de escrever “Souza” no *e-mail* que me mandou com o seu endereço.

Samuel ficou em alerta.

– Sidnei?

– Sim, do IBEFF. Ele me avisou que vocês tiveram uns... atritos.

O olheiro não sabia bem como agir. Ela sabia sobre vampiros. Deveria saber, ela era do IBEFF, não era? Samuel fechou a cara. Afinal, não tinha sentido ficar sorrindo à toa pra alguém do IBEFF depois de ter mandado o Instituto e o seu representante às favas. Sentou-se na poltrona, de frente para a moça, e disse:

– Bem, e o que você quer, Beatriz?

Ela retirou um par de óculos da bolsa e colocou-os. Samuel notou algumas sardas sobre o nariz arrebitado dela, o que lhe dava um leve ar de colegial.

– Preciso de algumas informações sobre os animais que o atacaram anteontem.

– Então o Instituto já sabe disso também?

Ela riu.

– Não me pergunte como, mas Sidnei consegue saber de tudo de uma forma quase mágica. É irritante, não é?

Samuel notou que a moça olhava para o seu braço.

– Você está ferido. Foi durante o ataque? Posso dar uma olhada no seu braço? – ela disse.

– Você é médica?

– Sou bióloga.

Ela parecia ansiosa para examiná-lo, mas a ideia não o agradou.

– Então não vejo por que devo deixar você mexer no meu braço. Que, aliás, está muito dolorido.

– Tá bom. Desisto – ela respondeu. Mas contra-atacou. – Deixa ao menos fazer algumas perguntas? Por favor?

Ela sorriu para ele. Era bem mais agradável conversar com ela do que com Sidnei. Samuel sentiu os músculos faciais entrando de novo em ação. Que saco.

– Tá, faça as perguntas.

– Você sabe o que são famélicos?

– Não.

– Famélicos são cães. Ou algo parecido com cachorros – retirou uma foto de dentro da bolsa de lona que carregava. Era a foto da Nega e de sua matilha.

– São eles – disse Samuel ao ver a foto. – Foi um bicho desses. Sete deles.

Beatriz parecia preocupada. Ficou olhando um instante para a foto, calada. Samuel podia ver uma ruga de contrariedade surgindo na testa da bióloga.

– Como foi que aconteceu? – ela perguntou.

– Foi de madrugada – Samuel abaixou o tom da voz. – Num terreno baldio na Granja Viana. Eu estava vigiando um vampiro e um desses cachorros me atacou. Trancou os dentes neste braço.

– Puxa vida!

– Depois apareceram mais seis bichões enormes. Eles me cercaram. Babavam e rosnavam. Só escapei porque dois vigias apareceram.

– Viu algum filhote por perto?

– Não. Eram adultos e grandões, bem grandões mesmo.

– Interessante, geralmente a matilha traz seus filhotes na hora de se alimentar.

Samuel sentiu um arrepio desagradável na espinha.

– Você acha que eles queriam me **comer**?

– Ah, sim – ela respondeu, muito séria. – Os famélicos comem carne humana. Mas não matam. Você sabe, eles só comem carniça deixada por vampiros. Ou pelo menos eu achava que comiam só carniça.

– Carniça de vampiros!

– Não sabia disso? Sidnei me disse que você é um *vampwatcher*. Nunca viu um famélico antes?

– Bem, eu...

Samuel estava atônito. Nunca tinha ouvido falar de famélicos. Mas agora, vasculhando na memória algumas cenas longínquas, pareceu-lhe ver alguns vultos de quatro patas nas proximidades dos locais de caça dos vampiros. Uma lembrança muito sutil, um quase nada... Sacudiu a cabeça, irritado. Não conseguia formar uma imagem clara na sua mente.

– É normal – disse a bióloga. – Essa dúvida, essas lembranças vagas. Os famélicos se camuflam muito bem. Não é nenhuma novidade que você não os tenha notado durante as suas observações.

Samuel continuava a balançar a cabeça, chocado.

– Mas animais desse tamanho... Nunca vi nada parecido até o ataque.

– Você viu, sim. Eles se disfarçam de gente. Ou melhor, misturam-se à paisagem humana como os animais selvagens misturam-se às cores e à vegetação de uma savana africana, por exemplo. Deve ter visto algumas pessoas perambulando nos arredores do território de caça do vampiro. Homens e mulheres com aparência comum, esquecível. Uma pequena multidão se espalhando pela rua, pelos becos, pessoas insignificantes a quem você nunca presta atenção.

– Sempre tem pessoas por perto. Aparecem do nada, de repente... – Samuel olhou de novo para o retrato dos famélicos. – Você quer dizer que eles são... estes bichos?

Beatriz concordou com a cabeça, embora na sua mente o gesto fosse de discórdia. “Bichos”? Os famélicos não eram simples bichos. Era uma raça fascinante de criaturas incríveis. Mas a maioria dos seus colegas do IBEFF os considerava carniceiros de segunda classe. Samuel devia pensar o mesmo. Ainda

assim, estava fascinada pelo fenômeno sem precedentes. Famélicos caçando um ser humano...

– Sei que é meio difícil de acreditar – ela explicou com paciência. – Mas eles produzem uma ilusão na nossa mente. Não tenho muitas informações ainda, é uma espécie recém-descoberta, não se conhece muito a respeito deles.

– Eu sei onde um deles se esconde.

– Perdão?

Samuel levantou-se.

– Vi o rosto de alguém no mato antes de ser retirado do local do ataque. Alguém que conheço. Eu o vi na recepção de um hotel na Liberdade.

Beatriz abanou a cabeça, incrédula.

– Deve estar enganado. Os famélicos não se fixam em lugar algum. Eles não convivem com os humanos, apenas perambulam pelas ruas até chegar a noite. Nem sei se são capazes de falar. Não são criaturas tão evoluídas.

– Vou até lá, agora. Quero verificar por mim mesmo – Samuel se levantou. Movido por um impulso, perguntou. – Quer vir comigo?

Beatriz estava intrigada com o olheiro de vampiros. Já tinha conhecido alguns *vampwatchers*, mas eram todos sujeitos simplórios, sem muito charme. Mas Samuel era diferente. Havia algo de selvagem nele. E isso agradava a uma bióloga, claro. Por isso, ficou espantada e feliz ao mesmo tempo com o convite.

– Mas é claro! – apressou-se em responder. – Se é sobre famélicos, eu estou sempre cem por cento interessada!



Beatriz conseguiu, a custo, encontrar uma vaga nas ruas estreitas e movimentadas do bairro oriental da Liberdade. Arrependera-se de ter vindo com o seu velho Gol 98, era bem melhor usar o metrô nesses casos. Mas Samuel não parecia preocupado com isso. Estava muito quieto, observando os arredores com desconfiança. O observador de vampiros era arisco. Quase como um famélico... Ou um lobo solitário. Beatriz gostou da ideia, um lobo caçando famélicos.

Andaram em silêncio por algumas quadras até o Hotel Tayô. O prédio antigo com o letreiro de *neon* continuava do mesmo jeito que Samuel deixara duas noites antes. Ao espiar através da porta de vidro, ele viu atrás do balcão um japonês roliço de meia-idade tomando guaraná e comendo um sanduíche.

– Bem, não tem ninguém parecido com o sujeito que eu vi... – resmungou.

– Tem certeza de que não se confundiu? – disse a bióloga. – É fácil se enganar em meio a tantos rostos orientais.

– Sou um bom fisionomista, Beatriz.

– Ok, ok.

Samuel estava contrariado. Não queria ser ríspido, mas o ceticismo de Beatriz o deixava nervoso. Ora, ele não tinha se confundido, coisa nenhuma. Estava acostumado a observar pessoas. Tinha visto muito bem o sujeito no terreno baldio, em meio aos arbustos. Era o mesmo que havia visto ali, dentro do hotel. Mas ficar só olhando não ia adiantar muito. Decidiu entrar para tirar tudo isso a limpo.

– Boa tarde – disse o recepcionista gorducho, limpando a boca com um guardanapo de papel, ao vê-los. – Quarto de casal?

Samuel olhou, de relance, para a TV na parede, agora desligada:

– Preciso falar com um rapaz que trabalha ou está hospedado aqui.

O homem fez uma cara de interrogação.

– Com quem?

– Com o rapaz que estava sentado na recepção anteontem à noite – Samuel explicou. – Um japonês magro, de uns vinte e quatro, vinte e cinco anos, usando uma camiseta cinza.

O homem sorriu, cortês, mas abanou a cabeça.

– Desculpe, não tem nenhum rapaz assim hospedado aqui. Anteontem, eu mesmo estive cuidando da recepção à noite e não vi ninguém.

– Perdão – insistiu o olheiro, impaciente. – Eu estive aqui e vi um rapaz sentado no sofá. E o senhor não estava aqui.

– Não, não – o homem balançava a cabeça, rindo. – Impossível. Eu nunca abandono o balcão. Nunca.

– Mas...

– Impossível, impossível.

O homem não o deixava falar. Isso só serviu para irritá-lo ainda mais. Ficou alguns instantes, quieto, olhando para o oriental. Não conseguia perceber as intenções por trás daquela risada impessoal. Será que ele estava escondendo o outro? Se fosse isso...

Beatriz interpôs-se na discussão.

– Calma, Samuel – ela pegou firme o olheiro pelo braço e começou a conduzi-lo para fora. – Ele não viu o cara ou não se lembra dele. Não adianta discutir.

O recepcionista bufou, irritado. Beatriz o ouviu, às suas costas, resmungar.

– Cada maluco que me aparece...

A bióloga olhou para Samuel, em dúvida. Será que o *vampwatcher* era confiável? Talvez fosse só um maluco, como dissera o homem do hotel. Um cara

muito esquisito...

– Não sou maluco – disse Samuel, fazendo-a se sobressaltar. – O rapaz estava ali, anteontem, tenho certeza. Ele deve ter reunido o resto da matilha para me seguir e atacar mais tarde.

– Não pode ser, Samuel. Os *Canis famelicus* não são muito resistentes para a corrida. Não conseguem percorrer a distância até a Granja Viana em tão pouco tempo. Você deve ter sido vítima de cachorros de rua.

O olheiro respirou fundo e disse:

– Olha, doutora, essa discussão não leva a nada. Eu vi, está bem? E eram os bichos da sua foto. Não adianta você dizer que eles não fazem isso ou aquilo. Eu vi. Assim como vi um deles no hotel.

Beatriz suspirou, desanimada. Os famélicos eram bem mais fáceis de lidar... Eles eram aquilo que eram. *Canis famelicus*, da família dos canídeos. O bicho-homem, por outro lado, era tão complicado! E este, em particular, era mais complexo do que os demais. Talvez por isso tenha despertado o seu interesse. Bem, ela sabia do que ambos precisavam. Um pouco de paz. E açúcar.

– Olha – apontou para uma cafeteria na esquina com a praça da Liberdade. – Vamos tomar alguma coisa ali, vamos relaxar um pouco.

O observador de vampiros aquiesceu, aliviado por sair da rua. Na hora nem sentira, mas agora o braço ferido estava doendo. Entraram no que parecia uma mistura de cafeteria e lanchonete, toda envidraçada, com grandes janelas dando para a rua, na esquina da rua Galvão Bueno. Instalaram-se numa mesinha e ficaram alguns minutos em silêncio. Ambos observavam as pessoas lá fora, andando apressadas, num vai e vem constante para a estação do metrô. Uma garçonete com uma camiseta amarela veio, com passinhos miúdos, para atendê-los. Beatriz pediu um chocolate batido – com muito açúcar. Samuel quis só um café com leite, como sempre. Com adoçante.

O olheiro estava envergonhado por ter perdido o controle na frente de Beatriz. Muito tempo de vida solitária o tinha desacostumado ao trato social, transformando-o num sujeito excêntrico sem muita paciência e educação. A companhia de uma mulher o deixava ainda mais desajeitado. E Beatriz era uma moça bonita, simpática, chique demais para ele. Queria ter aberto a porta da cafeteria para ela, em vez de entrar na sua frente. Queria ter sido mais elegante e pedido um *cappuccino*, não um café com leite. Beatriz o olhava, agora, com os seus grandes olhos verdes, que pareciam sempre sorridentes, graças a pequenas rugas de expressão nos cantos. Bobagens! Não tinha tempo para lamentações, agora. Não podia se distrair, precisava retomar o rastro desses famélicos que o agrediram.

– Diga-me – disse, afinal. – Um famélico pode produzir ilusões, não é? Ele pode ter se misturado às pessoas do hotel sem ser percebido?

Ele tocava com os dedos a mão dela. Beatriz estremeceu com a proximidade física inesperada e começou a apalpar a corrente com o fósil no seu pescoço, na falta de algo melhor a fazer. Aquele homem às vezes a assustava. Mas logo o lado biólogo de sua personalidade assumiu e a fez concentrar-se na questão levantada. Pensou um pouco e disse:

– Não sei... Talvez ele possa andar dentro do hotel sem chamar atenção, escondendo-se nos cantos, confundindo-se com os funcionários. Mas não conseguiria falar com você, conversar com o atendente da recepção. Repito: eles não são animais tão evoluídos. De qualquer forma, é uma atitude muito arriscada, que não combina de jeito nenhum com os famélicos. Eles são criaturas tímidas e ariscas.

– Acho que não estamos falando dos mesmos bichos.

– Mesmo que você tenha visto o famélico no hotel – disse Beatriz, sorvendo um gole do seu chocolate – ele não iria aparecer de novo no dia seguinte. É isso que eu estou tentando te explicar, Samuel. Eles tentaram te atacar e falharam. Agora devem estar nervosos e inseguros. Mais ariscos do que nunca.

– Quer dizer que o cara do hotel, se for um famélico, não vai aparecer por um bom tempo.

– Eu diria que é bem provável que ele desapareça para sempre desta região. Samuel se levantou e chamou a garçonete.

– Vou pedir a conta.

Beatriz indagou, curiosa.

– Aonde você vai?

– Vou vigiar o hotel. Pode ser que o famélico volte à noite.

A bióloga olhou para o seu acompanhante com um suspiro de desânimo.

– Você não ouviu o que eu acabei de dizer? Aposto que não vamos ouvir falar deles por um bom tempo.

– Apostado! – disse Samuel. – Um jantar italiano com vinho. Quem perder, paga a conta.

Ela riu.

– Tá bem, mas vou avisando: eu tenho gostos caros, hein?

Samuel riu também. Esse negócio de sorrir estava se tornando um novo hábito.



6. A Tocaia

2008 – São Paulo, Brasil

– QUE HORAS SÃO? – SUSSURROU BEATRIZ.

– Quase cinco da manhã – respondeu Samuel.

Estavam ambos aquartelados dentro do Gol, agora posicionado discretamente a uma quadra do Hotel Tayô. A multidão que tomava conta do bairro durante o dia desaparecera após as primeiras horas da noite. Mesmo os restaurantes japoneses fechavam cedo. Só as boates funcionavam na madrugada, mas ali não havia nenhum estabelecimento do gênero. A rua estava vazia.

– Eu cochilei – disse Beatriz, esfregando os olhos.

– Não faz mal – Samuel pensava em como ela era interessante, mesmo àquela hora da madrugada, sem um pinga de maquiagem, com os cabelos despenteados. – Pode descansar, eu fico vigiando.

– Não, eu fico vigiando, agora. Durma um pouco.

O olheiro deu de ombros.

– Eu não durmo à noite, Beatriz. Sou um observador de vampiros.

– E eu, de famélicos. Animais noturnos também, viu? – respondeu ela. – Mas você não dormiu durante o dia, deve estar morto de cansaço.

– E você também – ele emendou. – Estamos empatados. E agora?

– E agora... – Beatriz olhava, atenta, para um ponto no início da rua. – Acho que acabei de perder uma aposta!

Samuel seguiu a direção do olhar da Beatriz e os viu. Eles estavam lá. Seis cães farejando o ar, as suas sombras recortadas na claridade da avenida ao fundo. Faltava um, provavelmente o animal que o olheiro tinha ferido com o canivete. Beatriz, por seu turno, estava chocada. Esses animais eram enormes, muito bem alimentados e desenvolvidos, todos tão grandes quanto Nega. Ao contrário de outras matilhas, esta tinha só animais adultos, como Samuel tinha lhe dito. Moviam-se juntos, em linha, como se conversassem.

Samuel não estava gostando nem um pouco do que via. Os canzarrões estavam cheirando o chão, fuçando os cantos, os postes. Uma ideia preocupante lhe ocorreu:

– Eles podem nos encontrar com o faro? – sussurrou Samuel.

– Se forem os mesmos que atacaram você ontem, sim. Eles conhecem o seu cheiro.

O olheiro sentiu um arrepio na espinha. Não tinha considerado a possibilidade de encontrar o bando de novo, todos juntos. Estava começando a se arrepender de ter trazido Beatriz consigo, como se fosse um simples passeio. Esta brincadeira poderia acabar mal e a culpa era toda dele.

– Mas estamos a quase cinco quarteirões e com os vidros fechados.

– Eles têm um faro incrível. Com o vento a favor, encontrarão o cheiro de suas pegadas e as seguirão até o carro. Nós deixamos nossos cheiros na calçada, na maçaneta da porta do carro... A não ser que as pistas sejam apagadas por uma chuva, por exemplo, eles saberão exatamente onde estamos.

De repente, um deles começou a rosnar. Os demais agruparam-se ao seu redor e voltaram a cabeça, todos ao mesmo tempo, para o lado do Gol. Por instinto, tanto Samuel quanto Beatriz se abaixaram.

Samuel podia sentir o sopro da respiração de Beatriz na sua face. Ela tremia. Tinha que admitir que ele também estava assustado. Enfrentar seis famélicos numa rua deserta não estava nos seus planos. Na verdade, estava convencido, como a bióloga, de que nenhum deles ia aparecer esta noite e resolvera vigiar o local por pura teimosia. Bem, estava enganado. Olhou para Beatriz, e disse baixinho:

– Ligue o carro e vamos dar o fora daqui.

Beatriz estava pálida. Olhou para o rosto tenso de Samuel, agora a poucos centímetros do seu, e concordou com a cabeça. Começou a abrir a bolsa, nervosa, para procurar a chave do carro. Que saco, por que não deixara a chave no contato?

Tinha a mania de guardá-la assim que desligava o carro, pois temia trancar o carro com a chave dentro. E agora a chave estava lá, perdida dentro de sua bolsa enorme e caótica.

Ambos ouviram ao mesmo tempo as unhas dos cães estalando sobre o calçamento, avançando para perto do Gol estacionado. Beatriz estava com medo. Esses não eram os animais que amava. Não eram os carniceiros, limpadores do meio-ambiente, os parasitas dos vampiros. Eram predadores ferozes à procura de sua presa. Um fungado alto soou por baixo da porta, balançando o carro. Um outro, na porta do passageiro. Estavam farejando o veículo. O Gol foi sacudido com mais força. Nesse instante, Beatriz soltou um suspiro de alívio. Tinha encontrado a chave! Olhou para Samuel, alegre. Mas o olheiro olhava para além dela, os olhos arregalados de espanto. Beatriz olhou para trás e deixou escapar um grito.

Rostos. Rostos humanos inexpressivos. Comuns. Esquecíveis. Vários rostos colados aos vidros, observando-os. A respiração deles embaçava os vidros. Uma baba branca escorria de suas bocas. Os corpos, colados à lataria do carro, balançavam o veículo com força.

– Vamos embora! – gritou Samuel, sacudindo Beatriz.

Ela despertou do torpor. Sim, precisavam sair dali. Ergueu-se e tentou girar a chave no contato. Os rostos pareceram entender que a presa preparava-se para escapar. Um uivo se seguiu. Depois outros. O carro começou a balançar cada vez mais forte. Unhas arranhavam o metal. Corpos pesados começaram a se atirar ao encontro dos vidros. Beatriz tremia muito e demorou uma eternidade para conseguir colocar a chave no contato.

– Depressa! – gritou Samuel.

Beatriz girou a chave e engatou a marcha. Pisou no acelerador. O carro morreu.

– Que merda! – ela gritou, desesperada.

– Calma – ele disse – tente de novo, vamos!

Nova tentativa. De novo, o motor soltou apenas um ruído fraco e triste. Um baque de um corpo peludo no vidro da frente deixou uma rachadura. Um outro no vidro traseiro. Beatriz tentou dar a partida de novo. Girar a chave. Engatar a marcha. Pisar no acelerador. Um rosto crispado, meio humano e meio cão chocou-se no vidro, bem na direção de seu rosto. O carro projetou-se com um solavanco para a frente e depois morreu. Um corpo negro voou após ser atingido pelo Gol. Um ganido agudo seguiu-se ao barulho.

– Vamos, vamos! – berrou Samuel. – Passe por cima deles ou vão nos matar!

Ela girou de novo a chave. O motor não deu sinal de vida.

– Não adianta – disse Beatriz, aterrorizada. – O carro afogou.

– Putaquepariu!

O ataque dos animais redobrou em fúria. O vidro dianteiro parecia o alvo preferido dos famélicos. Samuel olhou para os lados, procurando algo que servisse de arma. Encontrou apenas a velha trava de segurança do carro, uma barra de metal em gancho, que imobilizava o câmbio ao ser introduzida numa tranca com chave. Só havia um jeito de um dos dois escapar com vida dali. Ia sair do carro. Ia atrair os monstros para si, quem sabe Beatriz conseguiria se safar enquanto ele os distraía. Afinal, tinha quase certeza que era a ele que eles queriam.

– Fique abaixada – disse para Beatriz, enquanto empunhava a barra.

– O que vai fazer? Não seja louco, ainda mais com esse braço machucado! Eles vão te estraçalhar.

Ela procurava algo no chão.

– O que está fazendo, Beatriz?

– O celular! Sou uma burra, devia ter lembrado antes. Vou chamar Sidnei.

– Não vai dar tempo! Chame a polícia.

– Não! – ela havia encontrado o celular e já discava para o IBEFF. – Ninguém pode saber sobre os famélicos.

Mais impactos sobre o vidro castigado. Os famélicos corriam em volta do Gol para tomar impulso e atirar-se de novo ao encontro dos vidros.

– Mas que merda! – berrou Samuel. – Vamos virar picadinho antes do IBEFF chegar.

– Espere – ela disse, trêmula. – Eles pararam.

Era verdade. Depois do ataque maciço, havia se estabelecido um silêncio profundo. Samuel ergueu a cabeça com cuidado. Os famélicos haviam desaparecido. De repente, começou a ouvir o som familiar do caminhão de lixo. Homens vestidos com uniformes laranja apareceram como por encanto, recolhendo os sacos de lixo das esquinas. Gente demais, pensou Samuel, para esses bichos ardilosos. Haviam largado a presa e fugido, por ora. O observador suspirou, aliviado. Ao seu lado, Beatriz respirava fundo. Haviam escapado por um triz. Os vidros do Gol estavam rachados quase por inteiro, não aguentariam mais do que alguns segundos.

Samuel notou um movimento pelo espelho lateral do carro. Havia mais alguém que os observava de alguma distância, alguém de quem só agora conseguia perceber a silhueta, quase invisível, na meia-luz do nascer do sol. Era uma menina, que ficou ali, parada por alguns segundos. Em seguida, desapareceu. O observador de vampiros estava atônito. Primeiro, os cães. Agora, a garotinha. Todos os personagens de duas noites atrás pareciam ter vindo ao seu encontro. E o diabo é que ele continuava tão – ou mais – perdido quanto antes em meio a essa confusão.

Beatriz conseguiu ligar o carro.

– Vamos embora antes que aconteça mais alguma coisa.

Samuel fez que sim com a cabeça.

– Vai conseguir dirigir com o vidro todo rachado?

– Não – ela respondeu. Em seguida, golpeou com a trava de segurança o parabrisa, acabando de arreventá-lo. – Agora, sim.

Samuel riu. Essa garota era bem pirada.

– Você entendeu, não é, por que eu não quis chamar a polícia? – disse ela. – Depois do ataque na Granja Viana, a polícia vai ficar desconfiada se acontecer mais um problema com cães. E, ainda por cima, com você envolvido!

– Eu sei. E se descobrirem os famélicos, logo chegarão aos vampiros. Eu não quero que isso aconteça.

– Então, vamos – ela olhou-se no espelhinho retrovisor. – Ah, meu Deus... Estou horrível! Os olhos inchados, descabelada...

O olheiro abanou a cabeça, muito sério:

– Você está linda.

Ela ruborizou como uma adolescente, deixando-o encantado. Sem jeito, ela gaguejou:

– Estou com fome, preciso de um café reforçado. E você?

O piado alegre dos pardais já se fazia ouvir nos telhados. Uma luz tênue começou a se desenhar no horizonte recortado de prédios antigos e escuros. Estava amanhecendo em São Paulo.



10. Jogo de Vampiros

2008 – São Paulo, Brasil

O SOL BRILHAVA NA MANHÃ QUENTE DA GRANJA VIANA E SÓ AGORA SAMUEL SE DERA CONTA DE TER PASSADO A NOITE ACORDADO. ESTAVA EXAUSTO. Durante várias horas não havia nem mudado de posição na cadeira. Apesar disso, sentia-se leve. Aliviado. Não havia mais espaços vazios na sua mente. Tinha conseguido reconstituir tudo o que acontecera. Ele não tivera culpa pela morte de Davi. E nem Kaori.

Samuel respirou fundo, enchendo os pulmões. Sentiu o perfume das flores do jardim. Observou o amarelo vibrante das acácias. O rosa intenso das azaléias. E uma infinidade de outras flores, cujos nomes não sabia, enchendo os olhos de qualquer um que as visse assim, à luz do dia. Durante a noite, na penumbra, a imensa variedade e a beleza dessas flores eram quase invisíveis. Era engraçado como Takezo, que só vivia à noite, mantinha um jardim tão colorido na sua casa.

O olheiro se ergueu. Esticou os braços e alongou a coluna. O estômago roncava. Será que poderia andar livremente por aí? Bem, logo iria saber. Seguiu

pela varanda e entrou na sala, onde tinham sido recebidos na noite anterior. Viu jornais japoneses já folheados. Livros e revistas também em japonês. DVDs de filmes, a maioria de caubóis. Então Takezo-san gostava de *westerns*... E ele, como um bom olheiro, gostava de bisbilhotar. Mas antes queria comer algo. Ao entrar na cozinha, foi surpreendido por uma bela mesa posta para o café.

Samuel sentou-se, maravilhado. Havia leite e café quentes em garrafas térmicas novinhas. Pãezinhos franceses crocantes, manteiga, presunto, salame, queijos. Um bolo de fubá com algumas fatias já cortadas, prontas para serem servidas. No prato, um meio-mamão papaia coberto com película plástica, bananas, pêssegos e maçãs numa fruteira. Num balde de gelo, iogurtes de vários sabores. Água quente em outra garrafa térmica, perto de uma caixinha cheia de envelopes de chás. E... uma prova incontestável da eficiência do nervoso mordomo Jorge: uma cesta com vários adoçantes em envelopes, em gotas, em potes, de todas as marcas imagináveis.

Se fosse um dia comum, toda aquela comida seria um desperdício, pois Samuel só tomava um café com leite quando acordava, geralmente depois das duas da tarde. Mas desta vez o olheiro estava com muita fome. Deixou de lado o mamão, de que não gostava, e atacou os pães, fazendo um grande sanduíche de queijo e presunto. O café estava forte demais, mas, misturado ao leite, ficou aceitável. Afinal, não podia esperar que um mordomo que só bebe sangue fizesse um café perfeito... Enquanto comia, examinou com antipatia os chás e os iogurtes. Comeu mais um sanduíche, desta vez de salame. Para terminar, provou uma fatia do bolo de fubá, por certo comprado em alguma padaria, pois estava delicioso.

Satisfeito, o olheiro passou a explorar a casa. Ao lado da sala da lareira, havia uma biblioteca com uma infinidade de livros japoneses, mas também com vários títulos em português. Grandes clássicos da literatura, biografias de personagens ilustres, inúmeros livros sobre assuntos tão variados quanto jardinagem e física quântica. O dono da casa tinha interesses ecléticos.

No corredor que levava ao quarto de Samuel abriam-se mais três quartos, mobiliados da mesma forma, sem nenhum objeto pessoal ou roupas dentro dos armários. Isso indicava que Takezo não morava, de verdade, ali. Provavelmente a sua residência oficial era o apartamento da alameda Santos.

No final do corredor, havia um local que interessava mais ao olheiro: um pequeno escritório, com uma bancada em “L”, que fazia as vezes de mesa de trabalho. Samuel sentou-se na cadeira giratória macia e observou os objetos sobre a bancada. Um *netbook*, daqueles utilizados para trabalhos simples como navegar na internet e enviar mensagens. Uma revista da colônia japonesa em São Paulo. Um livro sobre *ikebanas*. Algumas canetas esferográficas com logotipos de empresas de táxi e só.

Os dedos de Samuel formigavam de curiosidade. Queria saber o que havia no *netbook*. Sentia-se meio mal por estar espionando, mas Takezo não parecia nenhum ingênuo. Ele devia saber no que estava se metendo ao admitir em sua casa um olheiro de vampiros... Depois de um período bem curto de hesitação, abriu o *netbook* e o ligou. Mesmo que não houvesse muita coisa ali, qualquer detalhe era importante para Samuel. O computador entrou em ação com velocidade, fazendo o aparelho que o olheiro tinha em casa parecer jurássico. Mas logo Samuel percebeu que Takezo não era tão acessível assim. Pelo menos o seu *netbook* não era. A máquina pediu uma senha de acesso, que Samuel não tinha, é claro. Desapontado, já ia desistir, mas um palpite o fez voltar à tela da senha para digitar cinco letras: *k-a-o-r-i*.

Ficou perturbado quando o computador lhe deu o acesso. Bem, ali estava uma informação importante. O japonês usava o nome dela como senha. Ficou ainda mais irritado quando surgiu, no fundo de tela, a foto dos dois, abraçados. Pelas roupas que usavam, havia sido tirada na Bloody Station, no dia em que Samuel fora “comprado”, talvez minutos antes do leilão. O olheiro batucou na mesa com os dedos, nervoso. Ela e Takezo. O japonês era um sujeito respeitado no mundo dos desmorts. Um vampiro como ela. Deviam ter muito em comum.

Bolas, estava com ciúmes. Ficou tentado a formatar o computador e acabar com todos os arquivos dele. Mas, ao invés disso, começou a examiná-los. À medida que abria as pastas, a sua irritação aumentou. Filmes, videoclipes de jazz, *mangás*... E nada de conexão de internet. Pra que diabos o japonês usava o *netbook*? Na verdade, tudo ali era tão sem relevância que parecia mesmo uma brincadeira. Começou a se dar conta que essa impressão estendia-se aos móveis, aos objetos deixados na sala, aos livros da biblioteca. A casa toda parecia um cenário montado. Começava a entender por que o seu anfitrião não se importava que ele o espionasse. Porque ali não tinha nada a espionar.

Os vampiros estavam jogando o seu joguinho de novo, usando-o como um peão. E ele não estava achando graça nenhuma.

Ao voltar ao quarto para tentar achar as suas roupas, viu que, mais uma vez, eles haviam antecipado seus passos. A camiseta e os jeans estavam limpos e passados, dobrados com cuidado sobre a cama. As botas brilhavam, engraxadas. O resto de suas coisas estava ali, inclusive o celular e o termômetro infravermelho. Com certeza o mordomo as havia trazido durante a noite, mas Samuel não notara, sentado lá fora. Vestiu as roupas e ligou o celular. Estava sem sinal. Que saco!

A casa continuava deserta. Pudera, eram dez horas da manhã, os vampiros deviam estar ferrados no sono. Samuel começou a procurar por um telefone. Não teve sucesso, é claro. Examinou de novo o celular e constatou que ainda continuava inútil, devia se encontrar numa região com sinal intermitente. Ou o japonês tinha

um bloqueador de sinais em casa. A garagem estava vazia, os carros não estavam mais lá. Isso significava que Kaori tinha ido embora. E o japonês também!

Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas não estava gostando. O portão estava trancado. Os muros altos eram eletrificados. Que merda! De uma forma muito estranha, os vampiros o estavam retendo na casa. Voltou à casa para procurar as chaves, o controle remoto, ou o que fosse para abrir o portão. Nada. Voltou para fora e forçou o portão, furioso. Então percebeu que não estava sozinho na casa.

Um homem o observava no meio do jardim, o seu rosto elevando-se sobre os arbustos de azaléias. Samuel, aliviado, gritou:

– Oi! Pode me ajudar?

Mais dois rostos despontaram, um, mais à direita e outro, do lado da garagem. Do outro lado, surgiram mais dois homens. Havia algo de errado com eles e Samuel sabia o que era. Eles não eram humanos. Eram famélicos. O olheiro começou a recuar. Estava acuado num beco sem saída. Atrás dele havia apenas o portão fechado. Eles se aproximaram, passos leves e rápidos. Dava para ouvir o som de suas patas batendo no chão. Mas Samuel via apenas homens de camiseta e jeans vindo em sua direção. Eles chegaram a cerca de cinco metros do olheiro e pararam, formando um semi-círculo. O que vinha na frente ficou ali, encarando Samuel com o rosto crispado. Os demais balançavam-se, respirando forte.

– Calma... – disse Samuel, tentando mover-se para sair da posição em que se encontrava. – Fiquem quietinhos.

De repente, viu-os na sua forma real. Grandes cães de pelo escuro, com focinhos grossos e mandíbulas enormes. Eles urravam, rangendo os dentes e soltando uma baba grossa. O olheiro procurou algo para se defender, um pedaço de pau, uma pedra... Mas não havia tempo. Um sexto famélico, que surgiu calmamente por último, saltou em sua direção. Samuel tentou desviar, mas o bicho o pegou, fazendo com que perdesse o equilíbrio. Os demais, ao vê-lo no chão, pularam sobre ele.

O olheiro rolou, tentando proteger o pescoço. Ficou no chão de bruços, os dois braços sobre a cabeça. Sentiu os cães sobre ele. Os focinhos crispados, a empurrar suas pernas, os glúteos. As patas enormes sobre as suas costas. As narinas geladas enfiando-se pelos vãos de seus braços, cutucando a sua nuca, as suas orelhas. Apavorado, Samuel não se moveu. Durante alguns instantes, só era audível o ruído produzido pelo rosar dos bichos. Pouco a pouco, os animais se afastaram. Quando ergueu os olhos para ver o que estava acontecendo, viu um homem de meia-idade de rosto indiferente agachado na sua frente. Era um deles.

– Não pode sair da casa – ele disse. – Senão mordemos você. Entende?

O olheiro assentiu com a cabeça, atônito. O bicho tinha falado! Olhou em volta e viu os demais famélicos a observá-lo, de novo nas suas formas humanas.

– Homem deve entrar na casa – disse o famélico. – Não pode sair. Entra na casa. Agora!

O famélico completou a última frase com um rosnado ameaçador. O olheiro achou melhor fazer logo o que eles queriam. Levantou-se. A não ser pelos rasgões na roupa, estava inteiro. Voltou para a casa, acompanhado pelos animais, que o rodeavam. Quando pisou na varanda, eles o deixaram. Mas ficaram nas redondezas, vigiando. Era isso, então. Estava prisioneiro, guardado por essas feras esquisitas. Foram só frases curtas, mas o líder do grupo falara. Beatriz iria vibrar quando soubesse. Se conseguisse sair dali para contar para ela.



Beatriz olhou, apreensiva, para o velho letreiro amarelo do Hotel Tayô, que começara a piscar com a chegada da noite. Bem, era aqui. Não sabia se estava se metendo onde não devia, mas o sumiço de Samuel a preocupava. Na noite anterior ficara esperando por ele, mas o olheiro não aparecera para jantar, como combinado. O celular dele estava fora da área de serviço. Ninguém na pensão o via desde a hora em que saíra, com certeza a caminho da casa dela.

A bióloga suspirou fundo. Ligara para Sidnei de manhã e ele não fizera muito caso quando ela lhe contou do desaparecimento do olheiro. Sem se deixar abater, Beatriz tinha ido até Granja Viana depois do almoço, e percorreu o local onde Samuel dissera haver sido atacado por famélicos. Mas não descobrira nada. Mesmo que houvesse pistas espalhadas no local, não sabia se era capaz de percebê-las. Estava acostumada a observar animais, não pessoas. Mas vamos lá, pensou, examinando a fachada pouco atraente do Hotel Tayô. Vamos brincar de detetive mais um pouco. Se Samuel estava em perigo, cada instante era precioso. Trancou o seu Gol, estacionado numa rara vaga no outro lado da rua e entrou no hotel. Lá dentro, viu de novo o balcão de mármore verde e o atendente gordo, que cochilava. A TV na parede estava ligada, transmitindo o final de um noticiário. A chegada dela o fez acordar, sobressaltado.

– Boa noite! Quarto simples? – ele perguntou, esfregando os olhos.

– Não, obrigada – disse ela meio sem jeito. – Estive aqui outro dia com um amigo... O senhor lembra?

O homem parou para olhá-la melhor.

– Ah, sim! A senhora veio aqui com o maluco – ele olhou para os lados, com má vontade. – Ele veio com a senhora?

– Não – disse ela. – Eu queria saber se o senhor não o viu.

O homem fez uma cara de poucos amigos.

– Não.

Beatriz ficou olhando por um instante para a cara dele, imaginando o que um detetive responderia a uma testemunha renitente como aquela. Pegaria o gorducho pela gola e diria algo como “*não banque o espertinho comigo, otário. Vá logo me dizendo tudo o que sabe!*” Mas ela não era o Humphrey Bogart e só conseguiu responder, intimidada:

– Bem... Obrigada.

O homem grunhiu algo em resposta, sem voltar a olhá-la. Já estava com a atenção voltada para a TV, acompanhando uma cena da novela das oito. Beatriz saiu do hotel com a impressão de ter sido uma péssima detetive. Entrou no Gol para decidir o que fazer. Se estivesse observando os seus espécimes, estabeleceria um local provável para o aparecimento deles e esperaria, escondida, até que dessem sinal de vida. Bem, não custava nada tentar. Ainda bem que mandara aplicar uma película solar bem escura nos vidros do Gol, por segurança. Colocou os fones do seu MP3 *player* no ouvido e afundou o corpo no banco do carro, de maneira a poder ficar de olho na entrada do Hotel Tayô.

Ficou assim, quieta durante muito tempo, lutando contra o sono. O luminoso do hotel piscava, imperturbável, sempre no mesmo ritmo hipnótico. Beatriz bocejou. Já eram quatro da manhã. O seu estômago roncava, pois não comia nada fazia horas. Na certa ia passar a noite ali numa espera infrutífera, pois não havia nenhum indício que lhe dissesse que o hotel, ou alguém dali, tinha algo a ver com o desaparecimento de Samuel. Mas Beatriz precisava fazer alguma coisa, mesmo que fosse de utilidade duvidosa. Jamais se perdoaria se ele fosse encontrado morto, por exemplo, e nada tivesse feito para salvá-lo. A ideia de Samuel morto a deixou apreensiva. *Oh, meu Deus, pensou, que isso não seja verdade!*

Mas a espera foi recompensada. Um casal caminhava na madrugada deserta. Uma bonita oriental de cabelos longos e um rapaz magro e alto, de cabelos louros eriçados com gel. Pararam em frente ao hotel e trocaram algumas palavras. Eram vampiros. Seu coração deu um pulso quando eles entraram no hotel. E agora? Precisava saber mais. Saiu do carro e encaminhou-se também para o hotel.

O gorducho na recepção roncava, a cabeça apoiada sobre os braços no balcão. Mas, ao lado dele, um par de olhinhos orientais a fitavam. Era uma criança. Uma menina de uns sete anos, que, ao ver Beatriz, encolheu a cabeça, escondendo-se atrás do balcão. A bióloga supôs se tratar da filha do gordo, por isso não lhe deu muita importância, apesar de estranhar a presença da criança ali, a essa hora. Será

que os vampiros tinham subido para os quartos? Viu uma plaquinha luminosa, indicando o bar no subsolo. Beatriz desceu a escada estreita e espiou pela porta de vidro do bar.

Viu os desmorts numa mesa, conversando. Por sorte, estava ali, também, um grupo de turistas coreanos animados, enchendo o ambiente de barulho. Beatriz pôde, assim, entrar sem despertar muita atenção. A mesa à frente dos vampiros estava vaga. A bióloga sentou-se ali, depois de pegar um refrigerante com o *barman*, e pôs-se a observar.

A mulher era linda. Usava um vestido roxo simples, mas caía-lhe tão bem... Os gestos dela eram comedidos, suaves. O sorriso discreto brincava nos lábios cuidadosamente pintados com batom rosa-escuro. Beatriz sentiu-se um lixo com a sua cara lavada, o seu jeans, tênis, a velha camiseta vermelha desbotada e a jaqueta de sarja cáqui. O rapaz que acompanhava a oriental tinha traços bonitos e era um tanto *gay*. Usava pequenos brincos prateados e roupas apertadas de couro preto. A bióloga pensou, divertida, que ela poderia se considerar um lixo, também, se comparada a ele. Apesar da algazarra, conseguiu ouvir parte do que diziam, pois os seus ouvidos, acostumados a distinguir os ruídos emitidos pelos animais silvestres, eram muito sensíveis.

– Então diga a *Takezo-sama* que ele estava certo – disse o rapaz. – Há mesmo alguma coisa suspeita por trás dos negócios do Felipe. Coisa grande. Ainda vou descobrir mais, você vai ver. O *sensei* não vai se arrepender por ter me contratado!

– Não se arrisque demais, Mimi – disse a moça. – Felipe é muito esperto.

O rapaz riu.

– Não se preocupe. Esses *héteros* acham que sou só um rostinho bonito sem cérebro. Mas, com licença, preciso resolver uma coisinha...

Ele levantou-se e, com um trejeito cômico, sentou-se na cadeira em frente a Beatriz.

– Oi! – os olhos dele, maquiados, piscavam para ela. – O que você quer, minha linda?

– C-como? – Beatriz estava atônita.

– Olha, querida, vou pegar leve porque estou de bom humor. Mas não me venha com essa cara de sonsinha, porque eu vi muito bem você nos vigiando, lá de dentro do seu Gol caindo aos pedaços. Então... – a voz dele havia adquirido um tom profundo e assustador – ...vá dizendo logo o que você quer.

– Eu... eu não quero nada.

Ele segurou no pulso dela. Ela gemeu, assustada. Os dedos dele a apertavam com força.

– Acho melhor você falar, moça. Eu posso quebrar o seu pulso facinho, facinho...

Beatriz estava apavorada. Nunca tinha visto um vampiro tão de perto, e não estava gostando. No entanto, a moça japonesa havia se levantado e estava agora ao lado do vampiro.

– Pode soltá-la, Mimi. Ela é do IBEFF.

Ele largou-a na hora.

– Eca! Vocês são que nem praga, hein? Estão em todo lugar – depois, disse para a vampira, beijando-lhe as mãos com uma reverência. – Bom, a conversa está boa, Kaori-sama, mas tenho que ir.

O vampiro levantou-se depressa e saiu do bar com passadas rápidas. Beatriz olhava, fascinada, para a moça oriental. Era tão linda! A vampira também a observava, curiosa. Então a voz vampírica soou:

– *Não se preocupe. O homem que procura está bem.*

– Mas... Como você sabe...

A bióloga sacudiu a cabeça, um pouco zonza. Quando se deu conta, a vampira já havia desaparecido.



11. Convivência Forçada

2008 – São Paulo, Brasil

SAMUEL ACORDOU COM UMA BALBÚRDIA REPENTINA AO REDOR. Tinha adormecido no sofá da sala de estar durante a tarde. O responsável pelo barulho era o mordomo vampiro. Ele estava na sua frente, gesticulando e falando, nervoso.

– ...sobre o sofá – dizia ele.

O olheiro esfregou os olhos, ainda sonolento.

– O quê?

– Eu disse: tenha a bondade de tirar os sapatos antes de colocar seus pés sobre o sofá. E, se queria dormir, por que não foi para o seu quarto? E as suas roupas estão rasgadas! Imundas...

Samuel olhou ao redor e percebeu que já escurecera. Os vampiros estavam ativos de novo. Com um gesto irritado, fez com que o mordomo se calasse.

– Olhe aqui, foram os seus famélicos que rasgaram a minha roupa, vá reclamar com eles. Além disso, vocês estão me mantendo aqui contra a minha

vontade. Se não gostou, é só me deixar ir embora!

Jorge fez uma cara de nojo.

– Que maneiras! Vocês, humanos, são criaturas selvagens!

– Jorge! – uma voz o fez voltar-se, sobressaltado.

Takezo estava atrás dele de braços cruzados, enfiados na larga manga do seu *yucata*.

– Vá preparar algo para o nosso hóspede comer – disse o vampiro. – Ele deve estar com fome.

– Sim, senhor – o mordomo saiu, resmungando. – Vou preparar as gororobas fedorentas para alimentar esta criatura.

O japonês avançou, sentando-se na poltrona de couro. Samuel sentiu um arrepio ao enfrentá-lo. Takezo o avaliava com os olhos ardentes. O cabelo solto, bem tratado, caía-lhe pelos ombros. Mas havia uma ruga de contrariedade na sua testa.

– Senhor Samuel – ele disse – o senhor não deseja ficar aqui e eu não desejo que fique. Estamos de acordo quanto a isso. No entanto, uma dama a quem nós dois estamos submetidos por razões diferentes, assim o deseja. O senhor não pode opor-se a isso e nem eu. Vamos tentar facilitar a nossa convivência forçada.

Samuel sentou-se.

– Você está certo – concordou.

O vampiro assentiu com a cabeça. Depois, deu um outro rumo à conversa.

– Notei que chama os limpadores por um outro nome.

– Famélicos. É como os biólogos os chamam.

Takezo o olhou, interessado.

– Então há biólogos trabalhando no IBEFF. O que a sua organização pretende, nos espionando?

Samuel hesitou. O filho da mãe queria interrogá-lo. No mesmo instante, ouviu a voz vampírica de Takezo, ordenando:

– *Responda a pergunta.*

Bosta, tinha sido pego de surpresa. Por isso, antes que se desse conta, já havia respondido.

– Eu não sei.

O japonês atacou de novo.

– *Diga o que sabe, então.*

O olheiro levou as mãos à cabeça. Não sentia tanto apreço pelo IBEFF ou por Sidnei, mas não podia contar o que sabia, ainda mais para um vampiro! Cerrou os dentes para evitar falar. Takezo pareceu irritado.

– *Diga o que sabe sobre o IBEFF* – insistiu.

De novo, a dor infernal na cabeça. O olheiro mordeu os lábios.

– Não posso.

– *Fale!*

– Não!

Takezo afrouxou a pressão na mente de Samuel. O olheiro pousou a cabeça no encosto do sofá, aliviado. Como se não houvesse acontecido nada, o vampiro continuou, agora sem fazer uso da voz vampírica.

– Os limpadores o feriram?

– Não.

– Não se iluda. Na próxima vez que tentar sair da casa, eles vão atacá-lo de verdade.

Samuel olhou para o jardim. A silhueta de um canídeo passeava no caminho de pedriscos.

– Guardiões de vampiros... Os cães que guardam os desmorts durante o dia.

Takezo também acompanhava com o olhar a sombra do famélico passar, silenciosa, pela varanda.

– Guardiões é um bom nome para eles. Eu capturei e domei alguns da espécie para que possamos usufruir de vantagens mútuas.

– Ensinou-os a matar humanos.

– Não exatamente, mas eles podem matar, se for preciso. Nunca foi necessário – o vampiro emendou com um olhar cortante. – Até agora, é claro.

Samuel não se deixou intimidar.

– Você os mandou para me matar.

O japonês virou-se para o olheiro, intrigado.

– Como disse?

– Não se faça de desentendido. A primeira vez foi no terreno aqui ao lado da casa, quando eu o segui de moto. A segunda vez, na Liberdade. E a terceira, no Parque da Aclimação.

Takezo pareceu surpreso.

– Eu soube do ataque no parque. Mas houve, então, outros dois ataques?

– Está dizendo que não foi você?

– Claro que não! – o japonês mostrou-se ofendido. – Eu não mato à toa. Ainda mais *vampwatchers*.

Depois, foi até a varanda e gritou:

– Líder!

Um uivo lhe respondeu, vindo dos fundos do terreno. Seguiu-se o ruído de unhas batendo no piso da varanda. Logo o famélico que falara com Samuel surgiu, mostrando-se na sua forma humana. Takezo lhe perguntou:

– Vocês atacaram este homem antes de hoje?

O homem olhou para Samuel e depois para Takezo.

– Não.

– Sabe algo sobre outros limpadores atacando humanos?

O homem olhou para a direção do terreno baldio.

– Sim. Nós os ouvimos. Limpadores estranhos atacaram este humano.

– Quando?

– Seis dias atrás.

Takezo estava com a mão no queixo, apreensivo.

– Vocês os ouviram de novo depois disso?

– Não. Eles sabem que nós estamos aqui. Não virão mais.

– Está bem, Líder. Pode ir.

– Sim.

O japonês voltou-se para o olheiro e disse:

– Não foram eles. São animais limitados demais para mentir.

– Mas alguém é responsável pelos ataques, tenho este ferimento no braço para provar.

Samuel narrou com detalhes os ataques, omitindo apenas a participação de Beatriz. Takezo ouviu com atenção, abanando a cabeça de vez em quando, aborrecido.

– Isso é muito ruim – disse, por fim. – Alguém está treinando limpadores para matar humanos.

– No caso, para *me* matar – completou Samuel. – Talvez tenha sido Karl.

O japonês sentou-se de novo na poltrona.

– Então conseguiu se lembrar do Karl, o vampiro caçadeiro, e da noite em que *ela* o salvou.

– O nome dela é Kaori. Agora eu me lembro de tudo.

– Não é à toa que resistiu bem à minha voz vampírica há pouco... Você tem uma força mental considerável para um simples humano.

– Nem tanto. Kaori consegue me manobrar como se eu fosse um fantoche.

– Ela não conta. É muito mais poderosa do que a maioria de nós. Mesmo assim, não conseguiu apagar as lembranças da sua mente. Mas, voltando aos limpadores, Karl não teria habilidade nem paciência para treiná-los. Vamos pensar um pouco mais a respeito desse assunto, pois não me ocorre nenhum suspeito, no momento.

Samuel observou os modos decididos de Takezo e chegou à conclusão de que ele, assim como Kaori, era um vampiro diferente de todos os que já observara. Mas continuava a não confiar neles. Takezo, por seu turno, também o fitava, curioso. Era engraçado ser o observado, e não o observador, pra variar.

– Posso fazer uma pergunta? – disse Samuel.

– Pode. Mas talvez eu não responda. – disse o vampiro.

– Colocou a senha com o nome de Kaori e a foto no fundo de tela do *netbook* de propósito, não foi? Para me deixar furioso, se eu bisbilhotasse no seu computador.

Takezo riu pela primeira vez. Na verdade, caiu na risada.

– Oh, vejo que já visitou o meu escritório. O senhor é divertido, senhor Samuel. Talvez Kaori-*san* tenha razão ao achá-lo digno de interesse, afinal.

Depois, com um gesto distraído, o vampiro pegou um jornal e começou a folheá-lo.

– Agora, se quiser ir até a cozinha, Jorge já deve ter preparado algo para o seu jantar. E, por favor, tente não criar problemas para ele. É difícil encontrar bons criados vampiros hoje em dia.

Ficou claro que a conversa tinha acabado. Samuel saiu da sala, irritado. Esse japonês estava lhe dando nos nervos.



Beatriz colocou as suas velhas botas de caminhada e olhou-se no espelho. Usava jeans, uma camiseta produzida com fibra de garrafas PET e levava uma *parka* impermeável na mochila. A inseparável corrente com a concha fossilizada estava no pescoço, é claro. Bem, o seu estilo era diferente daquela vampira bonita. Pouco sexy, mas muito mais prático... Suspirou, notando as sardas sobre o seu nariz. Pareciam mais escuras, hoje. Deu uma espiada pela janela. O sol havia retornado após alguns dias de tempo nublado. Pegou o gel com fator de proteção solar 30 e passou no rosto e nos braços. Do jeito que sua pele era clara, ia parecer uma onça pintada se não se protegesse. Bem, estava pronta para o trabalho.

Tirou o seu Gol da garagem do prédio, depois de empurrar o Honda Fit que estava estacionado à sua frente. Poderia chamar o garagista, mas era mais rápido assim. Quem quisesse sair da vaga de trás simplesmente empurrava o carro da frente e saía. Por isso nenhum condômino puxava o freio de mão ao estacionar. Não era uma solução das melhores, mas era o único jeito de deixar depressa a garagem apertada.

Antes de começar a trabalhar, passou na sede do IBEFF para falar com Sidnei. Poucas pessoas sabiam onde se localizava o escritório do Instituto, que, na verdade, era apenas uma salinha alugada num prédio da rua Afonso Brás. Encontrou Sidnei, sozinho como sempre, servindo-se de uma xícara de café da garrafa térmica.

– Olá, doutora! Está muito bonita hoje... Camiseta de ONG nova?

Ela apertou a mão dele.

– Não... É só uma peça feita com material ecológico.

– Ah, imaginei que fosse algo assim. Quer café?

– Não, obrigada.

O executivo sentou-se, pousando as mãos com os dedos entrecruzados sobre a sua mesa. Seus olhos, por trás dos óculos leves de aro de metal, estavam fixos na bióloga.

– Então, mudou de área, doutora?

– Como?

– Em vez de famélicos, estive observando vampiros, ontem à noite.

Beatriz não se surpreendeu. Já desistira de tentar entender como Sidnei conseguia ser onisciente o tempo todo, quando se tratava de vampiros.

– Fui tentar descobrir algo sobre o desaparecimento de Samuel.

Sidnei deu um gole no café.

– E conseguiu alguma coisa?

– Na verdade, sim.

Ele a fitou, interessado.

– E então, vai me contar o que descobriu?

– Vai me contar por que está tão tranquilo enquanto um *vampwatcher* seu está sumido?

Sidnei sorriu, mostrando os dentes alvos.

– Tem andado demais com *vampwatchers*, doutora. Essa petulância não fica bem em você.

A bióloga o encarou. Estava inconformada com a atitude displicente dele.

– Não entendo por que não faz nada para achar Samuel. Ele pode estar morto!

Sidnei recostou-se e batucou com os dedos nos braços da cadeira, impaciente.

– O IBEFF não foi idealizado para pajear *vampwatchers*, doutora.

– Então me diga para que existe! – ela contra-atacou. – O Instituto é um enorme banco de dados sobre vampiros e outras criaturas fantásticas. Mas alguém quer usar esses dados, não é? Quem é e para quê, é a questão. O objetivo do IBEFF deve ser muito importante, já que vocês parecem ligar pouco para uma vida humana.

– O mesmo vale para vocês – disse Sidnei, com uma expressão maldosa. – *Vampwatchers* ou biólogos, dá no mesmo. Vocês observam, todas as noites, pessoas sendo mortas pelos vampiros e continuam a fazer anotações nos caderninhos como se nada tivesse acontecido.

Beatriz empalideceu.

– Isso... é diferente.

Sidnei encarou-a com frieza.

– Ah, sim, tudo em nome da ciência, não é mesmo? Diga-me, doutora, os biólogos que estudam os leões não saem por aí salvando as zebras que eles caçam, saem?

– Claro que não. Mas se um leão atacasse uma pessoa da equipe, nós a salvaríamos.

– Matariam o leão?

Ela hesitou.

– Só se não houver outro jeito. Tentaríamos usar algum outro meio, primeiro. Dardos tranquilizantes, por exemplo.

– Pois o IBEFF age igualzinho, doutora. Pode estar certa que tudo o que pode ser feito por Samuel está sendo feito. O nosso amigo *vampwatcher* é um homem difícil, que anda se arriscando demais por causa do seu caso com uma certa vampira. Mas o Instituto o tem protegido na medida do possível.

Beatriz franziu o cenho.

– Samuel tem um caso com uma vampira?

Sidnei levou a mão à boca.

– Opa, acho que falei demais. Mas se eu fosse você deixaria esse assunto de lado. Esse problema é antigo e complicado.

– Eu encontrei a vampira japonesa no Hotel Tayô, ontem.

O homem a olhou, surpreendido.

– Oh... Isso é interessante.

Beatriz lembrou-se da vampira, sussurrando no seu ouvido. O perfume desconhecido e inebriante, o rosto perfeito, os cabelos sedosos. Ela sabia onde estava Samuel. Estariam... juntos? Por isso Sidnei estava pouco se lixando para o sumiço do *vampwatcher*. Sentiu-se uma boba.

– Ela conversava com um outro vampiro, um tal de Mimi – disse. – Eu os vi no bar e sentei-me perto deles para ouvir o que diziam.

Sidnei debruçou-se sobre a mesa.

– Ora, boa iniciativa... Conseguiu descobrir algo?

Beatriz estava com a cabeça quente, imaginando Samuel nos braços da vampira. Ao ouvir a pergunta, fez um esforço para se lembrar da conversa dos dois vampiros. Logo exclamou, atônita.

– Não é possível... Eu me esqueci! Esqueci completamente o que eles disseram.

Sidnei voltou a recostar na cadeira, com uma careta.

– Já esperava por isso. A vampira falou algo a você?

– Disse que a pessoa que procuro está bem.

O executivo abanou a cabeça, irritado.

– Foi nessa hora que ela fez você se esquecer do que ouviu. Colocou uma informação mais importante na sua mente, enquanto limpava os fatos que ela não queria que soubéssemos. Mas que saco!

Beatriz estava deprimida. Fora manipulada direitinho pela vampira. E... estava decepcionada e magoada com Samuel, de quem havia começado a gostar um pouquinho. *Ai, que raiva!* Precisava de uma barra de chocolate gigante. Não resolvia nada, mas pelo menos encheria o seu cérebro de endorfinas. Levantou-se da cadeira e, colocando a mochila nas costas, disse:

– Preciso trabalhar, Sidney.

O executivo assentiu com a cabeça.

– Isso, foque no seu trabalho, doutora. Deixe os vampiros de lado.

A bióloga sorriu um riso forçado, falso como o dele. Precisava, *mesmo*, de uma barra gigante de chocolate ao leite. Era um caso de emergência.



12. Revelações

2008 – São Paulo, Brasil

KAORI OLHOU PARA O HOMEM À SUA FRENTE, CURIOSA. Não destoava dos demais frequentadores do Shopping Iguatemi, que se vestiam com roupas de grife e desfilavam seus corpos bem tratados pelos corredores elegantes. Era um rapaz bonito, sem dúvida, embora parte de sua beleza tenha sido adquirida com o corte de cabelo certo, as roupas bem escolhidas, a pose correta.

Ele a fitava, as lentes de contato azuis dando um ar *fake*, embora o contraste com a palidez vampírica e os cabelos caramelo tivesse um bom efeito. O terno bege claro, a camisa branca e a gravata azul *royal* caíam com perfeição no seu corpo magro e bem proporcionado.

Os dois vampiros ocupavam uma das mesinhas da cafeteria, de onde observavam o movimento, já diminuto, do *shopping* próximo à hora de fechar. Não bebiam café, é claro. Apenas conversavam. Ele, de pé, e ela, sentada na cadeira alta, os seus rostos frente a frente. As poucas pessoas que transitavam por ali viam apenas um homem distinto flertando com uma garota bonita.

– E então, Felipe... – disse ela. – O que você deseja?

O vampiro respondeu, elevando os cantos dos lábios finos e bem desenhados num meio-sorriso.

– Convidá-la para jantar.

Ela inclinou a cabeça, provocante, mostrando a linha do seu pescoço alvo que descia até o colo, insinuado pelo decote do seu vestido púrpura. Mas, quando falou, não disse o “sim” que o gesto prenunciava.

– Desculpe, estou ocupada esta noite.

A testa dele franziu, mostrando contrariedade.

– Hum... É questão de preço? – insistiu com a voz macia. – Quanto você cobra por uma hora do seu tempo? Eu pago quanto você quiser.

Ele dera a volta na mesinha e falava bem próximo ao ouvido dela.

– Cobre bem caro, leve-me à falência, eu quero gastar muito com você...

Ora, que atrevido! Kaori ouviu-o aspirar, deliciado, o perfume que vinha dela. Felipe era um nome emergente nas rodas vampíricas que começavam a ensaiar uma certa organização, deixando o estado de barbárie para formar uma sociedade mais segura, civilizada. Takezo era um líder nesse meio, Felipe era outro. Ambos não se davam, mas mantinham a aparência de um relacionamento cordial. Portanto, Felipe não era um cliente de se jogar fora. Mas Kaori não se sentia disposta a entreter um macho arrogante, no momento. Por isso, respondeu:

– O meu tempo não está à venda hoje, Felipe. Já tenho um cliente me esperando.

Kaori sentiu o olhar frio dele sobre o seu ombro. Esse interesse repentino de Felipe era, com certeza, mais um ato de competição velada com Takezo. Ao aparecer em público com o amigo na Bloody Station, ela chamara a atenção e a cobiça do empresário, que não perdia tempo em conseguir para si tudo o que o rival tinha. Mas não era só isso. Felipe sentia também uma forte atração por ela. A vampira podia perceber o desejo no ar, no olhar, nos gestos do empresário.

– Desmarque o compromisso – ele parecia acostumado a ser obedecido. – Quer o meu celular para fazer a ligação? Diga que está indisposta ou dê qualquer outra desculpa.

A mão dele subiu pelo corpo da vampira, parando sobre a cintura que acariciou, ousado.

– Desculpe, Felipe – disse ela. – Mas não vou fazer isso. Não quero.

A mão bem cuidada parou de acariciá-la. Kaori esperou, perguntando-se se Felipe ia perder a pose.

– Pena... – disse ele, retirando a mão. – Você iria gostar. A não ser que prefira transar só com animais de pele quente. Um *vampwatcher*, talvez.

Não, ele tinha aguentado bem o golpe. E não perdera a oportunidade de lembrá-la que havia se ligado a um humano, um ser inferior, ao salvar Samuel no Bloody Station.

– Talvez... – ela ficou de frente para ele, os seus corpos quase se tocando. – Mas não é da sua conta.

Ele deu um passo para o lado, encarando-a com olhos faiscantes.

– Já se livrou do *vampwatcher*?

– Como já disse... – ela continuou impassível. – Não é da sua conta.

Felipe riu entre os dentes.

– Eu odeio esse seu jeito, Kaori.

Kaori não disse nada. Apenas enfrentou o olhar do empresário sem desviar dele. Depois de alguns instantes, Felipe afastou os olhos.

– Pense bem – disse, usando de novo a voz de veludo. – Logo mais, eu serei muito poderoso. Você vai se arrepender por não ter aceitado a minha proposta agora.

Dissera isto com o rosto duro. O homem elegante perdia o verniz de civilidade e mostrava num relance o predador feroz.

– Sim, Felipe. Talvez isso aconteça – ela disse. – Ou talvez não.

Ele aproximou-se de novo. Suas mãos pareciam ansiosas para tocá-la, mas ele não as moveu. Quando falou, o fez baixo, dando a cada palavra uma entonação grave, ameaçadora.

– Eu falo sério. Desde que a vi na Bloody Station, percebi que você é diferente dos outros vampiros. Você merece alguém também especial, como eu. Dentro de pouco tempo, serei mais poderoso do que Takezo. Ou qualquer outro. Mas não quero ser precipitado. Só peço que pense um pouco nisso.

Pegou a mão dela e a beijou. Depois, jogou uma nota de cem reais sobre a mesa.

– Pelo beijo – disse com frieza. – Até a próxima vez, Kaori.

Kaori observou o vulto de Felipe se afastar. Hum... Um jovem e egocêntrico ser das trevas. Se tivesse se tornado um cantor de rock ou um poeta maldito, teria muitos seguidores apaixonados. Mas se tornou um vampiro. Que pena... O alto-falante do *shopping* pedia para os últimos clientes deixarem o recinto. A vampira olhou a nota de cem reais sobre a mesa. Um gesto barato para quem promete tanto. Com um sorriso, pegou-a e a guardou.



Beatriz examinava com a luneta infravermelho o território de Nega e sua matilha, nas proximidades da avenida Miguel Estéfano. Encontrava-se no teto do velho prédio comercial, seu local de observação costumeiro desde que a famélica alfa aparecera na região. Mas não via sinal do grupo. Talvez tivessem migrado para outra área enquanto estava ausente, procurando por Samuel.

A lembrança do *vampwatcher* a deixou contrariada. Onde ele se metera? Estava com *ela*, provavelmente. Aquela japonesa bonita. Que saco! Em vez de se preocupar com um sujeito esquisitão que se envolvera com uma vampira, deveria ter se dedicado mais aos seus famélicos. Mas ia corrigir isso. Para começar, tinha que achar os espécimes que estudava.

Havia um elemento da matilha que ela conseguiria localizar com precisão: Vovô, o velho famélico doente que a muito custo seguia os demais. Implantara nele um *chip* alguns meses antes e podia, por meio dele, descobrir onde andava o resto da matilha quando se reuniam para comer. Pegou o localizador na mochila, um aparelhinho semelhante a um telefone celular. A tela, que lembrava um GPS, exibiu o mapa da região. De repente, o sinal do Vovô começou a aparecer. Ele estava por perto, na direção do Parque do Estado. A bióloga guardou os apontamentos na mochila, apressada, e deixou o prédio para pegar o seu Gol.

O sinal era intermitente e mostrava um percurso errático. Durante meia hora, Beatriz seguiu-o até chegar a uma parte mais deserta, na borda do Parque do Estado. Teve que deixar o carro, pois o bicho estava dentro do parque. Conseguiu encontrar uma abertura no aramado e enfiou-se pelo mato, sempre atrás dos sinais do localizador. A bióloga apanhou uma lanterna e avançou no escuro, no meio da vegetação da Mata Atlântica que o Parque preservava. Por fim, depois de quase uma hora, conseguiu alcançar o famélico. Ele estava no matagal bem à sua frente. Por via das dúvidas, Beatriz preparou a espingarda com os dardos tranquilizantes. Avançou, cautelosa, mas deu com o animal, de frente, arreganhando os dentes para ela.

A bióloga manteve-se imóvel, de olho no famélico. Ele estava magro e estressado. Ferimentos recentes no lombo e no pescoço indicavam que lutara pela vida.

– Calma, Vovô... – ela disse, baixinho. – O que aconteceu com você?

O famélico rosnou e, para a surpresa da bióloga, grunhiu:

– Fome... Estou com fome...

Beatriz estava atônita. Sempre considerara os famélicos como uma espécie de cães superdesenvolvidos e jamais imaginara que pudessem falar. Por serem tão ariscos e difíceis de observar, nenhum estudioso tivera a oportunidade de surpreendê-los falando e não havia ainda nenhum registro disso. Ela vibrava por dentro com essa descoberta incrível. Mas precisava agir, senão ia perdê-lo.

– Está bem, vou lhe arranjar comida – disse.

Ela levou a mão devagar à mochila. A única coisa que tinha para dar ao famélico era o lanche de presunto e queijo que havia trazido para o caso de ficar com fome durante a madrugada. A bióloga pegou o sanduíche e o colocou no chão. Depois se afastou, dando passos cuidadosos para trás. O animal aproximou-se, desconfiado, e cheirou o sanduíche. Não parecia muito entusiasmado, mas estava distraído o suficiente para que Beatriz apontasse para ele a espingarda com o tranquilizante. O disparo o acertou na altura da anca. O famélico ganiu e cheirou o local onde foi atingido. Depois, começou a virar-se para a bióloga, agressivo, mas não fez mais do que isso. Caiu, inconsciente.

Beatriz correu para ele. Estava muito ferido, mais do que ela imaginara. Eram ferimentos por mordidas de canídeos. Ficou atônita. Será que Nega e os seus filhotes o tinham atacado? Improvável. Talvez tivesse se atracado com cães sem dono que costumavam perambular em matilhas naquela região. De qualquer forma, precisava tirá-lo dali, pois as feridas eram graves e ele havia perdido muito sangue. Sacou o celular. Estava na hora de chamar o IBEFF.

Depois de uns vinte minutos, Beatriz já estava a caminho, levando consigo o animal inconsciente, pois o IBEFF enviara alguém para ajudá-la. Era engraçado ver Sidnei assim, de agasalho cinza e tênis, sem o seu terno impecável de sempre. Sujo de terra e suado, carregando um famélico embrulhado em uma lona, o executivo bufou, mal-humorado:

– *Merda*, como pesa este bicho!

Beatriz vinha atrás dele, observando o estado do Vovô.

– Ele não é um dos grandes. Os maiores da espécie pesam cerca de oitenta quilos.

– Ah, que bom, então estou carregando só uns sessenta quilos nas costas! Pensei que a época de negro escravo já tinha passado.

A bióloga riu.

– Eu lhe disse para mandar alguém, não sabia que você ia vir pessoalmente.

– Não tive outro jeito, o IBEFF não é uma empresa rica, doutora. É um instituto com pessoal limitado. Eu não tenho um esquadrão de plantão para atendê-la. Além disso, você não disse que precisava carregar o bicho por vários quilômetros.

– Ah, deixa disso, Sidnei. Se fosse fácil, eu mesma teria feito. Olha, vamos colocar Vovô no seu carro, pois o meu está mais longe.

– Tá brincando! – gemeu ele. – No meu Corolla? Este bicho imundo?

– A não ser que queira carregá-lo por mais um quilômetro – disse Beatriz, pondo fim à discussão. – Escute, pra onde vamos levar o bicho?

– Pegue o endereço no meu bolso direito, as minhas mãos estão ocupadas – disse Sidnei, emburrado. – Fica em Mirandópolis. É o consultório do veterinário que cuida do meu cachorro. Ele já está nos esperando.

Beatriz pegou o papel.

– Não sei se é uma boa – disse, preocupada. – Geralmente os veterinários comuns não entendem nada de animais silvestres.

– Esse entende, trabalhou no Parque Zoológico por alguns anos. De qualquer forma, é o único que temos no momento, *sinhá*.

Haviam chegado ao carro do Sidnei. Ele abriu o porta-malas e ajeitou o famélico dentro. Beatriz observou-o colocar a lona para manter a tampa semi-aberta. Ok, assim, o porta-malas ficaria bem ventilado até chegarem. Ela pegou as chaves do Gol e disse:

– Eu te encontro lá, Sidnei. E vá devagar, ele está muito ferido.

– Sim, senhora – resmungou o executivo.

Beatriz correu para pegar seu Gol. Depois, praticamente voou até o endereço do veterinário. Chegando lá, viu Vovô já na mesa de operações, sendo tratado por um homem grisalho.

– Doutor Péricles – disse Sidnei – esta é a doutora Beatriz Sempre, a dona do bichinho.

– Semper – corrigiu Beatriz, olhando para Sidnei, irritada. – Beatriz Semper. E eu não sou a “dona” dele.

Mas Sidnei estava mais preocupado com outra coisa. Ele cheirava, desconfiado, o casaco do seu abrigo, impregnado pelo cheiro forte do velho famélico. Ao descobrir algumas manchas de sangue, o executivo fez uma careta de nojo.

– Doutora Beatriz – disse o veterinário, enquanto costurava os cortes no corpo do Vovô. – Desculpe perguntar, mas... a que raça pertence este animal? Em trinta anos de profissão, nunca vi um cachorro assim.

Sidnei adiantou-se a Beatriz para responder.

– Oh, é só um daqueles vira-latas sem raça definida. Na verdade, achamos esse cachorro na rua, não sabemos nada sobre ele. A doutora, aqui, ficou com pena do bichinho machucado. Sabe como são as mulheres...

– É um cão muito esquisito – comentou o veterinário, terminando a última sutura no animal. – Até achei que era um hienídeo, pela aparência...

– Não, é um canídeo com certeza – disse Beatriz. – Tem 42 dentes, característica dos canídeos.

O velho médico estava intrigado.

– Essa robustez dos molares não é comum em cachorros – insistiu, abrindo a boca do Vovô para examinar os dentes. – A dentição deste bicho está bem estragada

pela idade, mas dá para ver que tinha dentes muito fortes, feitos pra triturar ossos grandes. Só vi molares assim em hienas. Onde vocês acharam este cão?

Beatriz sentiu um frio no estômago. Não havia contado com a curiosidade natural de um médico experiente como doutor Péricles. Pensara que o famélico passaria por um cão num exame rápido, mas se enganara. Nesse instante, Sidnei interrompeu o médico de forma providencial.

– E aí, doutor Péricles, dá pra salvar o bicho ou não?

O veterinário abanou a cabeça, enquanto lavava as mãos na pia do consultório.

– Acho difícil que ele sobreviva. É velho e anêmico, pode morrer a qualquer instante. Vocês querem deixá-lo aqui? É mais seguro para ele ficar internado, e eu gostaria de examiná-lo melhor.

– Desculpe, doutor – foi a vez de Beatriz interferir. – Eu quero levá-lo para minha casa.

O médico pareceu desapontado.

– Se é assim... Mas me ligue se ele piorar.

– Obrigada, doutor. Liguei.

Assim que pagou o médico, Sidnei segurou o famélico nos braços e apressou-se a deixar o consultório, seguido por Beatriz. A caminho do carro, a bióloga lhe perguntou:

– Para onde vamos levá-lo?

O executivo deu de ombros.

– Para a sua casa. Não foi o que disse para o doutor?

– Você sabe que só falei aquilo para não deixar Vovô com ele. O IBEFF não tem um lugar para mantê-lo a salvo?

– Não somos abrigo de animais perdidos, doutora. Agora abra o seu carro, pois vamos colocar o bicho lá.

– No meu carro?

– Isso mesmo – disse Sidnei, bocejando. – Ele é todo seu.

Beatriz olhou para o corpo maltratado do Vovô. Putz, não podia levar um bicho selvagem para o seu apartamento minúsculo na Aclimação. Mas, pelo jeito, não tinha outra opção.

– Ok, Sidnei. Obrigada de qualquer forma.

Ele deu uma risadinha irônica.

– Por nada – ao entrar no seu Corolla azul marinho, emendou. – E, por favor, me inclua *fora* disso, na próxima vez.

Beatriz suspirou, acompanhando o carro de Sidnei virar a esquina e sumir. Então, sobressaltada, ouviu uma voz rouca vir de dentro do seu próprio carro:

– Voltar... para mato.

A bióloga correu para espiar o seu banco de trás. Viu um homem grisalho, emagrecido e cheio de hematomas. O rosto apresentava um número incontável de rugas. A pele do corpo era repuxada e flácida, de uma cor escura, terrosa como o de um índio. Os olhos encovados eram lacrimejantes. Beatriz fitou o famélico, maravilhada.

– Ah, que coisa linda! – exclamou. – Você fala de verdade!

O velho deitou a cabeça sobre o encosto do banco.

– Primeira vez. Nunca com humanos.

Beatriz sentou-se ao lado dele.

– Você está bem?

– Eu. Morrendo...

– Você vai ficar bom!

– Já vi você. Muitas vezes.

– É verdade.

– Líder sumiu.

– Como?

– Líder. Filhotes. Levaram.

– Alguém levou a líder e os seus filhotes? Quem? Humanos?

– Não. Os sugadores de sangue.

Vampiros! Vários pensamentos vieram à mente de Beatriz. Famélicos atacando seres humanos. Famélicos que falam. E agora, vampiros capturando famélicos. O que estava acontecendo?

– Voltar... – disse o famélico.

– Você quer voltar ao Parque do Estado? Mas vai morrer... Precisa ficar num lugar seguro.

– Não – ele insistiu. – Voltar. Esperar a líder.

Beatriz olhou, penalizada, para o ancião alquebrado que a fitava, os olhos cansados, sem expressão. Ele queria voltar para junto da matilha para morrer. Quando um famélico morria, o resto do grupo o devorava. Comer os companheiros mortos era um hábito que ajudava a preservar o maior trunfo da raça, a invisibilidade. Por isso, mesmo sabendo que a líder e seus filhotes talvez nunca mais retornassem, os instintos do Vovô o impeliam de volta ao território de caça da matilha.

– Está bem – a bióloga disse com dor no coração. – Vou te levar de volta.

Passados alguns minutos, Beatriz estacionava o seu Gol nos arredores do Parque do Estado, próximo ao buraco no aramado por onde havia entrado durante a noite. O dia já amanhecia, e as aves promoviam uma alegre algazarra com seus pios e chilreios, à caça de insetos para se alimentar.

A bióloga havia saído do carro para abrir a porta traseira para o Vovô. O famélico saiu devagar, os pés se arrastando de forma penosa no chão de terra. Ao chegar próximo à abertura no aramado, voltou-se e fitou Beatriz por um instante. Depois, assumiu a sua forma verdadeira de cão.

O velho famélico deu alguns passos claudicantes e desapareceu pela abertura.



13. Caça aos Olheiros

2008 – São Paulo, Brasil

MADRUGADA DE QUINTA-FEIRA SANTA, TEMPO NUBLADO. Uma frente fria havia reduzido a temperatura. O outono começava exatamente às duas horas e quarenta e oito minutos da manhã, ou seja, daí a mais ou menos uma hora. O movimento ainda era considerável nas ruas de São Paulo, apesar de muita gente ter deixado a cidade. Um olheiro movia-se em meio às conversas descontraídas, risadas e sons de copos e garrafas produzidos nos botecos de Vila Madalena. Era um rapaz magro de ar sisudo, usando jeans e uma camiseta preta com a estampa da banda White Zombie. Usava óculos de aro de metal no rosto pálido. Sob os lábios grossos, os dentes da frente, enormes e tortos, despontavam, revestidos pelo aparelho dentário destinado a corrigi-los. O *vampwatcher*, recém-admitido nas fileiras do IBEFF, olhava para todos os lados, desconfiado, enquanto ajustava mais uma vez a franja de cabelo preto que lhe caía sobre os olhos.

Como acontecia com a maioria dos olheiros, a paixão por histórias de vampiros o levava a essa ocupação. Antes de se tornar um *vampwatcher*, era um

garoto tímido que só se entusiasmava quando falava sobre seus animes preferidos: *Trinity Blood*, *Blood+*, *Hellsing*, *Vampire Hunter D*, *Blood the Last Vampire*, *Vampire Princess Miyu*, *Night Walker*, *Don Drácula*... Agora, continuava a ser um garoto tímido que gostava de tudo o que se referisse a vampiros. Mas não falava mais. Agia. Botava o pé no asfalto todas as noites, até nos feriados, para catalogar os desmorts para o Instituto.

Como era um novato, deram-lhe uma região fácil e segura, para começar. Naquele exato instante, ele estava lá, a serviço, seguindo uma vampira do tipo *mignon*, de cabelos curtos e olhos risonhos. O olheiro a observava de boca aberta, a sua atenção concentrada ao máximo em cada movimento dela. Digitava furiosamente no seu *smartphone* as características do espécime vampírico: fêmea, 1,50 m, cabelos castanhos, pele clara, magra. Vestia-se com uma camiseta curta com desenhos de *batik* e calças de corte excêntrico, justas no calcanhar e larguíssimas, quase bufantes dos joelhos para cima, até terminar no cós justo, apertado por um cinto colorido. Ela fazia o tipo louquinha distraída, misturando-se aos músicos, *designers*, artistas, poetas e descolados em geral, que faziam da fauna urbana da Vila Madá um espetáculo à parte.

Era uma ótima noite para observações, pois os vampiros aproveitavam-se do estado de espírito desarmado dos humanos em véspera de feriado. Os bares não estavam superlotados como de costume, oferecendo uma vista mais ampla do campo para o observador. Quanto à vampira, a missão estava cumprida. Era só se afastar e, quem sabe, fazer mais algum avistamento até o dia chegar. Porém, o novato sofria do mal que acomete qualquer garoto tímido e inseguro quando, de repente, se sente o dono da bola. Antes de ser *vampwatcher*, sempre se considerara um panaca sem-graça. Mas agora era diferente. Era um cara especial pela primeira vez na sua vida. Além disso, nunca tivera uma namorada, só conhecia o corpo feminino pelos vídeos de sacanagem que baixava pela internet. E aquela vampira tinha mexido com ele. Ela lhe dava tesão. Queria saber mais sobre ela. O nome, onde morava, como era quando estava nua... Mesmo que fosse para ver só de longe. Por isso seguiu-a, da esquina da rua Fradique Coutinho com a Inácio Pereira da Rocha, até um trecho cheio de grafites multicoloridos nas proximidades da rua Harmonia. Lá, ele se viu sozinho, pois a vampira desaparecera.

Desapontado, ia dar meia-volta, mas topou com um grupo de três homens encarando-o. Era estranho, em geral não chamava a atenção das pessoas. No entanto, aqueles caras o olhavam de uma forma que dava medo. Eram todos homens de idade indefinida, aparência comum, sem nada de especial. Mas por isso mesmo pareciam tão esquisitos num lugar cheio de gente extravagante. Lembrou-se da primeira recomendação dada a um *vampwatcher*. Na dúvida, *corra!* Foi o que fez,

para o lado oposto dos *freaks*. Imediatamente, ouviu sons de patas no calçamento. Virou-se, surpreso, mas só viu os mesmos caras, andando rápido atrás dele.

O *vampwatcher* sentiu um frio no estômago. Então aqueles eram... *famélicos*! Nunca tinha visto um, mas a descrição no Manual dos Iniciantes era clara. E tinha mais, o manual aconselhava a não se meter com eles. Assustado, continuou a correr e deu com os muros do Cemitério São Paulo à frente. Pela direita, na rua Luís Murat, vinha mais um homem de aparência comum e, pela esquerda, mais outro. Estava cercado! Pegou o *smartphone* e ligou para IBEFF.

– Sidnei? Me ajuda, tem uns caras aqui...

Ele se calou, surpreso, pois um furgão estacionara bem ao seu lado e dois homens desceram de um salto. Um deles abriu as portas e o outro empurrou o olheiro para dentro, erguendo-o como se fosse uma criança. O garoto caiu sobre algo macio no chão do furgão. Percebeu, horrorizado, que eram corpos humanos empilhados uns sobre os outros. Atônito, ele ainda tentava entender o que estava acontecendo, quando o homem que o agarrou saltou para dentro. O outro, lá fora, fechou a porta. O olheiro encolheu-se, aterrorizado. Um vampirão loiro ria, sarcástico, enquanto lhe tomava o *smartphone* do IBEFF e o esmagava com a mão.

– Comece a rezar, *vampwatcher*... – disse o desmorto, enquanto a sua mão, enorme, avançava em direção ao pescoço do olheiro.

O garoto sentiu o furgão dar a partida. Foi a última coisa que sentiu, pois mergulhava numa escuridão da qual nunca mais emergiria.



Beatriz olhou para Sidnei, sentado à mesa do escritório do IBEFF. O executivo consultava a tela do seu computador em silêncio. Desta vez, nada de risadas cheias de dentes alvos. Nem piadinhas sem graça. A coisa parecia grave.

– Bem, estou aqui, Sidnei. O que houve?

Na verdade, a bióloga estava com pressa. Estava muito preocupada com o Vovô e tencionava levar um pouco de carne de porco para ele. Fazia muito tempo que os *famélicos* haviam deixado de se alimentar exclusivamente de carne humana. Assim como muitos vampiros sobreviviam com sangue de animais, os *famélicos* comiam carne de qualquer tipo se fosse necessário, especialmente de porco.

– Doze *vampwatchers* – Sidnei havia dito, olhando para a tela do seu micro.

– Ontem à noite, doze dos nossos *vampwatchers* desapareceram. Com Samuel, são treze. Número de azar.

Beatriz arregalou os grandes olhos verdes. Puxa vida!

– Como assim, desapareceram? Tem certeza?

Sidnei fuzilou-a com o olhar, irritado.

– Claro que tenho! E tem mais. Foram atacados por famélicos.

A bióloga pôs-se na defensiva.

– Espera aí, Sidnei. Você tem provas?

– Doze ligações desesperadas no celular. Começaram lá pelas duas da madrugada de ontem. Uma ligação atrás da outra dos *vampwatchers* pedindo socorro... E alguns conseguiram me dizer que estavam sendo perseguidos por famélicos antes de serem silenciados.

– Encontraram algum corpo?

– Não. Mas se for mesmo ataque de famélicos, não vamos achar nada, nem os ossos, você sabe disso. Primeiro, atacaram Samuel e agora...

– Acho que eles tentaram matar Samuel pelo mesmo motivo, só que falharam nas duas primeiras vezes. Se tivéssemos encontrado respostas quando Samuel sumiu, talvez os *vampwatchers* não estivessem correndo perigo agora...

O executivo disse entre os dentes.

– Muito bem, agora que teve o gostinho de dar o seu pito, doutora, pode responder a algumas perguntas? Os famélicos deixaram de comer o lixo dos vampiros e passaram a competir com eles, caçando humanos?

Beatriz não fez caso do sarcasmo e considerou a pergunta, séria.

– Acho que não. Os famélicos estão atacando gente porque, pelo jeito, estão sendo treinados para isso.

Sidnei recostou-se na cadeira e coçou o queixo.

– Fora o fato de que faria qualquer coisa para inocentar os seus bichinhos queridos, doutora, tem algum argumento confiável para o que está dizendo?

– Até ontem, eu não tinha nada, Sidnei. Apenas a minha opinião de especialista, dizendo que era impossível que esses animais tivessem se transformado em matadores de uma hora para outra. Mas agora que sei que os vampiros estão capturando famélicos vivos, as coisas mudaram de figura.

– Os vampiros?

– Sim, a matilha de Nega, que eu observava, foi levada há dois dias pelos vampiros.

O representante do IBEFF fez uma cara de dúvida.

– Como você sabe que foram os vampiros?

– O famélico que salvamos ontem me disse.

Sidnei deu uma risada cínica.

– Como ele fez isso? Bateu com a patinha no chão para responder as suas perguntas?

Beatriz estendeu o seu MP3 *player* para o executivo.

– O que é isso?

– Uma exclusividade patrocinada pelo IBEFF, Sidnei... A gravação da voz de um famélico em primeira mão! Ontem, quando ele começou a falar, liguei o gravador do MP3 que estava no bolso. A qualidade não é muito boa, mas dá para ouvir bem.

O homem pegou o aparelho e colocou o fone no ouvido, desconfiado. Depois de alguns instantes, ele disse, devolvendo-o para Beatriz:

– Ok, os bichos falam, apesar de parecerem ainda mais estúpidos quando o fazem. Os vampiros levaram mesmo os seus famélicos. Mas daí a concluir que estão sendo treinados...

A bióloga estava perdendo a paciência.

– Mas que coisa, Sidnei, para que alguém quereria os famélicos? Imagine-os como bichos selvagens como lobos ou leões. Para que você os capturaria vivos? Neste caso, sabemos que não é para estudá-los ou exhibi-los num zoológico. Então só pode ser para treiná-los. Para ensinar-lhes truques, usá-los para caçar!

O executivo ficou olhando para ela, os olhos negros fixos nos olhos verdes da bióloga, que continuou a falar, irritada:

– E vai me dizer que você não percebeu que eles atacaram só *vampwatchers*? Alguém está caçando o nosso pessoal. Nós somos o alvo!

Sidnei se ergueu.

– Obrigado, doutora, pela sua colaboração. É só, por hoje.

Beatriz levou um susto.

– Como?

Ele lhe estendia a mão em sinal de despedida. Beatriz levantou-se da cadeira e recuou, negando-se a dar-lhe a mão.

– Nada disso, Sidnei. Precisamos impedir os vampiros de cometerem mais assassinatos!

Ele continuou com a mão estendida.

– Tenha uma boa tarde, doutora.

– Mas...

– Escute, doutora Beatriz – disse ele, impaciente. – Já está na hora de você aprender que nós, do IBEFF, temos algumas regras inflexíveis. Alguns tabus, se preferir. Nunca vamos interferir nas ações dos vampiros. Há algumas raras exceções, é claro, e o que está acontecendo pode ser uma delas. Mas não depende de mim ou de você decidir o próximo passo. Isso agora vai para instâncias superiores.

O sangue subiu à cabeça da bióloga.

– Mas seus *vampwatchers* estão sendo mortos!

– Vamos averiguar com calma e depois ver o que podemos fazer.

Beatriz pegou a mochila e colocou-a nas costas.

– Foi a mesma coisa com relação a Samuel, não foi? Você não quis interferir na ação dos vampiros e o largou à mercê dos caprichos daquela mulher. Só está um pouco preocupado agora porque há muitos *vampwatchers* desaparecidos. Se fosse apenas um ou dois a sumirem, lavaria as mãos e deixaria os vampiros fazerem a sua festa de sangue!

O homem do IBEFF franziu o cenho, irritado. Depois, voltou-se para a janela e olhou para fora.

– Sabe quantos seres humanos há no mundo, doutora? Bilhões. E vampiros? Catalogamos cerca de quarenta mil no mundo inteiro. Comparativamente, até os famélicos ganham dos vampiros em quantidade, numa proporção de três para um. Considere o vampiro como um animal valioso, que está permanentemente à beira da extinção... E verá que a nossa posição não é tão estranha assim. Você, como uma cientista, deveria entender isso mais do que ninguém.

Beatriz suspirou. Depois, tirou o celular do bolso e o deixou sobre a mesa de Sidnei. Ele pareceu surpreso.

– Não se precipite, doutora...

– Eu já pensei bastante sobre isso, Sidnei. Você tem razão, eu já deveria ter entendido que a minha opinião e a do Instituto não batem. Está na hora de nos separarmos. Depois mande buscar o equipamento da empresa na minha casa. Deixarei tudo empacotado.

Ela estendeu a mão.

– Adeus.

Ele hesitou, mas acabou apertando a mão oferecida.

– Não vamos considerar isto como uma despedida – ele disse. – Você pode mudar de ideia.

– Acho difícil, Sidnei.

Com um aceno tímido, a bióloga deixou o escritório do IBEFF.



De cima do telhado, escondido pelos galhos de uma grande figueira, Samuel observava a área em volta da casa de Takezo. Havia estudado bem o terreno durante os dois dias anteriores, e escolhera aquele local como um posto seguro de observação.

A movimentação esperada começou com uma explosão ruidosa, seguida de muita, mas muita fumaça, que vazava pelas frestas da janela basculante da cozinha.

Os famélicos puseram-se a latir, desesperados, fugindo para todos os lados. Depois correram, comandados pelo Líder, para o local. Deram com a porta trancada, o que ampliou em muito a sua excitação.

Samuel tinha fechado todas as entradas e janelas, exceto a porta da frente. Assim que descobriram o caminho livre, os canídeos se lançaram casa adentro para averiguarem o que estava acontecendo. Não era muita coisa, apenas uma garrafa de vidro de coca *light* explodindo no forno de microondas e uma bomba de fumaça caseira feita com o que Samuel tinha à mão: nitrato de potássio, que encontrara nos produtos de jardinagem, bicarbonato de sódio, que o mordomo Jorge usava, não para cozinhar, mas para desentupir a pia segundo uma velha receita caseira, e açúcar, que fora comprado por engano para Samuel, que só consumia adoçantes. Isso, devidamente preparado, produzia ao queimar uma grande quantidade de fumaça. O olheiro sabia que a bomba funcionava, pois havia lhe custado uma suspensão na época do colégio, por tê-la atirado no banheiro das meninas durante o recreio. Era um espetáculo pirotécnico simples, mas suficiente para atrair os famélicos para dentro da casa.

O olheiro contou os animais: cinco, seis, sete, oito. Pronto, estavam todos lá dentro. Saltou do telhado na frente da porta principal e a trancou. Ouviu o barulho de um corpo canino se chocando contra ela, seguido de latidos enfurecidos. Estava seguro, por enquanto. Quanto às habilidades físicas, os famélicos pareciam-se mais com cães do que com seres humanos. Ainda bem, pois não encontrara todas as chaves, só a da cozinha e a da porta da frente – as portas dos quartos que davam para a varanda não estavam trancadas. Um animal mais habilidoso poderia girar a maçaneta para sair. Mas esperava que a fumaça os deixasse confusos por tempo suficiente.

Correu até a garagem e pegou uma pá e uma machadinha. Ao voltar, ouviu a algazarra que os canídeos faziam dentro da casa. Viu-os pelo vidro das janelas, latindo para ele, alucinados. Precisava se apressar. Se conseguissem escapar, fariam-no em pedacinhos.

Agora, o portão de madeira maciça. Atacou com a machadinha a fechadura e, usando a pá como alavanca, arrancou-a. Finalmente! Com um pontapé, abriu o portão. Não havia mais obstáculos entre a rua e ele. Samuel botou os pés no chão de terra batida e olhou para os dois lados. Tudo deserto. Que *merda* de lugar! O alarido dos famélicos estava aumentando. O olheiro começou a correr.

À distância, viu o muro da primeira construção surgir. Era uma residência e havia um carro parado na frente, sinal de que ia encontrar alguém, na certa. Tinha que alcançá-la e rápido. Ali, estaria a salvo dos famélicos. E os vampiros não iriam aparecer até escurecer... Pediria para telefonar e chamaria Sidnei. De repente, viu alguém se aproximando pela estrada à sua frente. O olheiro franziu os olhos,

procurando enxergar quem era. Não era um adulto. Estremeceu. Era a menina que encontrara no Parque da Aclimação. Naquele dia, ela o havia atraído para uma armadilha. Por outro lado, ela o salvara dos famélicos antes. O olheiro diminuiu o passo, desconfiado. Havia algo diferente nela. Lábios rosados numa boca fina e rasgada... Os olhos em brasa faiscavam. Grandes orelhas curvadas para trás. Apavorado, Samuel virou-se para correr em direção contrária. Não era uma criança. Era algo enorme, negro, com *duas* caudas!

O bicho o alcançou num instante. Samuel sentiu as garras sobre a jaqueta, num puxão que o fez perder o equilíbrio e rolar para fora da estrada, para o barranco cheio de mato que terminava num terreno vazio. Despencou sobre alguns arbustos espinhosos, até parar de bruços, atordado. Dois bracinhos peludos envolveram o seu pescoço, vindos de trás. Com um berro, o olheiro levantou-se sacudindo o corpo, tentando se livrar da criatura que estava agarrada às suas costas. Mas ela fincou as unhas no seu peito e barriga, arrancando um grito de dor do olheiro.

– Pare – ouviu a voz fina na sua nuca. – Ou rasgo a sua garganta.

Samuel estava todo arrepiado. Quatro patas com garras afiadas estavam enterradas na sua carne. Podia sentir a respiração fétida do monstro na nuca. Os pelos macios, eriçados, sobre seus braços. Os sibilos agudos, o rosnar de... um *gato*! Aquilo era um gato enorme. As caudas roçavam no seu corpo, movendo-se para lá e para cá como se o chicoteassem. O olheiro estava aterrorizado. Não gostava de gatos. Tinha medo deles desde criança. E agora, tinha um gato tamanho-família agarrado a ele. Com um urro, arrancou com as mãos as patas cravadas no seu peito. Então a criatura o soltou. Samuel começou a correr aos trancos e barrancos, sem direção. Logo percebeu que estava indo cada vez mais para dentro da mata em declive, e quis mudar de rumo para voltar à estrada. Mas a menina surgiu à sua frente, lambendo as mãozinhas sujas de sangue. Sangue dele, Samuel.

– Você não gosta de mim, Samuel? – ela sibilou. – Que pena!

A visão da criança desvaneceu-se. Um grande gato preto o fitava, sentado sobre as patas traseiras, as pontas das duas caudas descrevendo pequenos círculos no ar. Com os olhos fixos em Samuel, ele lambia a pata dianteira, devagar.

Atrás do olheiro, ruídos de corpos mais pesados começaram a se fazer ouvir. Fungadas e rosnados. Barulho de patas no chão. Samuel virou-se e viu surgir o Líder dos famélicos, na sua forma humana, seguido pelos demais membros da matilha.

– Homem voltar para casa. *Agora!*

Imediatamente, o olheiro foi cercado pelos rostos banais dos canídeos crispados pela fúria.

– Nós matar você – disse o Líder, que parecia o mais raivoso de todos. – Nós pedir para Takezo-san deixar matar você!

Samuel se virou para ver onde estava o felino. Ele tinha sumido.



17. *Khimaira*

2008 – São Paulo, Brasil

FELIPE CONSULTOU AS HORAS NO SEU ROLEX OYSTER PERPETUAL. Bem, já estava quase na hora de Karl chegar com Kaori. Ajeitou a lapela fina do terno com a estampa miúda de pied-de-poule, e verificou no espelho do salão se o prendedor de ouro branco da gravata não estava torto. O que viu o satisfez. A camisa branca de listras finas azul-claras lhe caía bem. Não era fácil combinar estampas diferentes e manter o mesmo charme discreto de sempre. Era necessário um senso estético apurado para misturar ousadia com elegância. E ele o tinha, é claro.

Encontrava-se na sua sala privada da Bloody Station, um extenso salão decorado com uma mistura de objetos de *memorabilia* dos anos sessenta, engenhocas abandonadas nos túneis do metrô e equipamentos eletrônicos de última geração. O cenário era todo em branco, preto e azul, suas cores favoritas. Na parede, um monitor LCD de 70 polegadas exibia *A Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick. O vampiro parou por um instante na frente da tela gigante para assistir a

sua cena favorita: o ataque dos jovens delinquentes à residência de um escritor. A cena do estupro da esposa do escritor o fascinava.

Um sinal de chamada no canto da tela o fez erguer, contrariado, a sobancelha – cujos pelos em excesso haviam sido retirados delicadamente por uma de suas *vampgirls* pouco antes. Hora inoportuna para uma ligação. Mas a chamada vinha do Gestor da *Khimaira*, a organização internacional que financiava as suas atividades. Precisava ser cortês. Com o controle remoto, desligou o DVD *player* e aceitou a ligação.

– Como vai, Gestor? – disse ele, enquanto borrifava um pouco de *Tsar* nos pulsos. Aspirou o ar, apreciando a fragrância do perfume, e sentou-se no sofá de polietileno branco, um original de Philippe Starck, sua mais recente aquisição.

Na tela do monitor na parede, surgiu uma animação 3D da quimera, o animal mitológico de três cabeças: de leão, de cabra e de dragão. Quem lhe falou foi a agitada voz feminina da cabeça de cabra:

– *Queremos saber se já conseguiu as informações que pedimos, Felipe.*

O vampiro dirigiu o seu olhar para a humana sentada na cadeira no fundo do salão. Ela tinha cabelos castanhos sedosos e usava um belo vestido azul turquesa, diáfano e leve, que deixava entrever as formas do seu corpo. Ela se mantinha em silêncio, imóvel como uma boneca, pois estava impedida de usar quase todos os sentidos. Os pulsos estavam presos aos braços da cadeira por cintas de couro. Os pés, calçados com belas sandálias da mesma cor do vestido, estavam também imobilizados. Havia uma venda de cetim negro sobre seus olhos. Uma mordaca do mesmo material na boca. Fones introduzidos nos seus ouvidos abafavam o som externo, enquanto tocavam alto a Nona Sinfonia de Beethoven. Mas o detalhe mais importante estava sobre a pele alva do seu pescoço: as duas marcas dos caninos de Felipe, deixadas na noite anterior.

– A bióloga do IBEFF já me contou tudo o que eu precisava saber – respondeu. – Só precisei usar a minha voz vampírica para dobrá-la.

Uma voz masculina roufenha soou, brusca. Era a cabeça de leão da quimera que se manifestava.

– *Faria pouca diferença se tivesse arrancado a cabeça dela. Só queremos saber se você descobriu a localização do IBEFF.*

– Sim, Gestor, eu descobri – disse o vampiro, com um olhar irritado. – Mandeí um *e-mail* há pouco com o endereço.

– E-mail? – exclamou a voz melíflua de barítono da cabeça de dragão. – *Ah, sim, estou vendo. Você conseguiu a informação!*

As três cabeças gargalharam ao mesmo tempo.

– *Muito bom...* – disseram em coro. – *Providências imediatas serão tomadas.*

Felipe observou a criatura na tela. Nunca havia visto o rosto do Gestor ou ouvido a sua voz verdadeira. Era como se trabalhasse para um personagem de videogame.

– Afinal, por que a Khimaira quer destruir o IBEFF? – disse o vampiro. – O que eles são?

– *Isso não lhe diz respeito – disse o leão. – Limite-se a fazer o que estamos mandando.*

Felipe não gostava do leão. Às vezes achava que havia uma única pessoa por trás da quimera, mas, noutras, não conseguia pensar nas três cabeças como partes de uma só.

– Com todo o respeito, Gestor, eu consegui, nos últimos meses, mais resultados do que todos os outros administradores vampíricos juntos. Bloody Station é um sucesso. Estamos prestes a destruir o IBEFF. A rede internacional de tráfico de humanos logo vai começar a operar. Acho que está na hora da Khimaira confiar mais em mim.

A voz insinuante do dragão respondeu ao vampiro:

– *A Khimaira não confia em ninguém, meu caro. Livre-se logo da humana do IBEFF. Tornaremos a chamar, quando precisarmos de você.*

A ligação foi finalizada de forma abrupta. Felipe ficou olhando, indignado, para a tela vazia. Estava frustrado com a forma como estava sendo tratado pela Khimaira. E ele lidava mal com frustrações.

Agitado, levantou-se e andou pela sala ampla. Deu um chute num pufe de vinil preto, jogando-o para longe, quase aos pés da cadeira onde se encontrava a prisioneira. A bióloga do IBEFF... Chegou perto dela e ajoelhou-se para vê-la melhor. Tinha um rosto agradável, regular. A pele clara e as sardas que despontavam sobre o nariz levemente arrebitado o agradavam. Passou o dedo gelado, devagar, na linha do rosto oval. Ela gemeu, assustada, deixando-o excitado.

– Você está apavorada, não está? – estava sentindo o velho ímpeto de vilão malvado ressurgir. – Eu também estaria. Sem poder ver, falar ou ouvir. Sem saber quem a está tocando... Ou o que a espera a seguir.

Ficou de pé atrás dela e debruçou-se para cheirar os cabelos perfumados. As suas **vampgirls** haviam feito um bom trabalho. O perfume que emanava do corpo da humana combinava com ela. Qual era, mesmo? Ah, sim, o *Angel*. Perfumes o deixavam maluco. Notou que a respiração da prisioneira se tornara mais rápida.

– Hum... – ele disse. – Está sentindo que eu estou perto de você? Estou lisonjeado.

Abraçou-a por trás, segurando os seios dela por cima do tecido fino do vestido. Ela se sobressaltou, projetando o corpo tenso para frente. As mãos dele a puxaram de volta ao encosto da cadeira. Ela tremia.

– Imagino como deve ser... – ele disse. – Ouvir a *Ode à Alegria* enquanto alguém, que você não vê ou ouve, a manipula. Aposto que você não viu *A Laranja Mecânica*... Eles usam a Nona Sinfonia para fazer uma lavagem cerebral no personagem principal.

Aumentou o volume do MP3 até o máximo. Ela gemeu numa súplica muda, pois a altura do som era dolorosa. Sem fazer caso, ele começou a tocá-la no pescoço. Seus dedos correram em volta da ferida recente, os dois orifícios deixados pela mordida. A resistência dela foi diminuindo, até ela ficar de novo imóvel, apenas a sua respiração nervosa fazendo-a tremer.

– Deve estar se lembrando da noite passada, não? – os olhos azuis fake de Felipe brilharam, ardentes. – Você foi ótima, querida, mas não é páreo para mim. Ninguém é. Sou um fenômeno à parte, mesmo entre os vampiros. Posso penetrar nas mentes com facilidade, de forma sutil e elaborada. Ou posso fazer o mesmo com a mão mais pesada, produzindo muita dor...

A prisioneira gritou sob a mordaça. Gemia e se debatia, ferindo os pulsos presos à cadeira. Felipe resolveu não machucá-la demais, pelo menos por enquanto. Fez a dor parar. A cabeça dela pendeu, inerte, por alguns instantes. Depois começou a se mexer aos poucos. As lágrimas molhavam a sua venda.

– Nunca precisei usar o máximo da minha força... – disse o vampiro, pensativo. – Nem eu conheço completamente o meu poder.

O rosto de Felipe tornou-se sombrio. Sim, nunca usara toda a sua força. Mas já a utilizara muitas vezes para matar. A primeira vítima fora o seu próprio criador. Era um velho vampiro louco que o capturara e o mantivera prisioneiro por muitos meses, acorrentado num buraco imundo. Quando finalmente o velho o transformou em sanguessuga, Felipe o matou. Ah, podia lembrar-se muito bem... Ele dera o troco, torturando o filho da puta durante o mesmo número de meses, antes de eliminá-lo em definitivo.

De lá para cá, aperfeiçoara em segredo a sua técnica, treinando em humanos e em desmorts anônimos que lhe caíam nas mãos. Ninguém sabia do seu poder psíquico excepcional. Pois era um trunfo que guardava com inteligência, para usar só em casos extremos.

A humana sorria, agora. Felipe havia lhe enviado uma sugestão de conforto para apaziguar as lembranças da dor.

– A sua sanidade está por um fio, querida, pois a noite passada foi muito traumática. Mas tanto faz, para mim – disse. – Você é só um animalzinho bobo que logo irá para o abate, mesmo...

Começou a acariciá-la nos ombros, na cintura. Ela estremeceu.

– Por isso, aprecie o momento sem culpa, *girl*. Eu posso lhe dar prazer, também, se quiser...

Ela arfou, quando ele colocou a mão dentro do decote, à procura dos bicos duros dos seus seios. O interfone tocou nesse instante. Era Karl, avisando que ia entrar. Felipe afastou-se da cativa, esquecendo-a por completo. Nada mais importava. Kaori estava chegando.



Samuel olhou, atônito, enquanto Mimi acionava com um controle remoto a porta automática da garagem de um velho prédio. Estavam próximos à estação Pedro II do metrô. O vampiro conduziu o New Beetle para uma vaga milimétrica nos fundos e enfiou-o lá com habilidade.

– É aqui que estão mantendo Beatriz? – indagou o olheiro, desconfiado.

– Não, eu te trouxe aqui para termos alguns momentos de *amor*, só nós dois...

Samuel olhou para Mimi, furioso. O vampiro respondeu, divertido:

– Brincadeirinha! – ele abriu o porta-malas. – Isto aqui é uma passagem para o subsolo, a via de acesso para os locais mais secretos do mundo vampírico. Escolhi esta vaga porque está fora do alcance das câmeras de vigilância.

O vampiro remexia no porta-malas repleto de bugigangas. Samuel se esticou para espiar.

– O que são essas coisas? – perguntou.

– Ah, uns brinquedinhos para nos proteger. Os vampiros são um bando de idiotas que confiam apenas na sua força física para lutar. Nenhum deles pensa em comprar uma arma, por exemplo. Eu digo “eles” porque, apesar de ser um vampiro, penso um pouco diferente...

Ele separou uma mochila grande, de onde saía um tubo fino de metal com um cilindro, também de metal, na ponta.

– Sabe, eu sempre gostei de armas. Pode chamar de meu lado *macho*, se quiser. E aproveite, pois vai ser o único lado macho que vai encontrar – piscou para Samuel com ar malicioso. – Não tive tempo para me preparar do jeito que gostaria, mas tudo bem. Com algum equipamento de combate, posso ganhar qualquer parada. Até com um ser humano fraquinho como você por perto para atrapalhar.

Samuel ia protestar, mas o vampiro não lhe deixou brecha, falando sem parar.

– Olhe, vou te dar o colete a prova de balas, pois o seu corpo é muito mais frágil do que o meu. Este aqui é feito de *kevlar*, tem proteção nível 2. Protege contra calibres 9 mm ou Magnum 357.

O olheiro vestiu o colete, desajeitado, enquanto Mimi continuava a sua exposição bélica, tirando da mochila uma pistola reluzente preta com um cano longo e robusto.

– Tome, isto aqui é uma gracinha, uma pistola Heckler & Koch MK23 com um silenciador. Para atirar, é simples: destrave a arma aqui. O gatilho tem duas fases. A primeira, aciona a mira a *laser*. É perfeita para quem tem mira ruim.

Samuel viu uma luzinha verde na parede, como a daquelas canetas com apontador usadas em apresentações. Mimi imitou o barulho do disparo.

– O segundo estágio do gatilho aciona a bala. Aperte quando o fecho do laser estiver sobre o alvo – tornou a travar a arma e a entregou ao olheiro. – Mantenha-a escondida na sua mochila, de modo que possa puxá-la depressa quando a confusão começar. Lembre-se que nós, desmorts, somos muito rápidos e você tem 12 balas no gatilho. Ah, atire na cabeça. Estas balas são do tipo *hollow point*, vão explodir o cérebro por dentro da caixa craniana. Assim, até para um vampiro fica difícil reconstituir o dano.

– E você? – Samuel conseguiu perguntar.

– Ah, vou levar isto aqui – ele mostrou-lhe um rifle com aparência bem mais perigosa. – É também um Heckler & Koch. Sou fã dessa marca alemã. É um modelo G41-K, praticamente infalível. Uma belezinha. Mas a minha arma predileta é esta aqui.

Mimi deu uma palmadinha no tubo de metal que saía da mochila. Tinha uma espécie de gatilho e uma mangueira ligada à bolsa. Todo orgulhoso, o vampiro anunciou:

– Apresento-lhe um *lança-chamas*!

Samuel estava boquiaberto. Mimi bateu nas costas dele, bem-humorado.

– Vai ver que estrago incrível ele faz. Não é um modelo militar, é só um lança-chamas comum de uso agrícola, mas já é o suficiente. Você sabe, nós, vampiros, odiamos ser queimados. Aquela história de que é possível reviver um vampiro, misturando sangue às cinzas dele, é balela de cinema. Ao ter 100% do corpo transformado em cinzas, nós morremos de verdade e de modo permanente. E, para garantir, estou usando um combustível inflamável imbatível: *napalm*! Ele não escorre como os combustíveis comuns, adere no corpo e continua queimando, queimando... Puxa, eu sempre quis usar *napalm* num combate de verdade. Vai ser *muito* legal!

Samuel olhava, incrédulo, para o vampiro. O cara era um maníaco de guerra! Mimi, alheio à sua cara de espanto, entregou-lhe uma máscara de oxigênio que, explicou, era para usar caso se sentisse asfixiado pela desoxigenação causada pelo fogo. Arrumou o colete em Samuel e o fez vestir a jaqueta por cima. Depois, ambos colocaram as mochilas nas costas. Finalmente Mimi murmurou, mais sério:

– Agora, faça uma cara de vampiro, *vampwatcher*. Não podemos chamar muita atenção, pois há câmeras em todo o percurso.

Samuel o seguiu, imaginando como era uma cara de vampiro. Olhos vermelhos congestionados e rosto pálido. Nada muito difícil, pois as suas condições físicas no momento eram péssimas.

Ao chegar ao elevador, Mimi abriu o painel dos andares com uma chave. Havia por baixo um leitor de cartões magnéticos. O vampiro enfiou o seu cartão e, imediatamente, o elevador começou a descer.

– Uau! – exclamou Samuel.

– Gostou? O elevador tem mais seis metros de poço, escondidos. Um andar no subsolo que nenhum mortal conhece.

A porta abriu-se para um salão quadrado, que deveria ter mais ou menos o tamanho total do edifício. Havia várias saídas indo para direções diferentes. Eles pegaram a da direita.

– Afinal, para onde estamos indo? – perguntou Samuel.

Mimi olhou para ele e disse, todo animado:

– Ah, não te contaram? Este túnel é um caminho alternativo para a Bloody Station. A sua amiguinha sardenta está lá, eu mesmo a vi há algumas horas. Agora chega de papo, vamos jogar um pouco de *Doom*... ao vivo!



Sidnei acabava de colocar a última caixinha de clipes na caixa de papelão, onde havia enfiado tudo o que havia sobre a sua mesa. Tinha que se apressar, pois o IBEFF corria perigo. Pelo menos, o que e quem estivesse no escritório do IBEFF quando os vampiros chegassem.

Cedo ou tarde, os desmorts conseguiriam extrair tudo o que Beatriz sabia sobre o Instituto. O que não era muito, mas incluía o endereço do escritório na rua Afonso Brás. Era hora, portanto, de bater as asinhas e mudar o ninho de lugar. Por sorte, a diretoria do IBEFF concordou com o seu pedido de suspensão temporária das atividades da unidade SP, durante uma videoconferência convocada às pressas, e houve poucos trâmites burocráticos para concretizar a retirada – que não era complicada. Tinha o banco de dados e os arquivos mais importantes do Instituto bem seguros, num servidor longe dali. Se examinassem o conteúdo do seu micro não iriam achar nada de útil. Mas agora tinha que desaparecer com a coisa mais difícil de colocar fora do alcance dos vampiros: ele mesmo.

O prédio comercial na Vila Nova Conceição estava vazio. Pudera, eram duas horas da manhã de uma segunda-feira, logo depois do feriado de Páscoa. Até o *karaokê*, que ficava em frente, estava fechado. Sidnei pegou a caixa de papelão e entrou no elevador. Apertou o botão do subsolo, onde estava o seu carro. Durante o trajeto, chamou a portaria, pois invariavelmente pegava o porteiro dormindo, quando saía de madrugada.

Os andares passavam e nada do homem responder. O executivo bufou, mal-humorado. Alguém precisava abrir a porta da garagem quando saísse com o carro. Resolveu parar no térreo para acordar o porteiro pessoalmente.

A portaria estava às escuras. Diabos, teria que sair do elevador. Deixou que ele descesse para o subsolo e, ainda com a caixa na mão, bateu até o balcão. De repente, deu com o corpo do homem, caído. Estava morto. Olhou para o mostrador do outro elevador. Estava no décimo andar, onde ficava o IBEFF. E agora estava descendo. Sidnei estremeceu. O assassino subira até o escritório e o encontrara vazio. Agora estava vindo em seu encalço. Não tinha tempo a perder. Deixou acionado o botão para abrir a porta automática da garagem e correu pelas escadas para o segundo subsolo, onde estava o seu carro.

As luzes se acenderam automaticamente quando pisou no subsolo. Achou o Corolla azul no local de sempre, sozinho em meio à garagem quase vazia. Atirou, apressado, a caixa de papelão no banco de trás e deu a partida. Subiu a rampa para o primeiro subsolo à toda velocidade, numa manobra digna de filmes de Hollywood. Quando ia embicar na rampa que lhe daria acesso à rua, viu alguém entrando devagar pela porta automática.

Sidnei sentiu um arrepio na espinha. Uma mulher caminhava para ele. Tinha os cabelos cortados num chanel moderno, um dos lados mais longo do que o outro. Vestia um terno negro feminino impecável. No mesmo instante, viu pelo retrovisor o elevador se abrir e uma outra mulher, vestida de modo semelhante à primeira, surgir. Bosta, eram duas. Uma tinha permanecido na rua, vigiando, enquanto a outra entrava no prédio. Sidnei manobrou, cantando os pneus. Endireitou o carro para pegar a rampa a toda velocidade. Que se fodam as regras de não-interferência, ia passar por cima da vampira!

De repente, viu algo inacreditável. Uma moto vinha voando na sua direção. Não teve nem tempo de gritar. Ouvia o vidro da frente se estilhaçar e algo pesado caiu sobre ele.



– Olá, Felipe – disse Kaori.

– Olá – ele respondeu. – Que bom que veio.

Kaori examinou o empresário e aprovou o que viu. Ele podia ser um canalha, mas era um homem interessante, sem dúvida. As maneiras polidas, a elegância ao se mover, a voz macia. Felipe sabia ser sedutor, quando queria. Pena, mesmo, que não tivesse se tornado um galã de cinema ou TV. E que tivesse escolhido um papel de vilão para si mesmo.

Karl, que havia entrado atrás dela, estava de olho na humana imobilizada na cadeira. Aproximou-se dela, interessado.

– Ei, Felipe, o que vai fazer com esta mortal?

Felipe beijara a mão de Kaori e a conduziu até o sofá.

– Vou matá-la, claro – disse, distraído, com os olhos fixos em Kaori. – Qualquer hora dessas.

Karl examinava a cativa.

– Dê-a para mim, então. Eu me encarrego de matá-la... depois de me divertir com ela.

O empresário ia responder, mas parou. Kaori havia colocado um dedo sobre os lábios dele. Ele olhou, interrogativo, para ela. Ela balançou a cabeça. Intrigado, Felipe disse para o caçador:

– Não. Você pode brincar com as outras garotas, se quer diversão.

Karl abriu os braços, inconformado.

– Mas que merda, Felipe! Você nunca abre mão de nada...

– Karl? – interrompeu Felipe com um olhar gélido voltado para o caçadeiro.

– O que é? – disse o caçadeiro, um pouco intimidado.

– Fora.

O vampiro loiro percebeu que o outro não estava para brincadeiras. Irritado, afastou-se resmungando. Quando se viu livre de Karl, Felipe voltou-se para Kaori, examinando-a. Os seus cabelos, o rosto, o vestido sensual vermelho.

– Você está linda. Deliciosa! – exclamou ele. – Quer tal um pouco de sangue? Ah, já sei...

Foi até a humana e soltou as cintas que a prendiam à cadeira. A mortal titubeou ao ficar em pé, mas ele a amparou com delicadeza. Trouxe-a até o sofá e a fez sentar-se entre eles.

– Você quer beber o sangue dela, acertei? – ele disse, mostrando o pescoço alvo da humana para Kaori. – Espere, vou lhe mostrar como ela é bonita. Abra os olhos, garota. Exiba as suas esmeraldas para a minha convidada.

Ele tirou-lhe a mordaca da boca. Depois, os fones dos seus ouvidos. Por último, a venda. Ela abriu os olhos verdes. Kaori admirou-os. Sim, eram

esmeraldas. Examinou a humana, curiosa. Era ela mesma, a mulher que viera procurar Samuel no Hotel Tayô. A dona do pingente de conchinha.

Beatriz olhava para os dois, estática. Havia um grande vazio na sua mente. Não se lembrava do seu nome... Quem era... Do que fazia ali.

– Felipe – disse Kaori – eu não quero o sangue dela.

O vampiro deteve-se, quando já ia cravar os dentes no pulso da humana.

– Não?

Kaori abriu a bolsa e devolveu a ele o dinheiro que havia recebido de Karl.

– Eu a quero viva – disse ela – como pagamento por esta noite.

O vampiro olhou-a por alguns instantes.

– Por quê? – a voz dele havia mudado. Voltara a ser fria como sempre.

Kaori sabia que estava se envolvendo num jogo perigoso, que nem lhe dizia respeito. Viera até ali movida por curiosidade, apenas para ver se era mesmo a amiga de Samuel que se encontrava prisioneira de Felipe. Mas agora estava decidida a salvá-la. Nem sabia direito por quê.

– É apenas um capricho meu – ela respondeu.

Era mesmo um capricho. Um impulso maluco. Talvez quisesse fazer isso por Samuel. Deixar para ele uma companheira, alguém que poderia dar a ele tudo o que ela não podia. Um dia a dia normal, humano, igual ao de todo mundo.

– Você me disse que eu teria tudo o que quisesse – ela continuou. – Eu quero a mortal. Acho que não estou pedindo nada de mais, pois você ia dá-la ao Karl, não?

Ela se levantara e estava na frente dele, provocante. Ele sorriu. Mas o sorriso gentil havia sido substituído por um riso duro, sem emoção.

– Sim, eu ia. Mas, em Karl, eu confio. Apesar das limitações dele, eu tenho certeza que não é um espião dos meus inimigos.

Ela se aproximou, colocando uma perna entre as dele.

– É mesmo? E quem são os seus inimigos?

O vampiro segurou a coxa dela com rudeza.

– Diga por que você quer a mortal.

Kaori franziu os olhos, irritada.

– Porque ela é a namoradinha do *vampwatcher* que comprei. Eu quero matá-la na frente dele.

Ela afastou-se de Felipe e pegou a bolsa que havia abandonado no sofá.

– Se você não quer dá-la, pode ficar com ela. Mas eu vou embora, agora.

Não tinha dado dois passos quando ouviu a voz de Felipe.

– Não vá, Kaori.

O tom dele havia mudado de novo. Bom sinal. Ela se virou para dar o golpe final.

– Posso levar a mulher?

Ele ainda hesitou.

– Tenho ordens para matá-la.

Kaori riu, sarcástica.

– Hum... Não sabia que você obedecia às ordens de alguém, meu querido.

Quem é essa pessoa que manda em você? Deve ser alguém *muito* importante.

Ele mordeu os lábios, irritado.

– Por que insiste em me desafiar, Kaori?

Ela segurou o queixo dele e disse baixinho:

– Diga apenas sim, e poderemos nos divertir sem preocupações esta noite.

Os cabelos castanhos de Felipe haviam lhe caído sobre a testa, dando-lhe uma aparência de menino, quando ele sussurrou:

– Sim.



XVIII. Olhos Verdes na Neve Branca

1856 – Período Tokugawa, Japão

WAKABARA KODO CAMINHAVA PELA TRILHA QUE LEVAVA AO CHALÉ DOS HÓSPEDES. Amanhecia, e a nevasca que castigara a região durante três dias e noites ainda persistia. O silêncio sepulcral prenunciava um dia sangrento.

Duas noites atrás, o samurai descera a encosta escarpada, em meio à neve e ao vento, à procura dos homens que o *daimyô* deixara, por precaução, a esperá-lo no sopé da montanha. Mesmo com a velocidade e a habilidade física adquiridos na sua nova existência como *kyuketsuki*, Kodo levava um par de horas para se aproximar do local onde os quase cinquenta samurais encontravam-se acampados. Então constatara que a nova vida de imortal tinha as suas desvantagens: a contragosto, com a chegada do dia foi obrigado a enterrar-se num buraco que teve que cavar com as próprias mãos. Por sorte, a terra era mais fofa perto dos vales férteis, do contrário estaria em maus lençóis. Aprendeu, assim, que deveria planejar melhor as suas investidas, pois as suas ações teriam que se adequar aos curtos períodos noturnos.

Ao cair da noite, emergiu sujo de lama, na forma assustadora de um não-morto. Por conta disso, quase foi abatido pelos seus antigos camaradas, que a princípio não o reconheceram. Kodo, no entanto, sabia que todos o respeitavam pela sua fama de homem leal e corajoso. Por isso, anunciou o seu nome e depositou as espadas no chão, colocando-se à mercê dos samurais, que concordaram em ouvi-lo. Fazendo uso de palavras hábeis, evocando os preceitos do *bushidô*, Kodo conseguiu convencer os guerreiros do Lorde a acompanhá-lo até o Kinjurô. Para todos os efeitos, os servos do Lorde Shin-nô tinham o dever de salvar seu amo, que corria perigo nas mãos de Missora.

Na verdade, Kodo já considerava o *daimyô* como morto, o que não o entristecia em absoluto. Ao ser transformado num *kyuketsuki*, houvera por bem dar como terminado o seu contrato de vassalagem. Fingira que continuava a servi-lo para salvar o *ijin*, mas a sua decisão já estava tomada no momento exato em que encarou o traiçoeiro Lorde a espiá-lo atrás do *shoji*, como se ele, Kodo, fosse um animal exótico de estimação. Afinal, honrara o compromisso com o déspota durante toda a sua vida e tinha o direito de, ao menos após a morte, agir segundo a sua própria vontade.

Um olhar gélido surgiu no rosto de Kodo. Para começar, nada melhor do que fazer uma bela limpeza na montanha dos *tengus*, exterminando todos os *bakemonos* da detestável prostituta Missora. E usaria a tropa armada do Lorde Shin-nô para isso. Era uma estratégia fascinante, utilizar-se de duas forças do mal antagônicas para se anularem mutuamente. A tropa que trouxera estava escondida, aguardando o sol erguer-se por inteiro para tomar de assalto os domínios da *karasu-onna*, matando os inimigos enquanto dormiam. Mas, por infelicidade, ele não poderia participar do ataque.

Os primeiros raios do sol pálido de inverno fizeram Kodo afastar os olhos da montanha dos *tengus*. Precisava passar o dia ao abrigo da luz, torcendo para que os samurais invadissem o Kinjurô com sucesso, sem a sua presença. Essa limitação imposta aos *kyuketsukis* o irritava sobremaneira. Ia passar todas essas horas escondido na escuridão, sem poder lutar.

No entanto, havia outra coisa que precisava ser feita. Kodo atravessou correndo a ponte que levava ao chalé dos hóspedes. Chegando na entrada, parou por alguns instantes para investigar o ambiente, preocupado. No interior do chalé, soava a respiração pesada de um ser humano. O samurai sentiu-se aliviado. Calixto estava vivo. Demorara-se mais do que previa e receava que o *ijin* não houvesse resistido aos ferimentos. Entrou no chalé, cerrando a grossa porta de madeira atrás de si. Depois, abriu o *shoji* e aproximou-se do homem deitado.

À primeira vista, o pintor parecia melhor. Estava, é claro, com uma aparência assustadora depois de tudo pelo que passara. O pouco que restara do seu

rosto estava intumescido, arroxeadado. E, o pior, as pálpebras fechadas não disfarçavam a ausência dos seus olhos verdes. Dava pena ver o rosto bem-apegoado do estrangeiro tão mudado... Kodo colocou a mão sobre a testa do *ijin*. Ainda ardia em febre, inconsciente. Sem comer, com certeza. Precisava arranjar algo para alimentar o doente. O próprio Kodo sentia-se faminto, pois não comia havia quase dois dias.

Não havia nada no chalé que servisse de alimento, a não ser um punhado de arroz cru na despensa. Ia servir, por ora. Procurou uma panela e lavou o arroz. Depois, colocou-o para ferver com a água. O cheiro do arroz cozido despertou-lhe um leve mal-estar. De súbito, lembrou-se que não podia mais comer aquilo. Nunca mais ia sentir as delícias de uma boa refeição, o prazer de embriagar-se com algumas doses de saquê. Estava um pouco atordado. A sensação de fome o incomodava.

Ficou uns momentos parado, observando o enfermo. O rosto do *ijin* estava tão inchado que não dava para sentir o sangue correndo, como no resto do corpo. Mas podia ver as pulsações das veias das mãos. O sangue ramificando-se em milhões de caminhos por todo o corpo do mortal. Levou a mão à própria testa, que estava mais gelada do que nunca. Esfregou os olhos. Não, não estava se sentindo bem. Estava experimentando uma sensação inédita de dor. De fome. De sufocamento. Algo relacionado àquele sangue quente, correndo nas veias do homem inconsciente na sua frente...

De repente, sentiu uma lâmina na sua nuca.

– Afaste-se dele – disse uma voz atrás dele.

– Kaori-*dono* – ele murmurou, olhando para ela com o canto dos olhos. A ponta de um *tantô* estava apoiada sobre o seu pescoço. – Uma simples facada não pode me matar.

– Pois aprenda, Kodo-*san*. O *tantô* vai produzir uma dor horrível, a mesma dor que você sentiria se ainda fosse um mortal. A única diferença é que você não morrerá desse golpe, mas, sim, do outro, que eu pretendo lhe aplicar, decepando a sua cabeça, enquanto você estiver martirizado pela dor.

Ela trazia um *wakizashi* na outra mão. O samurai rosnou entre os dentes.

– Por que está me ameaçando, minha mãe imortal?

– Porque sinto a sua fome no ar, minha cria.

Kodo sentiu um choque.

– Ora... é verdade! Eu estava cobiçando o sangue do *ijin*... Como isso pôde acontecer? Depois de todo o trabalho que tive para mantê-lo vivo!

Kaori afastou o *tantô* do pescoço do samurai.

– Você ainda não se alimentou hoje, Kodo-*san*. Mesmo um *kyuketsuki* poderoso pode perder o controle quando está com fome. E você ainda é um novato.

– Vou me lembrar disso – respondeu Kodo. – Ainda tenho muito a aprender.

O samurai ouviu, lá fora, a cantoria dos pássaros da manhã. Sentia-se muito cansado. Seus olhos se fechavam, sonolentos. Kaori lhe oferecia uma taça de chá.

– Receio que o chá não me apeteça mais...

– Sim, eu sei.

Kodo olhou para o interior da taça. Estava cheia de um líquido denso e vermelho. O samurai segurou-a com ambas as mãos e fez uma reverência, agradecido. Sentiu o cheiro de sangue penetrar nas suas narinas, fazendo a sua boca salivar. Tomou o conteúdo aos poucos, pois tinha receio de entorná-la de uma vez no estômago vazio.

– É sangue de coelho – ela disse, enquanto o observava. – Não é tão bom quanto o sangue humano, mas podemos sobreviver com isso, se quisermos.

– Para mim é suficiente, obrigado – disse Kodo, entregando a taça vazia para ela. – Eu lhe agradeço.

Kaori levou a mão à face do samurai.

– Eu é que agradeço – o sorriso dela era luminoso. – Por ter cuidado de Calixto. Estou certa de que ele não teria sobrevivido sem a sua ajuda.

O samurai sorriu. Havia uma cumplicidade entre eles que não era resultado apenas da troca de sangue. Era um olhar de amizade sincera. Depois, bocejou.

– Ainda não é certo que ele vá viver, Kaori-*dono*. Para isso, é preciso que o próprio *ijin* supere a dor da sua perda. Ele é bem mais vulnerável do que você ou eu.

Nesse instante, Calixto mexeu-se no seu leito, gemendo.

– Sim... – ela olhou para o enfermo, preocupada. – Eu sei.

Kodo fechou os olhos.

– Perdoe-me – disse, começando a se deitar. – Acho que preciso dormir, agora. Poderia dar um pouco de arroz para o *ijin*? Ele parece muito fraco.

– Sim – ouviu a voz dela num sussurro. – Sim, farei isso. Durma agora, minha cria. O dia já está claro e o seu plano de acabar com Missora já está em andamento.



Calixto sentia-se melhor. A febre se fora e os pesadelos também. A única coisa que restara dos seus momentos de agonia era a escuridão. E esta, jamais iria embora. Era, mais do que nunca, um estrangeiro em terras inexploradas.

Mas não estava só. Ali estava tudo o que lhe restara de Kaori. O cheiro, a voz, a maciez da pele gelada. Por isso, ficou muito tempo em silêncio, apesar de desperto. Estava aspirando o perfume da mulher amada.

– Kaori – ele disse, afinal.

– Sim, *ijin-san*?

Doía demais saber que nunca mais iria vê-la. Queria manter viva a lembrança do rosto dela, de todos os detalhes que os olhos não podiam mais reviver. Estendeu as mãos para tocá-la. Ela recostou a face fria na sua mão e deixou-se ficar assim durante alguns instantes. Lá fora, um alarido contínuo e inquietante se elevava, vindo do casarão.

– O que está havendo?

A voz dela soou, tranquila.

– O exército do Lorde Shin-nô veio vingar a morte do *daimyô*. O Kinjurô está em chamas.

Calixto ficou quieto, imaginando os domínios da *okami-san* em chamas. Uma cena tremenda, que jamais iria ver.

– Missora está morta?

A menção à *okami-san* esfriou como gelo o ar do chalé. A voz de Kaori mudara de tom ao responder. Tornara-se fria e distante.

– Infelizmente, a *okami-san* sumiu, junto com as suas duas assassinas, Yuki e Fuyu. Levou também aquele retrato diabólico consigo.

Calixto sentiu a raiva na voz de Kaori. Um ódio tremendo, contido, prestes a explodir como um vulcão. O pintor estremeceu com o impacto daquele sentimento obscuro emanando da sua amada.

– Eu e Kodo-*san* saímos à caça dela logo que escureceu. Mas chegamos tarde. Missora deve ter fugido há duas noites, logo depois de matar o *daimyô*. Ela poderia ter alertado as suas crias sobre o perigo, mas preferiu deixá-las como isca para manter os atacantes ocupados enquanto escapava. Todos os *tengus*, até as *kamuros*, foram executados pelos samurais do Lorde Shin-nô durante o dia, enquanto dormiam em seus ninhos.

O rosto diabólico de Missora voltou à mente de Calixto. Um rosto que lembraria para sempre, que povoaria os seus pesadelos, aterrorizando-o enquanto vivesse.

– De certa forma, isso garante que ninguém saberá muita coisa sobre os *kyuketsukis* – prosseguiu Kaori. – Correrão na boca do povo histórias horripilantes sobre os *tengus* da montanha. Mas nós, japoneses, já convivemos com muitas lendas imemoriais. Uma a mais não fará diferença.

– E Kodo?

– Foi embora. Irá perambular pela noite, aprendendo a caçar e a sobreviver, como todo *kyuketsuki*. Se tiver sorte e for hábil o suficiente, pode ser que nos encontremos em um ou dois séculos.

Calixto lembrou-se da estátua de Kodo. Aquela que falava e agia como Kodo, mas não era mais ele. Mesmo feliz por ter reencontrado o amigo que acreditava morto, entristeceu-o o fato de Kodo ter se transformado num *kyuketsuki*. Justo ele, tão humano...

– Não tema por Kodo-san. Ele se tornou um *kyuketsuki* de grande força – disse Kaori. – Ele pediu para dizer-lhe que espera revê-lo um dia. E que siga o conselho que ele lhe deu dias atrás. Disse que você saberia qual.

Um sorriso surgiu no rosto de Calixto. “Case-se com uma boa mulher e viva feliz”, dissera o samurai. Pena que não ia obedecê-lo, mais uma vez.

– Calixto...

– Sim, Kaori?

Calixto ouviu-a erguer-se. Imaginou os pezinhos andando sobre o *tatami*, aproximando-se dele. Uma boca gelada procurou a sua. Ele suspirou, sentindo com uma intensidade inédita a maciez daqueles lábios carnudos.

– Eu devo partir, *ijin-san*. Os invasores não tardarão em descobrir o caminho para cá.

Ele ficou quieto. Seu coração sangrava. Sabia que esse dia ia chegar. Ela ia embora como foram embora Kodo e todos os *kyuketsukis*. Iam voltar para a escuridão, para o esquecimento...

– Escute, *ijin-san*... – ela lhe disse. – Há muitos séculos, eu tive uma inimiga. Numa luta desigual, quando eu já era uma *kyuketsuki* e ela, apenas uma traíçoeira cortesã humana, eu lhe arranquei a língua. Depois, fui embora, acreditando que estava morta. Ela se recuperou e tornou-se uma *kyuketsuki* como eu.

Ele ergueu o rosto mutilado para ela.

– Missora.

– Sim, ela mesma. Hoje, Missora usa a língua dos humanos para substituir a que perdeu. Cada língua não dura mais do que algumas semanas, mas ela pode usá-la para falar...

Calixto tinha se aquietado. Ouvia as palavras de Kaori com atenção.

– Você acha que...

Ela havia segurado a sua mão.

– Deixe-me transformá-lo em um de nós. Poderá usar os olhos dos humanos para voltar a enxergar...

Ele ficou em silêncio por longos segundos.

– Ah, eu queria tanto isso! – disse de repente. – Enxergar de novo seria como voltar à vida depois de estar morto e enterrado.

A voz dela se avivou.

– Então será assim! Você verá de novo. Continuará a pintar. Será feliz, eu lhe prometo!

Calixto meneou a cabeça.

– Você me disse um dia para não fazer promessas que não podem ser cumpridas.

Kaori soltou a sua mão.

– O que quer dizer com isso, *ijin-san*?

– Eu nunca serei feliz, enxergando o mundo através de olhos de gente assassinada, Kaori. Eu não sou Missora.

Ele sentiu a decepção dela como um vento invernal invadindo o seu refúgio aquecido.

– Pensei que quisesse voltar a ver.

– Não a esse custo.

– Pensei que – a voz dela tremeu – quisesse ficar comigo.

– E quero! – ele disse, veemente. – Mas, eu seria um fracasso como *kyuketsuki*. Nunca serei capaz de fazer o que vocês fazem, matar para sobreviver.

Um silêncio pesado caiu sobre eles. Calixto remexeu-se, angustiado. A última coisa que queria neste mundo era magoar Kaori. Mas era isso que estava fazendo. Mas a mágoa dele era igual. Ou maior.

– É uma pena, *ijin-san* – a voz dela soou fria. Distante. – Pensei que aceitaria a minha proposta com alegria, mas parece que você nunca para de me surpreender.

– Eu gostaria de ser diferente, de ser como Kodo – ele estendeu as mãos para ela. – Perdoe-me.

Ela não segurou as suas mãos. Apenas disse:

– Não.

– Kaori...

– Sinto muito, Calixto. Eu não o perdoo.

– Não fale assim...

– Não admito que ouse recusar a minha proposta.

Ele estava atônito. A voz dela soara nas suas costas, rente ao seu ouvido.

– O que está dizendo, Kaori?

Mãos geladas o enlaçaram com força. Calixto sentiu nesse aperto a mesma sensação que tivera no Paiol, quando vira o rosto impassível de Kaori frente às crueldades perpetradas por Missora. Uma frieza assustadora.

– Se bem me lembro, fizemos um trato. A sua vida, em troca da tatuagem no meu corpo. Pois bem, senhor Calixto, eu reclamo, agora, a minha paga.

Calixto tentou se afastar, mas as mãos dela o detiveram.

– Por favor, me solte!

– Não.

– Eu não quero me tornar um vampiro!

– “Vampiro”... Que interessante, essa palavra. Teremos tempo para discutir a sua origem mais tarde. Muito tempo...

Ele tentava desvencilhar os braços, sem sucesso.

– Você não pode me forçar!

– Sim, eu posso.

– Por favor, por favor, Kaori. Não me obrigue! Eu nunca serei capaz de viver como um de vocês!

– Você não tem escolha, *ijin-san*.

Ela o segurava diante de si, os braços envolvendo os dele. Cheirou os cabelos brancos do pintor e beijou a sua nuca. Calixto esboçou uma débil resistência, mas por fim cedeu ao prazer daquelas carícias. Não tinha forças para resistir.

– Sabe, *ijin-san*, “nunca” é uma palavra que não existe para nós, *kyuketsukis*. Nunca vou fazer isso, nunca vou ser aquilo... Bobagens – ela falava no seu ouvido, baixinho. – Um dia é diferente de outro, as pessoas mudam e o universo se transforma. O seu amor de ontem pode ser o seu algoz, amanhã. O que é odioso num momento, pode se tornar fascinante dali a alguns séculos. Tudo pode acontecer quando se dá tempo ao tempo. E tempo é algo que nós, *kyuketsukis*, temos de sobra!

Ela o cheirava, enfiando o nariz nos seus cabelos. Deu leves mordidas na sua nuca, deixando-o arrepiado. Depois, apertou-o entre os braços e inclinou-se sobre o seu ombro. A mordida, desta vez dolorida, fez explodir nele uma infinidade de sensações que estavam mortas. A paixão, o desejo, a volúpia! A vida que parecia finda voltava a sacudi-lo. Calixto percebeu que, mais do que ela, ele próprio desejava ardentemente essa mordida. De repente, foi mordido de novo, desta vez no pulso. Gritou, cheio de dor e de fúria.

– Está bem! Se você ainda quer este corpo despedaçado, tome-o. Eu sou seu. Sempre fui...

Ela o largou, então. Sentiu as mãos dela arrancando o quimono dele. Os dentes sobre o seu mamilo. A boca sugando o sangue que brotava do ferimento. Ele gemeu, sentindo a dor pungente, profunda. Seguiu-se então a sensação de prazer. De alívio. O bálsamo que apagava a dor. Depois, veio o abandono. O silêncio. O intervalo que o deixou tenso, sem saber de onde viria o próximo ataque.

Ele veio, suave. Desta vez, nas coxas. Lábios úmidos percorreram-nas por dentro, beijando de leve a sua pele arrepiada. Ele gemeu, deliciado. Sentiu mais mordidas nas pernas, nos braços, no ventre... Ele gritava, enlouquecido com a volúpia das mordidas, dos ataques inesperados que não podia ver e dos quais não podia se proteger. Ela às vezes o deixava em paz, sem tocá-lo por tempo suficiente para que a excitação dele atingisse o máximo. Então, o atacava de novo. Fincava os dentes na carne macia e o fazia sangrar. A cada vez, ela extraía pequenas quantidades de sangue, a língua dela lambendo o líquido rubro aos poucos, prolongando o êxtase dele.

Por fim, quando percebeu que cada fibra da carne, cada pelo, cada pedaço da pele dele lhe eram submissos, ela o beijou. Um longo beijo ardente, sua boca em brasa devido ao sangue dele. E a dele, fria, a boca gelada de um moribundo.

– Kaori... – ele murmurou baixinho.

– Sim, *ijin-san*?

– Mate-me...

– Não!

Ele sorriu.

– Eu sei que você me ama...

– Sim – ela disse, afinal. – Eu o amo.

Ele parecia feliz.

– Deixe-me morrer assim, minha vida fluindo na sua. Penetrando no seu corpo. Na sua alma...

Kaori sabia que ia ser assim. Calixto tinha razão. Ele não seria mais o mesmo se um dia passasse a arrancar olhos humanos para enxergar. Afinal, não fora ele que, poucas noites atrás, escolhera morrer para impedir o sacrifício de uma criança? Mas, sem os seus olhos, sem a sua arte, o pintor talentoso se transformaria num corpo sem alma. Como ela era, até começar a amá-lo. Lágrimas de sangue correram nas faces da *kyuketsuki*. Ela, que acabara de descobrir que o amava, ia matá-lo. Era um mundo estranho, aquele...

Então os seus ouvidos aguçados captaram algo, lá fora. Uma sombra projetada pela lamparina da varanda mostrou a silhueta de um gato de duas caudas. Com um salto, a *kyuketsuki* abriu o *shoji*. Na varanda deserta, os dois olhos congelados do *ijin* rolavam sobre o piso coberto de neve.

A *kyuketsuki* fitou os olhos verdes, perfeitamente conservados pelo frio. Uma criança saiu das sombras e sentou-se à sua frente.

– Coloque os olhos nas órbitas do *ijin* e depois o transforme em *kyuketsuki*.

Kaori pegou os olhos enregelados nas mãos.

– Seria um milagre... Vai dar certo?

A menina deu de ombros.

– Não sei. Algumas feridas desaparecem quando os mortais se transformam em *kyuketsukis*. Você não acredita em milagres?

Kaori balançou a cabeça, devagar.

– Não, mas vou tentar. Obrigada, Chiyo.

A menina mostrou a língua, malcriada.

– Não sou Chiyo. Sou Mishi, a gata!

E saiu pulando na escuridão, ao encontro da noite.

Da neve.

De um futuro distante, num novo continente.



18. Acerto de Contas

2008 – São Paulo, Brasil

KARL ERGUEU-SE COM UM PULO DA CADEIRA. As câmeras de vigilância haviam captado movimentos estranhos nos acessos subterrâneos para a Bloody Station. O vampiro aproximou-se do monitor para ver quem eram os invasores. Logo começou a rir. Eram Mimi e o *vampwatcher* que havia vendido para Kaori. Agradeceu aos santos protetores de caçadores, fossem quem fossem. Já fazia um tempo que queria dar um jeito naquela bicha louca por tentar prejudicá-lo no leilão. E nunca se conformara inteiramente por ter deixado o *vampwatcher* metido a herói viver. E agora os dois vinham correndo para as suas garras, por conta própria.

– Obrigado, papai do Céu! – disse o vampiro, mais uma vez.

Antes de ir ao encontro deles, achou melhor avisar Felipe. Afinal de contas, o lugar estava sendo invadido por um humano que pertencia a Kaori. O caçador

nunca confiara na japonesa. Achava que ela era uma metida que só esperava a hora certa para mostrar as garras. Pegou o interfone e discou para a sala do empresário.



Sidnei sentiu o seu peito sendo friccionado no chão da garagem. A sua camisa estava em frangalhos. Estava todo arranhado, moído por dentro. E alguém o estava arrastando pelos pés.

– Olhe, o homem do IBEFF acordou, Yuki – disse uma voz feminina.

– Você não devia ter jogando a moto sobre ele, Fuyu – disse uma outra. – Ainda bem que o *airbag* do carro o salvou. Temos ordens para levá-lo vivo.

Sidnei havia perdido os óculos, por isso não conseguia vê-las com clareza. Mas estavam falando em japonês.

– Eu tinha que parar o carro! – disse a mulher que segurava o seu pé direito. – Ele estava tentando me atropelar.

– Pois é. Ele é muito antipático. Tinha fugido quando cheguei ao escritório – respondeu a outra, que o puxava pelo pé esquerdo.

– Oh, que falta de educação!

– Ainda bem que você estava vigiando a saída.

– Sim, a Khimaira não ia gostar nada se o deixássemos escapar entre nossos dedos.

– Afinal, estamos esperando há dois anos por esta oportunidade.

– Dois longos anos! Foi a missão mais longa que a Khimaira já nos confiou.

Sidnei estava desesperado. O que poderia fazer? A garagem estava totalmente vazia. O porteiro, a única pessoa no prédio, estava morto. Começou a tentar segurar-se, agarrando com os dedos nas irregularidades do chão, mas era inútil. As japonesas continuavam a arrastá-lo, sem prestarem atenção nas suas tentativas de resistência. Estava perdido. Iam levá-lo para algum buraco de ratos e torturá-lo até que contasse tudo o que sabia sobre IBEFF. E, neste caso, iam fazer um bom negócio, pois ele sabia o suficiente para arruinar o Instituto.

Só havia um jeito de acabar com essa situação. E era o jeito que ele mesmo tinha instituído como medida extrema para executivos de alto nível capturados. Apalpou no bolso a caixinha de comprimidos. Não acreditava que, um dia, ele mesmo ia ter que usar isto. Cometer suicídio era algo tão contrário à sua natureza! Mas a perspectiva de ser torturado por vampiros era bem pior. Provavelmente ia acabar morto de qualquer forma. Pegou a cápsula de cianureto. Ia fazer companhia

a um monte de figuras históricas que se mataram da mesma forma, entre eles, diziam, Adolf Hitler. Só que ninguém ia dar a mínima no caso dele, um simples Sidnei da Silva. Merda.

– Pare!

Sidnei viu, atônito, a cápsula voar da sua mão. A vampira de nome Yuki havia pressentido a sua manobra e impedido que levasse o veneno à boca.

– Não seja impaciente, homem do IBEFF – disse a outra, Fuyu. – Se nos contar o que sabe, poderemos tratá-lo muito bem... À moda japonesa.

– Não, obrigado – murmurou Sidnei, arrastando-se para longe delas. – Eu não tenho vocação para virar *sashimi*.

– Mas que ofensa! – exclamou Yuki. – Jamais faríamos *sashimi* com carne humana. Seria uma heresia!

– Aposto que ele é um desses babacas que confundem restaurante japonês com chinês – disse Fuyu, também irritada.

– Estou louca para começar a torturá-lo – comentou Yuki.

– Eu também – concordou Fuyu.

As vampiras começaram a avançar lado a lado, em direção a Sidnei, que tentava fugir, engatinhando. Que humilhação! Mas o que fazer? Não era nenhum agente secreto, só um executivo eficiente que aspirava a uma carreira sólida numa instituição internacional. De repente, notou que não ouvia mais o salto do sapato das vampiras sobre o piso do estacionamento. Voltou-se e viu-as paradas, olhando para trás.

– Quem está aí? – berrou Yuki.

– Apareça! – emendou Fuyu.

Sidnei tentava enxergar, com os seus olhos míopes, quem estava assustando as vampiras.

– Olá, senhoras – disse uma voz conhecida, em japonês. – Há quanto tempo...

As duas mulheres recuaram frente ao homem que se aproximava com passos decididos.

– Kodo! – berrou Yuki. – Você ainda não virou cinzas, samurai maldito?

– Kodo! – repetiu Fuyu, fazendo eco a Yuki. – O que você quer?

O homem fez uma reverência.

– Eu quero – disse, esfregando as mãos, – as suas *cabeças*, senhoras.

Sidnei escondeu-se atrás de uma pilastra. Aquilo parecia uma questão antiga, que pouco tinha a ver com ele ou com o IBEFF. Porém, não deixou de considerar muito estranho o fato das vampiras terem chamado o vampiro, que ele conhecia como Takezo, por um nome completamente diferente.



– Entendi – Felipe falava com alguém ao telefone. – Faça o que tem que ser feito.

Kaori o ouvia com a atenção. Mas a expressão inalterada do empresário nada lhe revelava. A vampira voltou-se então para a humana chamada Beatriz, que agora parecia dormir, deitada num sofá no canto do salão. Parecia uma boa garota. Coisa que ela, Kaori, definitivamente não era.

– Desculpe – disse Felipe, depois de desligar. – Coisas do trabalho. Mas agora poderei me dedicar só a você.

Ele se aproximou dela e a tomou nos braços.

– Esse seu cheiro me deixa louco, Kaori. Não é nenhum perfume que conheço. Eu sonhei tanto com este momento que nem sei o que fazer para agradá-la.

Kaori sorriu, quase sem perceber. Não estava achando tão desagradável passar alguns momentos com Felipe. Ele parecia gentil... Embora fosse um vampiro perigoso. Mas será que não era essa aparente contradição que a fascinava? Felipe era tão diferente de Samuel! Ela pensou no olheiro, por um instante. Um mortal fraco e tolo que só lhe criava problemas. Estava começando a se cansar dele. Queria alguém mais forte, mais interessante. Seus lábios procuraram os lábios de Felipe, levados por uma vontade repentina de beijá-lo. Ele correspondeu com um beijo intenso, quase brutal.

A vampira parou, alerta. Havia visto, por um rápido instante, todo o ódio que se ocultava por trás das maneiras gentis do vampiro. E, mais do que isso, percebera que ele estava *dentro* da sua mente! Era assustador. Fazia muito tempo não encontrava alguém capaz de furar o seu bloqueio mental. Fora sempre a mais poderosa frente aos vampiros que encontrava, graças ao seu espírito, determinação e ao sangue antigo e poderoso do mestre. Por conta disso, apenas os novatos e os incautos desafiavam Kaori abertamente. Os seus inimigos tentavam sempre apanhá-la em armadilhas ou se valer de força física para dominá-la. Por séculos, a pequena *kyuketsuki* com rosto de menina vinha se mantendo distante e temida, um enigma às vezes perturbador para os outros desmorts. Mas Felipe tinha conseguido se introduzir na sua mente com tal leveza que ela não conseguira perceber de imediato. Não sabia o quanto ele se aprofundara na sua exploração, mas de uma coisa tinha certeza. O seu desejo por ele, os pensamentos jocosos sobre Samuel, tudo isso era apenas uma sugestão implantada por Felipe na sua cabeça!

– Que feio, você está tentando me controlar, Felipe?

Ela tentou se afastar do vampiro, mas ele a segurou.

– Não – ele disse. – Não estou tentando. Eu já *consegui*.

Com uma bofetada que a pegou de surpresa, ele a jogou no chão. Ela levantou-se, levando as mãos ao rosto, que ardia de dor.

– Ora, vai agora apelar para força bruta, Felipe? Que falta de classe!

Ele a olhou com desdém.

– Você está enfraquecida, Kaori. Tem muitas coisas na sua mente. O seu *vampwatcher*, a namoradinha dele, o seu amigo Takezo... Feridas profundas, antigas, não cicatrizadas. Um ódio intenso por alguém do passado, o responsável pela morte de todas as pessoas que você amou.

As palavras dele a perturbaram. Ele fora mais longe do que imaginara. Penetrara fundo, fundo demais, na sua alma.

– Você deixou que a solidão a tornasse vulnerável, minha querida. A falta de rivais à altura lhe trouxe uma sensação de segurança que a fez relaxar a guarda – Felipe prosseguia falando dela como se descrevesse algo trivial. – Penetrar na sua mente foi mais fácil do que eu pensei, Kaori. Agora eu conheço todos os seus truques, as suas mentiras, as suas fraquezas...

– Pare de blefar, Felipe – disse Kaori, levantando-se e ajeitando o seu vestido.

Na verdade, quem blefava era ela. Quem diria que aquele jovem macho conseguiria acuá-la como a uma novata? Que seja, pensou Kaori. Ninguém vive para sempre. Mas nem tudo estava perdido. Felipe não parecia tão seguro de sua vitória. Estava agitado, tenso. Também cheio de dúvidas e contradições. Coberto de feridas abertas que ela poderia remexer.

– Você é um garoto solitário, mendigando por um pouco de amor – ela disparou, mordaz. – Mas ninguém gosta de você, não é? Porque tudo em você é falso, construído, planejado para mostrar uma segurança e superioridade que não tem.

A boca do vampiro se contraiu, irritado.

– Dispensio a sua psicologia barata, Kaori. Você nada sabe sobre mim.

– Ao contrário – ela disse. – Assim como você pôde se infiltrar na minha mente, eu também pude ver como você é por dentro. A porta se abriu para os dois lados, Felipe. Você é um pobre coitado que nunca teve alguém que o amasse!

– Cale a boca – Felipe afastou o cabelo da testa, furioso. – Eu poderia ter sido bom para você. Um amante apaixonado. Mas você não quer, não é mesmo? Nem por toda a fortuna que eu possuo. Nem mesmo se eu me humilhasse e me submetesse a seus caprichos como um escravo. O que sente por mim... – a voz dele transformou-se num murmúrio. – É só desprezo. Não adianta negar, pois eu vi na sua mente.

Kaori fez uma reverência zombeteira.

– Se você diz que viu, Felipe, eu não vou negar.

– Vadia venenosa...

Felipe deu um passo na direção dela. Kaori começou a recuar.

– Felipe, não faça nenhuma tolice – disse ela, tentando manter-se fora do alcance dele.

Um riso cáustico sacudiu o vampiro.

– Não, não farei mais tolices. De agora em diante, se eu quiser alguma coisa, eu vou tomá-la sem perder tempo com detalhes. E, se eu não puder tomá-la, vou *destruí-la*!

Seus gestos lentos estavam cheios de ódio. Os cabelos bem cortados cobriam, emaranhados, a sua testa crispada.

– O papel de bonzinho não me cai bem, mesmo. Uma vez vilão, sempre vilão... – ele disse, apertando os dedos das mãos, fazendo-os estalar. – Agora vou lhe mostrar do que sou capaz!

Os olhos dele faiscavam por trás das lentes de contato azuis. A sua pele pálida, os seus traços regulares, perfeitos como os de um manequim, deixavam-no com uma aparência de androide. Foi olhando nos falsos olhos azuis de Felipe que Kaori começou a perceber as sensações que estavam se infiltrando no seu corpo. Sensações inesperadas, que a deixaram por um momento sem ação.

– O que... está fazendo? – ela murmurou, dando um passo para trás.

Ele não respondeu. Apenas continuou a olhá-la.

– Pare... – ela pediu, os joelhos amolecendo, fazendo com que caísse sobre eles. – Pare com isso!

Felipe vibrava. Era bom vê-la de joelhos. Humilhada. Vencida. Assistiu com satisfação Kaori cair devagar, as mãos nervosas apalpando o próprio corpo. Ele a observava, enfeitiçado pelo êxtase estampado no semblante da vampira. Então ela abriu os olhos e o encarou.

– Você é um doente, Felipe...

Ela não conseguiu continuar. O seu corpo se convulsionou, tenso, os seios projetados para cima, as pernas dobradas. Os olhos estavam fechados e a boca carnuda semi-aberta tremia. Ela arfava, mordendo os lábios, contorcendo-se enquanto emitia gemidos baixos.

– Isso, sinta o sexo invadindo o seu corpo... – disse Felipe. – Eu poderia torturá-la com dores inimagináveis, mas, para uma vadia como você, isto aqui é bem mais adequado.

Kaori não conseguia reagir. Não podia pensar, nem controlar-se, cativa que estava do ardor, do orgasmo que ele lhe impunha. Ela gritava e se contorcia em

desespero, sem ter como fugir àquelas sensações. Felipe aproximou-se, olhando com desprezo para o corpo da vampira no chão.

– Era assim que queria vê-la, Kaori. Gemendo, arfando, louca de prazer...

Ela conseguiu murmurar:

– Mas não é por você, Felipe. Vejo imagens de outros homens, nunca a sua!

– Vaca! – ele gritou.

Imediatamente o orgasmo transformou-se em dor. Era como se fosse empalada, erguida nos ares por uma lança que percorria o seu corpo, destruindo todos os seus órgãos internos. Kaori começou a gritar. Os gritos desesperados dela ecoaram pela sala durante um longo tempo, por todo o período em que a raiva de Felipe fluía para a mente dela, correndo solta como uma besta em fúria. Por fim, ele deixou-se cair no sofá, exausto. Olhou para Kaori, que jazia no chão, inconsciente. Qualquer outra no seu lugar já estaria morta. Tinha vontade de matá-la com as suas mãos agora mesmo, já que não conseguira eliminá-la usando a mente. Agachou-se e a ergueu no colo. Estremeceu, ao tocar nela. Os lábios carnudos da vampira tremiam, frágeis. Ele hesitou.

O sinal de chamada no computador soou, interrompendo-o.

– Sim, Gestor? – disse ele, voltando-se para o monitor na parede.

Uma risada eclodiu pelos alto-falantes. Felipe surpreendeu-se ao ver a figura de uma mulher na tela, ao invés da animação costumeira da quimera.

– Quem é você?

Era uma oriental de traços fortes, muito bonita. Usava um vestido dourado de decote profundo, que deixava entrever os seios fartos.

– Sou eu, Felipe... – disse ela, abanando-se com um grande leque negro. – O seu Gestor. Ou melhor, Gestora. Finalmente você fez por merecer a minha confiança. Estou contente, muito contente, com a sua façanha.



Samuel parou, paralisado pelo rosnado alto que vinha do fundo do túnel escuro.

– Famélicos!

– Coloque a máscara! – disse Mimi.

Antes que ele pudesse raciocinar sobre o que foi dito, Mimi já havia se colocado à sua frente, sacando o lança-chamas. Sombras escuras vinham na direção deles, uivos sinistros ecoaram pela passagem subterrânea.

– *Uh-huu*, é agora! – berrou Mimi, acionando o gatilho.

Uma língua de fogo iluminou o túnel a perder de vista. E Samuel assistiu, atônito, os animais caírem, reduzidos a tochas vivas, os ganidos desaparecendo à medida que seus corpos eram consumidos rapidamente pelas chamas. O cheiro de carne e pelos queimados era horrível. O olheiro começou a tossir. Mimi bateu nas suas costas e deu-lhe a máscara de oxigênio.

– Tá vacilando, cara. Vamos, coloque logo a máscara. E fique com a pistola preparada. Entendeu? Eu mando fogo sobre eles e você fica na espera para acabar com os que conseguirem passar por mim. E não pense. Aja!

Nesse instante, as luzes foram apagadas. Samuel tateou em volta, assustado. Acabou tocando em Mimi, que deu um pulo.

– Ui, se me apalpar de novo, eu gozo!

– Pare com isso ou vou atirar em você, seu vampiro pervertido! – gritou Samuel. – Eu não estou enxergando nada.

– Ah, é. Esqueci que vocês, humanos, não enxergam no escuro.

– Mas eles se lembraram – disse Samuel. – Querem que eu fique sem ação.

– Ho, ho... Como se você fizesse muita diferença! Tudo bem, pegue a alça da minha mochila e venha atrás de mim. E cuidado, o tanque de *napalm* está aí dentro. Se enguiçar, estaremos num mato sem cachorro, ou melhor, num túnel cheio de cachorros bravos!

– Hunf – murmurou Samuel, pegando uma lanterna na sua mochila. – Eu posso me virar sozinho, obrigado! E, afinal de contas, pra que as luzes, se vocês não precisam delas?

– Porque estas passagens não foram feitas só para vampiros, tolinho... Há os escravos mortais, os seguidores de seitas de bebedores de sangue e outras criaturas que vocês, humanos, nem sonham existir.

Mimi parou de falar e acionou o lança-chamas de novo. O clarão da labareda iluminou o túnel e Samuel viu uma dezena de vampiros espreitando, enquanto mais uma leva de famélicos arremetia. Foi contra eles que a carga do lança-chamas fora dirigida. Os vampiros atacaram em seguida, velozes. Eles corriam rente ao teto e às paredes, mas paravam, guinchando, quando a chama os atingia.

– Diabos, atira, atira! – gritou Mimi, quando um dos sanguessugas surgiu sobre ele, o corpo meio queimado, mas ainda inteiro o suficiente para causar um bom estrago.

Samuel atirou. Uma, duas vezes. Não conseguiu ver a luzinha *laser*, apenas atirou. A metade da cabeça do vampiro se estilhaçou numa chuva de miolos, cabelos e sangue ralo e esbranquiçado. O olheiro não teve tempo de examinar o que havia feito, pois um outro vampiro meio carbonizado avançava sobre eles. O olheiro atirou de novo, abrindo um buraco no peito do vampiro. O desmorto

continuou a arremeter, só parando quando a sua cabeça foi estilhaçada pelo tiro do rifle G41-K de Mimi.

– Na cabeça! – berrou Mimi, com o rifle numa mão e o lança-chamas na outra. – Atira na cabeça, *porra*!

– Ok, ok! – disse Samuel, abatendo mais um sanguessuga, desta vez mirando com o *laser* bem no meio da cara feia e crispada do bicho. Estava ficando bom nisso.

Mimi abaixou as armas.

– Pararam de atacar. Vamos, rápido!

Correram pelo túnel. O duro era correr na mesma velocidade que um vampiro, embora Mimi tivesse lhe garantido que estava avançando o mais devagar possível. Logo, Samuel ficou a alguns metros de distância do vampiro. Nesse instante, um vulto o agarrou por trás.

– Olá, *vampwatcher* – disse o vampiro, arrancando a pistola de sua mão. – Estava com saudades do velho Karl?

Mimi, lá na frente, virou-se para ver o que estava acontecendo.

– Espere aí, que logo vai ser a sua vez! – gritou Karl para ele.

– Ui, mal posso esperar, machão! – disse Mimi. Mas teve que voltar a sua atenção para um novo ataque, pois os vampiros estavam avançando, usando uma porta como escudo. Um novo jato de lança-chamas iluminou o túnel, produzindo mais gritos dolorosos.

Samuel, por seu turno, estava acuado, com o vampiro loiro apontando a pistola MK23 para ele.

– Isso só pode ser coisa do bicha do Mimi – resmungou Karl, abanando a cabeça. – Usar armas é coisa de mariquinha. Eu nunca usei uma pistola. Os meus punhos me bastam. Deixe-me ver, acho que está destravada, certo?

Um *clic* se fez ouvir e Samuel viu a luz verde do laser dançando sobre o seu peito.

– Cacete, isto aqui não atira, nã... – ia dizendo Karl, quando o segundo toque no gatilho, desta vez involuntário, disparou a arma, pegando-o de surpresa e jogando-o um passo para trás.

Samuel foi atirado de encontro à parede, recebendo de frente todo o impacto da bala. Ele caiu no chão, contorcendo-se com a dor profunda que se espalhou pelo seu peito. Mas não havia sangue... Estava vivo! Lembrou-se, grato, do colete à prova de balas que usava por baixo da jaqueta. Começou a se levantar, ainda atordoado pela dor. Viu Karl olhar furioso para ele e depois para a pistola que tinha acabado de disparar:

– Putz, o que aconteceu? Por que você não morreu, hein? *Hein?*

Um jato de *napalm* passou a poucos centímetros de Samuel, acertando o caçadeiro. O olheiro viu, atônito, Karl começar a rodar, como se dançasse uma valsa, segurando ainda a pistola na mão em chamas. Um tiro eclodiu, explodindo a dois passos dos pés de Samuel. Depois, outro acertou a parede sobre a sua cabeça. O olheiro esqueceu a dor no seu peito e correu, tentando se proteger.

– Mas que merda! – gritou Mimi, também tentando se abrigar das balas. – Você o deixou pegar a pistola?

– Eu não deixei – berrou Samuel, jogando-se no chão ao ouvir mais tiros. – Ele tomou de mim, porra!

Os disparos sem direção logo cessaram. Restou apenas Karl, o rosto em brasa crispado numa risada insana, ainda a girar, no chão. Era um espetáculo horrendo. O corpo do vampiro lutava para se reconstituir sob as chamas persistentes do **napalm**. O fogo se espalhava ao mesmo tempo em que a carne tentava recobrir as áreas queimadas. Tudo isso ao som dos gritos e urros lancinantes. Por fim, as chamas venceram a batalha. Os restos carbonizados de Karl ficaram ali, num canto, como se fosse um monte de lixo qualquer, as últimas fagulhas de fogo extinguindo-se e deixando Samuel na escuridão.

Uma mão gelada segurou o olheiro pelo braço e o ajudou a se erguer.

– Mimi? – exclamou Samuel, fazendo uma careta de dor.

– Sou eu, amor – o vampiro respondeu, entregando a ele a lanterna, que havia caído durante a luta. – Viu só, o colete te salvou!

Samuel recostou-se na parede, quase sem fôlego.

– Estou todo arreventado, parece que fui atropelado! Acho que quebrei umas costelas.

O vampiro riu.

– Cara, dê graças por ter ficado só nisso. Se Karl não fosse tão burro teria atirado na sua cabeça. E aí não ia ter colete no mundo capaz de te salvar. Que foi? Está com peninha do vampirão ariano?

– Claro que não – disse o olheiro, examinando os restos de Karl. – Só fiquei meio impressionado com o sujeito queimando vivo.

– Morto-vivo – corrigiu Mimi. – Eu estou com dó é da minha pistola MK23! Olha só, toda queimada. Sabia que não era uma boa deixar uma arma bacana dessas com você. Vou mandar a conta pro IBEFF!

Nesse instante, um som de passos miúdos no túnel fez os dois pararem, atentos. Samuel dirigiu o fecho da sua lanterna para a escuridão atrás deles. Dois olhos vermelhos brilharam ao longe.

– Ei, o que é aquilo? – perguntou Mimi, desconfiado. – Esteve atrás da gente todo esse tempo?

Samuel fitou os olhos que o observavam, atentos. Depois, virou-se para continuar em frente. O vampiro o seguiu, intrigado.

– Vamos deixar aquilo nos seguir?

– Relaxa – disse Samuel – é só uma menina.



Takezo estava encantado com a forte impressão que a sua entrada em cena causara em Yuki e Fuyu. Ele mesmo havia se surpreendido ao constatar que os assassinos enviados pela Khimaira eram a velha dupla de vampiras sádicas que conhecia tão bem. O ressurgimento delas o inquietava, pois eram ligadas a alguém, cuja lembrança, depois de tanto tempo, ainda o arrepiava. Alguém que reinara, soberana, na montanha dos *tengus* e que havia escapado no último instante da batalha que destruíra o Kinjurô...

De lá para cá muitas coisas haviam acontecido. Havia adotado o nome de Takezo, o nome de juventude do grande samurai Miyamoto Musashi, para marcar o início de sua nova vida de vampiro. Andara pelo mundo, aprendendo e ouvindo, até aportar nesta terra aprazível e, aqui, fincar as raízes de uma nova existência. Por isso, era estranho ouvir o seu antigo nome de novo, surgindo na boca de velhas inimigas. Quase podia sentir um pouco de afeto por elas. Imerso em lembranças, o homem que um dia fora Kodo apenas se defendia, girando o corpo e usando contra as atacantes os seus próprios movimentos. Fazia um bom tempo que não praticava golpes de *ju-jutsu* com adversários de verdade. Na última vez, elas o haviam vencido. Mas naquela época ele era só um humano.

Sidnei não estava entendendo muito bem o que acontecia, pois, além da dificuldade de enxergar sem os seus óculos, de lutas marciais ele só conhecia os filmes de Jackie Chan. Sabia apenas que Takezo estava dando uma surra nas japonesas sem quase se mexer do lugar. Elas arremetiam com facas, espadas e mais o diabo a quatro sobre o japonês e ele se livrava delas, jogando-as no chão ou fazendo com que voassem em piruetas acrobáticas. Parecia mais um espetáculo de exibição, não uma luta de vida ou morte. O executivo só se convenceu de que a coisa era séria quando uma das japonesas foi buscar uma arma de respeito.

– Senhoras – disse Takezo, recuando – vejo que aderiram a práticas mais modernas.

Era Yuki, que trazia uma metralhadora nas mãos e um riso sardônico nos lábios. Fuyu logo se colocou atrás dela, mal se contendo de satisfação frente à perspectiva de dar o troco da surra que estava tomando. Os terninhos das duas vampiras, antes impecáveis, encontravam-se amarfanhados e rasgados. Elas

mostravam alguns hematomas nos rostos bonitos, graças aos socos e quedas durante a disputa.

– Agora vou te transformar em geleia, samurai maldito! – sibilou Yuki. – Eu não ia usar isto porque pensei que íamos capturar um humano fracote, mas com você por perto a coisa muda de figura.

Fuyu saltitava atrás dela, gritando:

– Não vai ter como escapar, samurai! Esta arma é uma FN Minimi que cospe uma rajada de 200 balas... Pode começar a rezar!

Takezo suspirou fundo.

– Senhoras – disse, abanando a cabeça – *não* façam isso.

– Vou fazer isso, *sim* – gritou Yuki, empunhando a metralhadora, cheia de si. – Quer fazer um último pedido?

– Que tal reprisarmos aquele nosso encontro nos subterrâneos da montanha dos *tengus*? – provocou Fuyu, dando uma risada maliciosa.

– Não, obrigado – respondeu o samurai. – A minha vara se tornou bem mais exigente com a idade. Não tenho atração por velhas vampiras sádicas.

– Velhas!? – vociferou Yuki, preparando-se para atirar. – Você vai pagar caro pela injúria!

– Você já nos ofendeu demais! – guinchou Fuyu.

– Bem, eu avisei – disse Takezo.

Sidnei preparou-se para correr. Se Takezo fosse pulverizado pela metralhadora, como parecia que ia ser, ele, Sidnei, estaria de volta à situação desesperadora de antes. Ou melhor, estaria em pior condição, pois a dupla de vampiras nipônicas parecia bem mais enraivecida.

Nesse momento, um estampido soou. A cabeça de Yuki explodiu, como se fosse feita de casca de ovo. Fuyu olhou, estupefata, para o corpo da companheira, agora sem a cabeça. Depois, voltou-se, raivosa, para Takezo.

– Eu vou matá-lo, samurai!

Outro estampido e Fuyu também desabou, privada de sua cabeça.

– Eca! – Sidnei fez uma careta, horrorizado.

– Não se preocupe, senhor Sidnei – disse Takezo. – Elas não perderam grande coisa.

Um homem correu para perto deles, carregando um rifle.

– O senhor está bem, patrão?

O japonês riu, batendo nas costas do mordomo Jorge.

– E por que não estaria? Parabéns, os seus disparos foram perfeitos, como sempre.

O serviçal respondeu, sem jeito.

– Ora, não foi nada, senhor. O meu velho M21 Sniper e eu temos um grande prazer em servi-lo.

– Senhor Takezo – disse Sidnei, levantando-se e limpando a poeira do seu terno amarrotado. – O que faz aqui?

– Quando soube do sequestro da sua bióloga, deduzi que cedo ou tarde mandariam alguém para atacar o escritório do IBEFF. Permita-me dizer que o seu sistema de segurança é uma piada, senhor Sidnei. Eu me espanto por terem sobrevivido até agora.

O executivo fuzilou o vampiro com o olhar.

– Podia ter me avisado que estaria por perto, isso teria evitado muito **stress** da minha parte. Depois do acordo que o senhor e o nosso presidente negociaram naquele telefonema, pensei que trabalharíamos em estreita colaboração.

Takezo disse entre os dentes,

– Ah, mas estamos trabalhando, senhor Sidnei. Acabei de salvar a sua vida. E Mimi, um dos meus colaboradores de confiança, está indo resgatar a sua bióloga junto com o *vampwatcher*. Isso parece bastante cooperativo para mim. E para o senhor?

O homem do IBEFF, recuperando o seu cinismo costumeiro, sorriu, mostrando também os dentes alvos.

– Claro que sim, senhor Takezo – respondeu num tom polido. – Seria ingenuidade da minha parte imaginar que um vampiro nos permitiria conhecer de antemão todos os seus passos, não é?

O japonês continuou a encará-lo, impassível.

– Pode ser, senhor Sidnei. Ou pode ser também que os senhores ainda não tenham feito por merecer a minha confiança absoluta. Boa noite.

E, com uma leve reverência, deixou o estacionamento, seguido pelo seu mordomo.



Kaori abriu os olhos com esforço. Sentiu seu corpo balançar no ar. Felipe a alçava pelos pulsos em correntes que pendiam do teto, no centro do salão. Uma voz familiar a fez sobressaltar-se.

– Então, fedelha, os séculos passam e voltamos sempre à mesma cena. Você, em minhas mãos, submetida, escrava...

Kaori não podia acreditar. No monitor LCD na parede, um rosto odioso a fitava com uma expressão inconfundível de prazer sádico.

– Então você está por trás de tudo isso, Missora?

A *okami-san* sibilou, satisfeita.

– Esses novos tempos são uma maravilha. Como Khimaira, posso me expandir pelo mundo inteiro, através da rede. Os meus negócios estão crescendo, fedelha. E o meu poder também!

Kaori olhou ao redor e viu Felipe ir sentar-se no sofá a alguma distância, jogando as chaves das correntes na mesinha de canto, com um ar taciturno. Ao seu lado, a humana Beatriz, alheia a tudo, continuava estática como se fosse uma estátua de cera. A vampira sentia todos os ossos do corpo doloridos, e sua cabeça latejava. O seu cérebro estava exausto após o ataque avassalador de Felipe. A situação não era nada boa. Precisava ganhar tempo até achar um meio de escapar. Forçou-se a falar para manter Missora ocupada.

– Por que você está tentando destruir o IBEFF?

Felipe ergueu os olhos, interessado. Missora inclinou-se na direção da tela, os olhos brilhando.

– Acho que não faz mal contar a você, pois logo estará morta.

A *okami-san* deu uma gargalhada, lembrando os velhos tempos de rainha dos *tengus*.

– Entenda uma coisa, filhota. Eu destruirei qualquer coisa, pessoa ou empresa que tentar estabelecer algum tipo de ordem no mundo caótico dos vampiros – ela disse isso mostrando os dentes afiados. – A Khimaira quer os vampiros no caos, matando gente e vivendo como marginais sem controle. Não os queremos classificados, numerados e catalogados, analisados por biólogos e estudados por sociólogos. Não queremos que os vampiros virem verbete de enciclopédia científica! Vampiros domesticados vivendo em paz com os humanos significam a ordem, a lei, a moral... E isso não vou admitir!

Kaori murmurou entre os dentes.

– Você não mudou nada, Missora. A mesma corva traiçoeira de sempre.

Da tela, a *okami-san* respondeu com sarcasmo.

– Ora, obrigada... Você também continua a mesma pirralha atrevida e tola – depois, mudando de tom, acrescentou – Você é um equívoco do meu passado que agora vou corrigir. Felipe!

O vampiro levantou-se.

– Sim, Gestora?

– Esta vampira me é especialmente odiosa. Quero vê-la morrer da pior forma que puder imaginar, entendeu?

– Sim, Gestora.

– Muito bem, comece. Deleite-me com a sua crueldade.

O vampiro voltou-se para Kaori. Ela estremeceu. Não tinha medo de Missora, era uma víbora a cujo veneno já se acostumara. Mas Felipe era algo novo, uma arma potente capaz de fazer tudo o que *okami-san* pedira e ainda mais. Não se comparava aos *tengus* estúpidos que Missora controlara cento e cinquenta anos atrás. Já podia senti-lo dentro de sua mente, tateando, posicionando-se. Avançando rápido, quebrando as suas barreiras, penetrando com a força brutal de um estuprador...

De repente, a porta foi aberta e várias vampiras precipitaram-se para dentro. Eram as *vampgirls* de Felipe, que tinham invadido a sala, esbaforidas, e vieram esconder-se atrás dele.

– O que está havendo? – berrou Felipe, furioso pela interrupção. – Já disse que não as quero aqui!

– Mas Felipe... – gaguejou Tanya, a ruiva. – Eles estão atrás de nós!

Uma chama intensa irrompeu pela porta.

– *Uh-huuuu!* – gritou Mimi, atravessando a porta com o seu lança-chamas em riste. – Cadê vocês, *badgirls*? Venham se esquentar com o tiozinho! Ops, o chefe está aqui!

– Mimi, seu traidor! – berrou Felipe.

Samuel entrou em seguida, retirando a máscara de oxigênio para enxergar melhor. Surpreendeu-se ao ver Kaori algemada no centro da sala. Viu também Beatriz sentada no sofá. Ambas pareciam bem. Graças a Deus! Mas o bandido Felipe, o responsável por tudo, havia se colocado atrás de Kaori, usando-a como escudo.

– Sem problemas – exclamou Mimi. – Vamos ver se ele sabe dançar...

Ele disparou o lança-chamas, varrendo o assoalho e forrando-o com uma película de *napalm*, que começou a consumir tudo o que havia no chão. Samuel adiantou-se, gritando:

– Pare, Mimi! Vai matar Kaori também!

Não, não ia. Kaori sentiu o calor sob seus pés. Mas estava salva, por ironia, por se encontrar suspensa no ar. Felipe havia saltado para longe, com um urro enfurecido. Uma das *vampgirls*, a morena de cabelos curtos, estava com os pés em chamas, gritando em desespero. Ela sumiu pela porta, deixando um rastro de odor de carne queimada atrás de si. As demais tinham conseguido escapar, saltando cada uma para um lado.

– Pegue a humana, *porra!* – gritou Mimi para Samuel, enquanto acuava Felipe num canto. – Ela não consegue se mexer, não vê?

Felipe que, por um momento, estivera ocupado em se desviar do fogo de Mimi, disse, fuzilando os invasores com os olhos.

– Muito esperto, Mimi...

– Atire nele agora! – gritou Samuel, agarrando Beatriz pelo braço e puxando-a para longe do fogo. – Acabe com o filho da mãe...

– Ele não pode – disse Felipe. – A brincadeira de Mimi acabou.

Enquanto ele falava, Mimi o olhava, imóvel. Samuel viu um filete de sangue escorrer pela orelha do companheiro.

– Não! – gritou o olheiro, horrorizado. – O que fez com ele?

O sangue esbranquiçado e ralo de vampiro explodiu pela boca, orelhas, olhos de Mimi. Ele tombou, caindo sobre o lança-chamas, o rosto maquiado coberto de sangue que continuava a fluir.

– Que interessante... – disse Felipe com satisfação – Eu não sabia que podia explodir o cérebro de alguém assim.

Voltou-se, então, para as vampiras que o olhavam, amedrontadas.

– E então, *girls*, vão ficar até quando paradas aí, como velhas flácidas? A minha paciência está curta, hoje. Peguem o humano!

As *vampgirls* saíram dos seus esconderijos entre os móveis chamuscados e começaram a avançar. Mas Samuel havia se apoderado do rifle G41-K de Mimi. Nunca havia atirado com ele, mas havia observado como o vampiro fizera. Mesmo de forma desajeitada, conseguiu disparar uma rajada de tiros, arremessando a vampira loira de encontro à parede, sem a metade superior do corpo. Mais tiros pegaram uma ruiva enorme que corria para ele, arrancando uma parte do ombro junto com a cabeça. A vampira negra de cintura fina fugiu, assustada, antes que atirasse nela. Felipe observava a luta, enfurecido, usando Kaori como escudo mais uma vez.

– Como diz todo vilão americano, se quiser algo bem feito, faça você mesmo – disse o vampiro no ouvido de Kaori. – Acho que vou ter que acabar com o seu amante pessoalmente.

– Você não ganha nada com isso, Felipe – ela sussurrou de volta. – Se deixá-lo viver, eu fico com você, do jeito que você queria, tratando-o como um amante, não como um inimigo.

Samuel avançava com o rifle apontado para Felipe. Ia pegar o sanguessuga assassino, não podia mais voltar atrás. Precisava matar o filho da puta. Mimi estava morto. Kaori estava lá, algemada, e Beatriz parecia um zumbi sem expressão. Vê-los assim o enchia de fúria. Não sabia por que o vampiro ainda não o fulminara com a sua mente assassina, mas ia continuar avançando até desentocá-lo de trás de Kaori. E matá-lo. Ou morrer tentando.

Felipe abanou a cabeça, desapontado, ao responder para Kaori, sempre de olho nos movimentos de Samuel.

– Tarde demais, querida. Há poucos instantes, era a coisa que eu mais queria ouvir de você – os olhos dele pousaram no rosto de Missora na tela. – Mas, agora,

nós dois estaremos mortos se eu trair a Gestora.

De repente, Samuel sentiu que a hora havia chegado. As mãos se moveram sozinhas, apesar do esforço que fazia para mantê-las no lugar. O cano do rifle voltou-se devagar para o seu queixo. O sanguessuga dos infernos estava querendo matá-lo com o próprio rifle que estava usando.

– Além disso – disse Felipe, com ar sinistro – tenho um prazer especial em matar esse humano que você gosta tanto.

Samuel sentiu os dedos se moverem para apertar o gatilho. Era o fim. A sua cabeça ia explodir e tudo ia se acabar. O disparo soou. Mas a rajada atingiu a parede, fazendo desabar uma parte dela. Samuel abriu os olhos, perplexo. Estava vivo, ainda, e Beatriz estava ao seu lado, lívida. Ela havia empurrado a arma no último instante, fazendo com que errasse o tiro que iria matá-lo.

– Samuel... – ela murmurou, baixinho. – O que está fazendo?

Felipe disse, atônito.

– Mas como...? Ela estava completamente sob meu controle – de súbito, olhou para Kaori, raivoso. – Foi você! Você a livrou do choque para salvar o seu humano!

Felipe havia se deslocado alguns centímetros, sem perceber. Estava exposto pela primeira vez. No mesmo instante, Samuel apontou o rifle para a cabeça dele e atirou. Um *clic* partiu da arma, mas nenhum tiro foi disparado.

– O que aconteceu? – gritou Beatriz.

Samuel abaixou o rifle.

– Acabaram as balas. Estamos ferrados.

Um riso sarcástico soou pelos alto-falantes.

– Ora... que patético! – a voz de Missora ecoou na sala. – Felipe, estou começando a achar que você não é tão competente quanto eu pensava. O que está esperando? Mate logo o humano e acabe com esta comédia!

– Agora não vai ter erro – falou Felipe. – Vou te explodir agora, maldito!

O olheiro sentiu desta vez o seu cérebro latejar, como se mãos invisíveis o estivessem agarrando e arrancando do seu crânio. Enlouquecido de dor, caiu de joelhos, apertando as têmporas em desespero. Começou a berrar, desesperado.

– O que você tem, Samuel? – gritou Beatriz, tentando segurá-lo.

Kaori olhou em volta, procurando algo que pudesse salvar Samuel. Mas os seus trunfos pareciam esgotados. Então viu uma menina espiando pela porta.

– *Nekomata*! – gritou a vampira. – Ajude Samuel!

– Cuidado, Felipe! Atrás de você! – berrou Missora.

O vampiro voltou-se. Nesse instante, as luzes da sala piscaram. Depois se apagaram. Seguiu-se um instante de escuridão. Apenas o computador e o monitor

com o rosto de Missora permaneceram ligados, iluminando o ambiente. Uma sombra cruzou a sala e foi parar onde jazia o cadáver de Mimi.

– O que está acontecendo aí? – indagou Missora, agitada. – Felipe!

Samuel voltou a si. A dor de cabeça havia sumido. Restara apenas uma sensação dolorosa, como um galo depois de uma pancada. As luzes voltaram nesse instante. Viu a figura lívida de Felipe, os olhos arregalados de pavor. O olheiro virou-se para ver o que havia assustado o vampiro daquela forma e ele também parou, estarecido. Um homem avançava para eles. Os olhos estavam abertos, ressecados com sangue coagulado. A boca se abria num sorriso horrendo.

– Mimi! – murmurou Felipe, levantando-se, afobado, para fugir. – Você não está morto, desgraçado?

– Sim, estou – disse o corpo de Mimi, passando por Samuel e Beatriz, avançando em direção a Felipe. – Mas este não sou eu.

Uma voz gritou, nervosa:

– *Nekomata!*

Era Missora. O rosto dela, na tela, mostrava medo pela primeira vez.

– Não se aproxime de mim, monstro! – gritou Felipe, recuando.

O vampiro havia se apercebido de que era ele quem o *nekomata* queria. Os demais, o corpo morto de Mimi nem olhava. Os olhos cheios de sangue estavam voltados para Felipe. Apenas para ele.

– Não seja covarde! – berrou Missora. – Enfrente-o com o seu poder. Os *nekomatas* são assombrações criadas por energias acumuladas. Ele depende da força vital dos humanos para viver. Você pode acabar com ele!

– Não faça isso, Felipe – disse Kaori. – O *nekomata* vai te matar...

Mimi, na sua forma cadavérica, avançava com passos trôpegos, as pernas balançando como se estivessem penduradas por fios invisíveis. Um sorriso demente pairava nos seus lábios mortos.

– Pare! – disse Felipe, dando um passo à frente. – Eu ordeno que pare!

O vampiro controlou seu medo e concentrou-se em combater o monstro. A sua mente vagou por um instante em meio à escuridão da morte, penetrando nas profundezas da criatura. O cadáver ensanguentado estacou. Imobilizado, parecia de novo matéria inanimada, presa às leis da gravidade, que só se mantinha em pé devido a um equilíbrio precário. Felipe suspirou, aliviado. No entanto, o monstro tornou a se mover. Uma névoa escura começou a se condensar ao redor da criatura.

– Vamos, vamos! – guinchou a voz de Missora pelo alto-falante. – Acabe com o *bakemono*, Felipe, estou mandando!

– Pare, Felipe! – gritou Kaori. – Missora só quer que você destrua o *nekomata* porque ela está sob a maldição dele.

O vampiro olhou-a por um instante. Depois, murmurou:

– E você não quer que eu o mate porque ele é a sua única salvação. Mas eu posso acabar com esse monstro. Vou lhe mostrar...

Felipe mergulhou dentro da névoa, segurando a cabeça com ambas as mãos. O cadáver de Mimi estremeceu. A bruma os envolveu, enquanto uma terrível sensação de angústia caía sobre todos os que os observavam. As luzes das lâmpadas começaram a sumir aos poucos, como se toda a claridade do mundo estivesse sendo sugada pelo negror assustador daquele nevoeiro. Um cheiro acre de matéria podre espalhou-se pela sala.

Um grito lancinante partiu de dentro da bruma. Era um grito sobrenatural profundo, um lamento horroroso que os três, vampira e humanos, jamais esqueceriam. Um silêncio perturbador se seguiu. E, pouco a pouco, assim como se apagaram, as lâmpadas da sala tornaram a se acender.

– Samuel – disse Kaori.

– Sim – ele respondeu, ainda zozado.

– Pegue as chaves sobre a mesinha e me solte.

Ele trouxe o molho de chaves para perto de Kaori e experimentou-as, até encontrar uma que abrisse as algemas que prendiam a vampira.

– Você está bem? – disse ele.

Ela assentiu. Mas seus olhos estavam voltados para o local onde Felipe e Mimi tinham sumido em meio à névoa sinistra.

– Vamos ver o que aconteceu com eles... – disse o olheiro.

O chão estava coberto por uma matéria pegajosa. O miasma que se desprendia dela tinha um cheiro forte de carniça. Não havia sinal do corpo de Mimi, o que os levou a supor que aquilo era o que sobrara do cadáver. No centro da área onde essa massa repugnante se espalhava, encontrava-se Felipe, sentado, o rosto escondido entre os braços, pousados sobre os joelhos dobrados.

– O que aconteceu com ele? – disse Beatriz, apoiando-se em Samuel.

– Não sei... – respondeu o olheiro.

Kaori ajoelhou-se ao lado de Felipe e acariciou os seus cabelos desganhados. Ela podia sentir. Ele estava longe, muito longe, dali.

– Venha, Felipe... – sussurrou com suavidade no seu ouvido.

Ele ergueu o rosto pálido. Olhou para ela, e depois para os demais, sem dizer nada. Kaori o puxou pelo braço, fazendo com que se levantasse. Depois levou-o até o sofá e o sentou. Felipe obedecia a tudo, parecendo, mais do que nunca, um androide.

– Que alguém me informe sobre o que aconteceu! – berrava Missora no monitor. – O *nekomata* foi destruído?

– Não sei – respondeu Kaori. – Mas Felipe agora está fora do seu alcance, víbora.

A mulher mordeu os lábios, irritada. Depois, disse:

– Pouco me importa. Se ele conseguiu mandar o *bakemono* para o inferno, terá valido a pena.

Kaori voltou-se para ela, cheia de ódio.

– Pode dar adeus ao seu império no Brasil, *okami-san*. Sem Felipe, você não é nada, aqui.

Missora crispou o rosto, furiosa.

– É verdade – admitiu. – Mas há muitos outros vampiros ambiciosos que poderão substituí-lo daqui a algum tempo. Vocês não se livrarão tão fácil de mim!

– Isso é o que você pensa – interrompeu Samuel. – Deve haver provas neste computador que nos levem até você.

A mulher gargalhou.

– Seu tolo! Esse computador não tem nem HD. Todos os dados estão bem guardados em centenas de outros lugares da rede. E tem mais... No momento em que eu o desligar daqui, a conexão se perde e vocês nunca mais me acharão. – A *okami-san* inclinou-se em direção à câmera. – Bem, vou ter que dar adeus, crianças. Mas antes, Kaori, quero lhe deixar uma lembrancinha...

Kaori afinou os olhos, desconfiada.

– O que você quer, corva?

– Apenas desfazer um pequeno engano.

– Do que você está falando?

– Diga-me, já se conformou com a perda do seu querido mestre?

Kaori riu.

– Ainda batendo na mesma tecla, *okami-san*? Eu já virei essa página há muito tempo.

Missora olhou-a, enigmática.

– É mesmo? Pois não é bom deixar para trás questões mal resolvidas, fedelha. Como o amor que você tinha pelo seu mestre. E ao qual ele não correspondeu, já que a abandonou sem explicações.

Kaori a encarou, furiosa.

– Ele nada pôde fazer, pois foi assassinado por você, víbora!

Missora recomeçou a rir.

– Oh, como é divertido! Pois é esta a surpresa que preparei para você, fedelha, há um século e meio. *Eu não o matei*.

– O quê?

A mulher na tela dobrava-se de tanto rir.

– Isso mesmo! Eu menti. Eu não o matei. Eu disse isso, depois de torturá-la e mantê-la num estado de extrema exaustão, para que acreditasse em mim. Assim, quebrei o seu equilíbrio, deixando-a desamparada e sem saída, a não ser se

submeter a mim. Mas agora... Eu lhe deixo de presente a verdade, pirralha, pois eu sei que esta informação vai feri-la mais uma vez. O seu mestre a abandonou por vontade própria. Ele nunca a amou!

– É mentira! – gritou Kaori. – Está mentindo de novo, Missora. Ah, como eu queria estar aí para arrancar a sua língua mais uma vez!

A voz de Missora soou, cada vez mais satisfeita.

– Sim, pode ser uma mentira, mas como você vai ter certeza? Que tal esta dúvida para atormentá-la por mais alguns séculos, fedelha? Bem, agora está mesmo na hora de me despedir. Mande lembranças a Kodo, e diga que não me esquecerei do que ele fez com as minhas vampiras hoje...

A imagem de Missora sumiu do monitor. Imediatamente, o computador começou a se desligar. Logo não havia na sala o mais leve indício de que a *okami-san* houvesse estado ali. Mas restara no espírito de Kaori um peso enorme, doloroso, que não deixava dúvidas quanto ao toque odioso da antiga inimiga na sua vida, mais uma vez.



EPÍLOGO
Mais Uma Noite

KAORI ESTAVA PARADA NA ENTRADA DO “SHOPPING DOS ANTIQUÁRIOS”, EM COPACABANA. Era uma galeria dupla entre as ruas Siqueira Campos e a Figueiredo de Magalhães, um prédio com cara de anos sessenta com uma rampa em espiral no meio, fotos antigas da praia de Copacabana numa das paredes e frequentado por uma fauna humana diversificada, uma síntese do mundo lá fora. Conviviam ali uma igreja católica e um templo evangélico, uma casa de massagens, várias lojas de suco, de ferragens e materiais de construção, um supermercado, um sebo e, claro, a maior concentração de antiquários do Rio de Janeiro.

– Combina com você – disse o rapaz a seu lado. – Essa mistura caótica...

Ela olhou, surpresa, para ele.

– Mimi?

Ele alongou a coluna num gesto lânguido. Seus olhos estavam delineados por uma suave sombra cinza e um traço sutil de lápis. Usava brincos discretos de pequenos brilhantes em cada orelha.

– Não sou Mimi. Sou Mishi, a gata. Cansei de ser uma menininha...

A vampira olhou para ele com um sorriso triste.

– Pensei que tinha ido embora também, como todos os outros.

– Não posso – disse ele, colocando as mãos nos bolsos, começando a andar em direção ao elevador. – Ainda não. Mas não conte comigo para amainar a sua dor. Você sabe o que eu sou.

Acima da galeria havia seis blocos de apartamentos. Ela passou pelo porteiro com um aceno. O velho gritou uma saudação calorosa. O *nekomata* veio com ela, os passos felinos acompanhados de um gingado suave, herança do vampiro de quem tomara a aparência. Duas garotas que saíam do elevador observaram Mimi com interesse.

– Miau... – ele miou para elas, provocando gritinhos assustados.

A porta do elevador se fechou, deixando-as lá fora.

– Não abuse – Kaori riu, apertando o botão do décimo primeiro andar.

– Só testando o charme da minha nova aparência – disse ele.

Ela abriu a porta do pequeno apartamento de dois quartos. Fazia alguns meses que não pisava ali. Mimi farejou o ar, fazendo uma careta.

– Tem cheiro de mofo aqui.

– Vá se acostumando, querido – ela disse, tirando o vestido e colocando um *yucata* florido. – Fico muito tempo fora e não tem ninguém para arejar a casa. Se quiser, abra a janela.

Na sala minúscula, um sofá de dois lugares, coberto por tapeçarias coloridas, estava meio soterrado por roupas femininas jogadas ao léu. Um aparelho de som antigo ainda trazia um disco de vinil no toca-discos. Num canto, uma escrivaninha de madeira servia de apoio para o computador, a impressora e as máquinas, biqueiras e tintas para tatuagem. As paredes estavam cobertas com fotos de flores, animais, pessoas, símbolos, tudo isso tatuado em corpos bronzeados e saudáveis.

Mimi olhou as fotos, uma a uma.

– Não vejo nenhuma tatuagem de dragão, aqui...

– Eu não tatuo dragões.

– Você tatuou o olheiro de vampiros.

A vampira afastou as roupas sobre o sofá e sentou-se.

– De vez em quando abro exceções. Estava apenas tentando esquecer... Você sabe.

Mimi sentou-se no chão. Pegou os pés dela, minúsculos, e começou a massageá-los.

– Não minta, kyuketsuki. Você não está querendo esquecer.

Kaori olhou, triste, para a velha caixa de pintura abandonada num canto da sala. Às vezes podia jurar que sentia o cheiro dele impregnado na madeira antiga. Lembrou-se da alegria com que o seu *ijin* olhou o mundo, pela primeira vez, com os lindos olhos verdes, quando se tornou um vampiro...

– Cale a boca, Mimi.

Os anos seguintes à transformação de Calixto foram felizes. Eles viveram juntos, inseparáveis. Pela primeira vez na sua longa vida, Kaori percebeu como era bom não se sentir só. O seu *ijin* a amava, cuidava dela, alimentava-a com a sua alegria e vivacidade. A única coisa que ele não fazia era matar. Mas ela matava. Por ele, por ela, sem remorso, sem medo.

– Você ainda não se conformou, não é? – disse Mimi, acariciando os pés dela como se fossem duas aves aninhadas nas suas mãos. – Foi por causa dele que veio para o Brasil. Por ele, esforçou-se tanto para aprender a tatuar. Escolheu este apartamento para morar próximo de onde ele viveu. Você ainda o procura, mesmo sabendo que ele se foi para sempre.

Depois de algum tempo, Calixto recomeçara a pintar. Ele produzia quadros assustadores, cheios de seres bizarros que só ele, e os seus olhos verdes, podiam enxergar. Pouco a pouco, o seu temperamento alegre foi mudando. Era algo com os olhos, aqueles olhos que haviam morrido um dia. Mas que reviveram com o sangue vampírico.

– Como você sabe que ele se foi, Mimi? Há tantas coisas inexplicáveis no mundo! Seres como eu e você, que caminham no limiar da vida. Seres sem corpos. Seres sem consciência. Tantos, tantos... Como sabe que ele não está ainda por aqui, perto de mim?

Mimi beijou os pés dela, um de cada vez.

– Porque eu não sou Mimi. Sou Mishi, a gata. E eu posso *ver*.

Os pés da vampira afastaram-se das mãos de Mimi. Ela levantou-se. Sim, no fundo, sabia que Calixto havia ido embora. Primeiro a mente dele a deixara, a sanidade desaparecendo aos poucos, destruída pelas visões que ele não conseguia evitar. Tornara-se um louco, uma criatura bizarra que vivia nas sombras, apavorado, demente. Mas, naquela manhã longínqua de verão, ele parecia recuperado. Ele se erguera devagar e a beijara. Depois, conversara com ela por um longo tempo, sem gritar incoerências, sem se mostrar agressivo. Quando os primeiros raios de sol começaram a se infiltrar entre as frestas da velha cabana onde viviam, ele se ergueu. Um sorriso triste serviu-lhe de despedida. Quando ele abriu o *shoji*, saindo ao encontro do sol, ela gritara. Mas não fizera nada para detê-lo, desta vez. Não tinha esse direito. Nunca tivera.

– Sabe, Mimi – ela sentiu uma dor antiga, imensa, aflorar no seu peito. – Ele saiu pela porta e fechou o *shoji* atrás de si. Eu não o vi morrer, ele simplesmente

saiu da minha vida num instante, num piscar de olhos, como se eu despertasse de um sonho. Não sobrou nada dele.

– Nunca sobra – disse o *nekomata*, às suas costas. – Você já devia saber disso, vampira.

Ela abanou a cabeça, inconformada. As pessoas que amava indo embora. Levadas pela morte. Ou por algum sentimento obscuro que as afastava dela. A única coisa que retornava sempre era a solidão. E o passar do tempo.

Sentiu um corpo negro enrodilhar-se nas suas pernas. A vampira virou-se e pegou a grande gata nos braços. Doía. Viver tanto tempo doía demais. Seria mais fácil desistir de tudo e procurar a morte, como solução para tudo. Mas não fazia parte de sua natureza agir assim. Havia dentro dela uma energia, uma força que não poderia ser contida, por mais que tentasse.

O celular dentro de sua bolsa tocou.

– E *aeh*? – disse uma voz masculina no outro lado da linha. – É a oriental mais gostosa de Copacabana?

– Quem é?

Uma risada soou.

– Já se esqueceu do Cacá, aqui do *Suco na Veia*?

Ela disse, mudando de tom.

– Cacá? Do Posto Cinco? Como soube que eu cheguei?

– Pedi pro seu Fardão da portaria me avisar. Escute, gata, tem um cara, aqui, no quiosque, que quer fazer uma tatuagem, ouviu? Eu vou mandar o cara aí – a voz prosseguiu num tom sacana. – Ele é daquele jeito que você gosta, magro, caladão, olhos claros...

A vampira olhou para a gata no seu colo. Os olhos ardentes da felina brilhavam. Sim, já estava na hora de deixar os mortos descansarem.

– Tudo bem – ela disse, simulando um ar de tédio. – Mas avisa a ele que eu cobro caro. E nunca tatuo dragões.

Mais um ciclo de sua vida havia se fechado. E ela ia em frente, mais uma vez.



Sidnei ajustou o seu novo par de óculos e examinou o vampiro adormecido. Então este era Felipe, o responsável pelo assassinato dos seus *vampwatchers*. Não... pensou. A organização criminosa que se auto-denominava Khimaira era a verdadeira responsável, o rapaz fora apenas o instrumento do crime. Ouvira as

enfermeiras no corredor, comentando sobre a boa aparência dele. Bem, se queriam vê-lo acordado, teriam que esperar um bocado. Felipe ia continuar dopado durante um bom tempo, pois não podiam se arriscar a tratá-lo como os outros internos do centro de pesquisas do IBEFF. O executivo bateu na janela de vidro para chamar a atenção do segurança, que abriu com um cartão magnético a porta blindada e o deixou sair.

Pensativo, ele pegou o elevador e subiu até o décimo-terceiro andar. Usou o seu próprio cartão de identificação e abriu a porta do novo escritório do IBEFF. Olhou pela janela o *skyline* dos Jardins. O conjunto, num prédio na avenida Paulista, tinha uma vista e tanto. Não que ele se importasse com paisagens. O Instituto já tinha ali uma unidade de pesquisa e ele só ocupara uma das salas vagas. Um sinal de chamada irrompeu no seu micro. Era o presidente do Instituto.

– Como está o novo interno? – indagou ele.

– Na mesma, senhor – respondeu Sidnei. – É um vampiro normal, igual a todos os outros, fisicamente. Não sabemos por que ele não responde aos nossos estímulos. Parece que está num outro mundo, alheio a tudo.

– Cuidado – disse o presidente. – Pode ser um truque.

– Não tem perigo. Ele está sendo mantido desacordado todo o tempo, exceto quando é submetido a testes. Sinto até pena dele, às vezes.

A voz do outro lado silenciou. Depois, tornou a soar.

– Sidnei?

– Sim, presidente?

– Você não era aquele filho da puta sem coração, que não se importava em sacrificar uma ou outra vida em nome da nossa causa?

– Sim, senhor.

– Então me explique esse negócio de ter pena do vampiro que quase acabou conosco.

O executivo pareceu embaraçado.

– Bem, é que o caso do vampiro Felipe me pareceu muito triste. Ele foi uma criança paranormal, que foi usada em experiências durante a Guerra Fria. Parece que a passagem dele para a vida vampírica foi também traumática. E, agora, o estamos tratando quase da mesma forma que os sujeitos que o transformaram nesse monstro...

– Hum... – disse a voz no telefone. – Você pode ter razão. Por outro lado, ele está sendo tratado assim porque se tornou mesmo um monstro perigoso. Não confie nele, Sidnei. Pense, por que você está agora com esse surto de compaixão? Não será uma sugestão mental do interno Felipe, procurando uma brecha para escapar?

Sidnei sobressaltou-se. Era isso mesmo. E ele estava quase caindo nessa!

– O senhor tem razão, como sempre – o executivo ajustou os óculos. – Tomarei as providências necessárias para impedir o interno Felipe de repetir esse tipo de truque. Sem falsos escrúpulos, eu lhe garanto.

– Muito bem. Precisamos de homens como você para tomar as medidas certas, sem amolecer.

– Filhos da puta como eu, o senhor quer dizer.

– Na verdade, sim – disse a voz. – Isso o incomoda?

Sidnei respondeu sem hesitar.

– Não. Sou mesmo um canalha, não nego. A única coisa sagrada para mim é a minha vontade sincera de servi-lo, *mestre*.

– Obrigado, Sidnei – a voz parecia mais bem-humorada. – Mas não precisa usar essa linguagem antiquada para falar comigo. Os meus tempos como mestre já ficaram para trás, desde que abandonei a minha última cria para peregrinar pelo mundo.

– Sim, senhor.

– Por falar nela, diga-me, como está Kaori?

– Um pouco deprimida, senhor.

Um instante de silêncio instalou-se na linha. Depois, a voz do outro lado soou de novo.

– Ela é forte. Vai superar o que aconteceu como vem superando tudo e todos até hoje.

– Sim, senhor.

Um novo silêncio perdurou por alguns instantes na ligação. Depois, o presidente tornou a falar.

– Olhe só, Sidnei, como as coisas são maravilhosas. Veja este mundo cheio de humanos, de animais, de seres extraordinários como vampiros, famélicos, *nekomatas*, fadas, sacis, sereias... Pode perceber como tudo isso está interligado numa grande roda perpétua, cada coisa no seu lugar? E que trabalho estupendo é o nosso, cuidando, estudando, preservando todos esses espécimes fantásticos, evitando que se tornem apenas fábulas e lendas do passado?

Sidnei abaixou a cabeça, humilde.

– Não sei se posso, senhor, compreender o significado de nossas ações, às vezes.

A voz profunda do presidente ecoou pela sala.

– Eu também ainda não compreendo tudo, Sidnei. E acho que nunca entenderei. Eu sou um velho teimoso e cabeça-dura, que levou milhares de anos para descobrir isso. Só tenho uma vaga ideia deste mundo fantástico, de determinadas ações e reações que permitem que ele continue vivo. Mas é o suficiente.

– Sim, senhor... mestre!



Samuel Jouza não pediu um refrigerante, desta vez, no quiosque do Conjunto Nacional. Pediu um *cappuccino*. E um chocolate batido com bastante açúcar. Levou tudo até a mesinha alta, redonda, onde Beatriz o esperava.

A bióloga observava a multidão, relaxada. Daí a pouco pegaria o velho Gol e iria até o Parque do Estado para continuar o trabalho com a matilha de Nega, a famélica-alfa, que havia retomado o seu antigo território de caça ao ser libertada do cativeiro em que fora mantida por Felipe e Karl. Agora que sabia que os famélicos eram capazes de se comunicar, Beatriz estabelecera um início de aproximação com Nega, que a princípio a recebera com desconfiança, mas agora já permitia a sua presença por perto. A famélica chegara até a trocar algumas palavras com a bióloga, fornecendo importantes informações sobre os hábitos do seu grupo. Graças a isso, a pesquisa havia progredido muito. Logo os famélicos teriam o seu lugar como uma raça importante e respeitada dentro da hierarquia dos seres fantásticos, coisa que a enchia de orgulho e satisfação.

– Acho que vi um famélico – disse ela para Samuel, olhando fixo para um ponto na multidão que enchia a calçada da avenida Paulista. – É isso mesmo. É o Cascão...

O olheiro resmungou.

– Essa sua mania de colocar apelidos nos bichos faz as nossas conversas virarem um papo de doido. O Cascão cheirou a Clarabela, que correu até o Scooby-Doo, que rosnou para Chica, que se escondeu do Tibúrcio...

– Hunf – ela se fingiu de ofendida. – Melhor que as suas observações sem graça... “*V macho avistado 18h30, av. P, 22 anos, alt. 1,80...*”

– Ué, o que tem de errado?

Ela riu, acariciando o queixo barbado de Samuel.

– Nada, *vampwatcher*... Nada, mesmo!

Samuel coçou a cabeça, intrigado. Às vezes não entendia por que Beatriz ria tanto. Ela vivia rindo, especialmente do que ele dizia, mesmo que não fosse nada engraçado. Por conta disso, ele também acabava rindo, o que o transformava, sem querer, num sujeito risonho. Agora, os vizinhos da pensão o cumprimentavam todos os dias, o garçom da padaria onde comia com Beatriz sempre lhes trazia os melhores filés, conhecia quase todo mundo da rua. Samuel Jouza se tornara popular.

Ele estava bem. Trabalhava ainda como *vampwatcher*, mas estava pensando em retomar os estudos, fazer uma faculdade de Biologia, talvez. Tinha recommençado a escrever o seu livro sobre vampiros, agora com o apoio de Beatriz. Pela primeira vez na sua vida, tinha vários projetos em mente, idéias que queria tocar sem pressa, apreciando cada novo dia como se fosse o primeiro de uma longa vida. Mesmo que ela não durasse tanto quanto a de um vampiro.

Tinha saudades, às vezes, dos olhos amendoados e da pele gelada tatuada com um dragão rubro. Mas sabia que ela não voltaria mais. A vampira tinha se recolhido de novo ao mundo dos sonhos e desejos impossíveis, de onde tinha saído por um breve período, apenas para deixar doces recordações mais uma vez. Restara-lhe, agora, apenas a lembrança de um perfume suave, sensual, que perdurava na noite como uma carícia lasciva.

Anoitecia sobre a avenida Paulista. Um mundo fascinante, cheio de mistério, começava a ganhar vida por mais uma noite.



Giulia Moon

É ESCRITORA, ILUSTRADORA E EDITORA. Giulia foi mordida pela inspiração vampírica em 2000, quando começou a escrever seus primeiros contos de vampiros, divulgando-os em grupos de escritores da internet.

Em 2009, Giulia publicou seu primeiro romance, *Kaori: Perfume de Vampira* (Giz Editorial), onde narra a história de Kaori, uma bela vampira japonesa, desde o seu início como menina pobre e indefesa no misterioso Japão feudal, até as aventuras picantes e perigosas como uma vampira de programa na movimentada São Paulo contemporânea.

As criaturas de dentes afiados também lhe renderam três coletâneas de contos: *Luar de Vampiros* (Scortecci, 2003), *Vampiros no Espelho & Outros Seres Obscuros* (Landy, 2004) e *A Dama-Morcega* (Landy, 2006).

Se você gostou do livro, leia mais obras da autora!

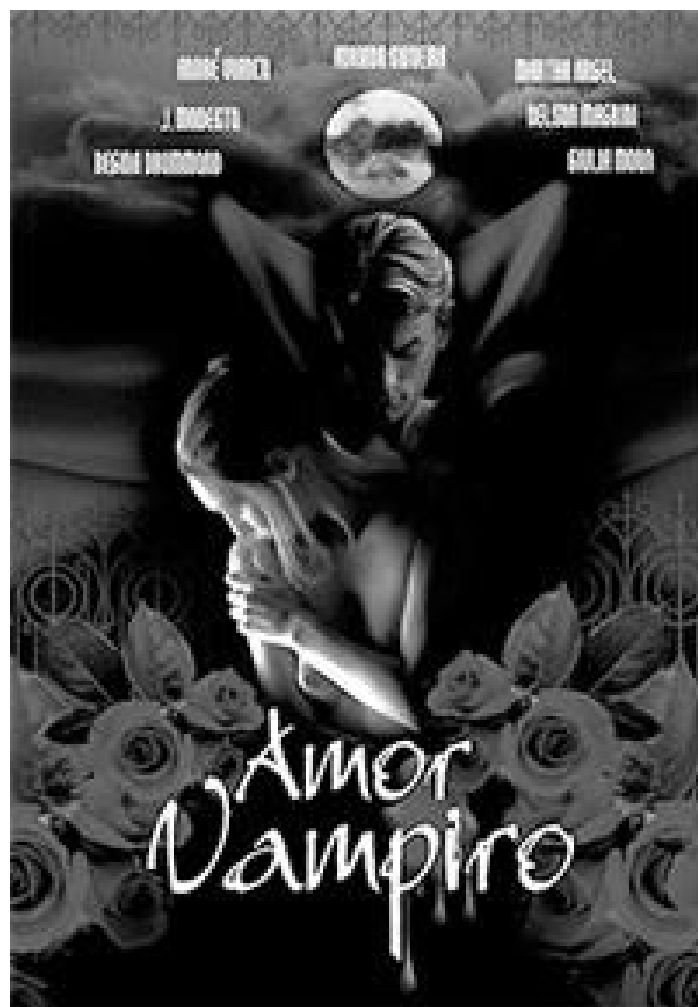


KAORI 2: CORAÇÃO DE VAMPIRA
GIULIA MOON
GIZ EDITORIAL, 2011

PRAIA DE COPACABANA, RIO. Uma bela garota oriental passeia pelo calçadão. Seus olhos oblíquos seguem alguém: Yoshi, um garoto de programa meio-brasileiro e meio-japonês, com um raro talento para sedução. Atraída por Yoshi, Kaori enfrenta um dilema: dar vazão ao seu desejo pelo mestiço ou manter-se protegida, salvaguardando o seu vulnerável coração?

Enquanto isso, o mundo sofre a ameaça de uma praga virulenta. Mortos-vivos, ogros, demônios e criaturas fabulosas em geral começam a enlouquecer. Em São Paulo, os especialistas do IBEFF entram em ação para controlar o surto. E Kaori será levada, a contragosto, para mais um perigoso confronto com a sua arqui-inimiga, Missora, uma cruel cortesã do Japão feudal.

Entre as paisagens tropicais cariocas e uma São Paulo caótica e agitada, a nova aventura de Kaori, a vampira, vai conduzir você por uma montanha-russa de emoções!



AMOR VAMPIRO

**ADRIANO SIQUEIRA, ANDRÉ VIANCO, GIULIA MOON, J. MODESTO,
MARTHA ARGEL, NELSON MAGRINI, REGINA DRUMMOND
GIZ EDITORIAL, 2008**

Nesta coletânea, você vai saber como foi o primeiro encontro entre Samuel Jouza e Kaori, narrado por Giulia Moon no conto “Dragões Tatuados”. Ande pela São Paulo agitada e caótica sob o olhar de Samuel, e viva com ele a emoção de um affair inesperado com Kaori, a vampira com o perfume da sedução!

Conheça também os ótimos autores da literatura de fantasia e horror brasileiros, que fazem companhia à Giulia neste eletrizante conjunto de narrativas sobre o amor. Adriano Siqueira, André Vianco, Martha Argel, J. Modesto, Nelson Magrini e Regina Drummond vão levar você pelos mistérios de um amor especial e perigoso: o amor vampiro!